



PRIMEIRO TRIMESTRE

# Paraíba registra 2,4 mil casos de quedas envolvendo crianças

Média diária é de quase 27 acidentes, provocando alerta sobre a segurança de meninos e meninas. **Página 6**

Foto: Leonardo Ariel



## Engenhos são lembranças do período colonial no estado

Locais voltados à principal atividade econômica da época, a produção açucareira, também tiveram papel importante na formação social. **Página 25**

Ilustração: Luiza Fonseca

## Alvos da violência humana, timbus resistem nas matas de JP

Animais desempenham um papel fundamental nos serviços ecossistêmicos, espalhando sementes por áreas degradadas e se alimentando de pragas urbanas, como ratos e escorpiões, mas são confundidos com roedores e sofrem ações criminosas. Campanha da Prefeitura Municipal quer conscientizar a população.

**Página 20**



Foto: Edson Maças/Arquivo

## Memórias

### Quase duas décadas de dedicação diária às páginas de A União

Sebastião Leite começou nas oficinas, trabalhando na montagem, mas aceitou o desafio de editar as capas. Acabou tornando-se uma referência em organização e considera o jornal uma escola “que nunca vai acabar”.

**Páginas 14 e 15**

## Turismo resgata dignidade de ribeirinhos no Porto do Capim

Roteiro busca criar alternativas sustentáveis, preservar a história e levar inclusão à comunidade.

**Página 17**

## Golpes a idosos geram traumas e deixam prejuízos financeiros

Maior parte dos crimes é cometida por quadrilhas que atuam no país. Saiba como prevenir casos.

**Página 5**

## Belo enfrenta o Remo, hoje, buscando a 1ª vitória em casa

Partida válida pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C será no Almeidão, às 16h30.

**Página 21**

■ “Com uma organização fragmentada, torna-se impossível vencer os desafios colocados pelo modelo econômico neoliberal. O movimento sindical brasileiro precisa retomar o seu papel de protagonista”.

Rui Leitão

**Página 2**

■ “Silenciar a crítica pública, esconder malfeitos, inibir a atuação de jornalistas. Esses são alguns objetivos do chamado assédio judicial. O termo significa o uso de medidas judiciais de efeitos intimidatórios contra o jornalista”.

Angélica Lúcio

**Página 26**

## Senado analisa novas regras para heranças

Proposta retira cônjuges e companheiros da lista de herdeiros necessários e privilegia filhos e pais.

**Página 13**

# Editorial

## Relações étnico-raciais

Flagrantes de racismo, condenavelmente, são muito comuns no cotidiano da sociedade brasileira. Casos de trabalhadores e trabalhadoras negros, por exemplo, sendo agredidos – física, psicológica ou moralmente – por patrões e patroas, ou de jovens sofrendo humilhações durante abordagens policiais, simplesmente por serem negros e pobres. Um problema a ser resolvido, para se alcançar a cidadania plena, no Brasil.

Nas escolas não é diferente. Núcleos de suma importância na formação cultural, técnica e intelectual de crianças e jovens, as instituições de ensino cumprem um papel fundamental também na educação cidadã da juventude estudantil, capacitando os futuros adultos, no sentido de participar efetivamente da vida em sociedade, respeitando a diversidade, as diferenças, para que a democracia seja exercitada - de fato e de direito.

Ciente do papel das escolas no desenvolvimento de uma consciência cidadã, e também para evitar casos de racismo nos ambientes de ensino-aprendizagem, o Ministério da Educação (MEC) anunciará, no dia 14 deste mês, protocolos de prevenção e resposta ao racismo nas escolas. Os editais com as propostas serão publicados nos próximos meses e poderão ser aplicados nas instituições públicas e privadas de ensino de todo o país.

De acordo com a Agência Brasil, o lançamento dos editais “faz parte do desenho da Política Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais, que deve ser anunciada ainda neste mês. A proposta tem sete eixos, entre os quais destaca-se o diagnóstico de monitoramento da implementação da Lei nº 10.639/2003, que determina a inclusão obrigatória do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica.

A aplicação de uma política contra a intolerância racial vem em boa hora, levando-se em conta o registro recente de casos de racismo em estabelecimentos educacionais. A Agência Brasil cita pesquisas feitas neste ano e em 2023, segundo as quais “71% das secretarias municipais de Educação não têm ações consistentes para atender a legislação”, e “cerca de 90% das turmas de educação de creche e pré-escola ignoram temas raciais”.

O caso demanda mobilização nacional, para acelerar a implementação da Lei nº 10.639/2003. Segundo a Agência Brasil, o MEC “deve anunciar um trabalho de fortalecimento das redes educacionais por meio de um regime de colaboração e coordenação federativa”. Entre os “atrativos”, diversos incentivos financeiros, técnicos e simbólicos, para favorecer a rápida instituição da política nacional de educação das relações étnico-raciais.

# Artigo

## Os desafios do sindicalismo brasileiro

Não há como negar, o sindicalismo brasileiro vem já há algum tempo enfrentando grandes desafios. Principalmente nas lutas a serem desenvolvidas em defesa da CLT e dos direitos sociais contidos na Constituição. Nos últimos anos, reformas trabalhistas atacaram de forma demasiada as relações de trabalho e a organização sindical. Não é uma tarefa fácil, ainda que esteja no comando da nação alguém comprometido com essas causas, egresso do movimento sindical, mas, lamentavelmente, o parlamento é atualmente composto por lideranças políticas refratárias, muito mais do que resistentes às mudanças progressistas, submissas aos interesses das elites dominantes.

Percebe-se, claramente, que uma maioria reacionária do Congresso está disposta a promover ações que reduzam o custo da força de trabalho, para, assim, ampliar os lucros do patronato. As Centrais Sindicais têm, então, a responsabilidade de buscar o espírito unitário para somar esforços no sentido de enfrentar o grande capital, que está, cada vez mais, organizado.

Os sindicatos precisam voltar ao tempo em que atuaram ativamente a partir do surgimento do Novo Sindicalismo, com origem no ABC paulista e sob a liderança do metalúrgico Lula da Silva, e ofereceram importante contribuição no processo de redemocratização no período pós-Ditadura Militar. Com a chegada do neoliberalismo ao Brasil e depois do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, foi implementada uma agenda de retrocessos, impondo medidas com o propósito de precarizar e flexibilizar os direitos trabalhistas, enfraquecendo a negociação coletiva e o movimento sindical ao abrir a possibilidade de negociações individuais em inúmeros temas. Isso agravado pelo impacto da tecnologia no mercado de trabalho, concorrendo para o aumento dos índices de desemprego.

Com uma organização fragmentada, torna-se impossível vencer os desafios colocados pelo modelo econômico neo-liberal. O movimento sindical brasileiro precisa retomar o seu papel de protagonista na criação das bases da reconstrução do Brasil, adotando uma Pauta Unificada da Classe Trabalhadora. Faz-se necessário, no entanto, combater as práticas antisindicalistas. Inclusive, dentro de algumas categorias de trabalhadores que mantêm por décadas a mesma composição social das direções, sem renovação de lideranças, se mostrando incapazes de promover inovações e reformas, resultando no enfraquecimento dessas instituições. É verdade que

Rui Leitão

# Foto

## Legenda

Julio Cezar Peres



Bagunça organizada

# Artigo

## Bem-estar digital

Rafael Terra

Colaboração

Nesta semana, celebramos em 5 de maio, o Dia do Bem-estar Digital. A data integra um movimento global que visa a construção de uma relação mais saudável com a tecnologia. Nesse sentido, é importante refletir sobre como o conteúdo que consumimos on-line pode enriquecer ou empobrecer nosso bem-estar.

Um estudo realizado pela Universidade de Michigan revelou uma correlação direta entre o uso excessivo de redes sociais e o aumento de sentimentos de solidão e depressão. Esse dado alarmante reforça a importância de filtrar ativamente o conteúdo que permitimos em nossas vidas digitais.

A analogia de que somos a média das cinco pessoas com quem mais convivemos é amplamente conhecida, mas no âmbito digital essa máxima ganha uma nova dimensão. Com mais horas gastas on-line do que em interações físicas, torna-se crucial reconhecer que as figuras que seguimos nas redes sociais exercem uma influência significativa sobre nós.

A influência digital vai além da inspiração. Ela consegue moldar nossa autoimagem e percepções do mundo. Cada um de nós, independentemente do número de seguidores, exerce alguma forma de influência digital. Esse reconhecimento impõe a responsabilidade de escolher conscientemente quem nos influencia e de que maneira.

Optar por ser influenciado por vozes que promovem crescimento e positividade deve ser uma prática fundamental na sua jornada digital. Escolher seguir perfis e páginas que nutrem nossa mente e evitar aqueles que contribuem para a ansiedade ou negatividade precisa estar no topo das suas prioridades. Afinal, a exposição contínua a conteúdos tóxicos pode levar a um ciclo prejudicial, reforçado pelos algoritmos que nos encorajam a permanecer engajados com os mesmos tipos de conteúdo.

Desenvolver um consumo crítico de informações tornou-se, então, uma habilidade indispensável. Identificar e evitar *fake news* e

“  
Torna-se  
crucial  
reconhecer que  
as figuras que  
seguimos nas  
redes sociais

Rafael Terra

conteúdos enganosos, buscando fontes confiáveis, é parte de manter uma dieta digital saudável. Ser um “jardineiro digital”, cultivando uma paisagem on-line repleta de verdades e conteúdos enriquecedores, é uma meta a ser alcançada.

Realizar uma curadoria consciente do conteúdo digital que consumimos é essencial para garantir que nosso engajamento on-line seja benéfico e enriquecedor. Ao fazer uma seleção criteriosa do que permitimos entrar em nosso espaço digital, podemos proteger nossa saúde mental e promover nosso crescimento pessoal.

Faça o teste aí no seu celular; a cada vídeo ou publicação que aparecer no seu *feed*, se pergunte: “Este conteúdo acrescenta valor à minha vida?”, “Como me sinto após clicar este conteúdo?”, “Ele reflete meus valores e crenças?”, “Ele me inspira a ser uma pessoa e um profissional melhor?”, “Ele me coloca em uma posição onde me comparo negativamente com outras pessoas?”.

Essa reflexão te ajudará a alimentar a sua mente com conteúdo que nutre e não que esgota! Afinal, o maior *like* que você pode dar é amar a si, mesmo longe das telas.

Excepcionalmente não publicaremos, neste domingo, a coluna de Gonzaga Rodrigues. O colunista retorna ao espaço na próxima semana.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

**PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042**  
**Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509**  
**E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)**  
**ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00**  
**CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

PRODUÇÃO RURAL

# Governo aprova segunda fase do Incluir Paraíba

*Iniciativa fortalece agricultura familiar e leva qualidade de vida a produtores*

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

O Governo do Estado da Paraíba segue investindo no desenvolvimento sustentável do meio rural com a aprovação da segunda fase do Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais, o Incluir Paraíba. A iniciativa vem fortalecendo ações voltadas para agricultura familiar e tem trazido qualidade de vida a milhares de famílias agricultoras de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

O Incluir Paraíba já funcionava como uma ação de governo desde 2009. A partir de 2023, passou a ser política de Estado, por força da Lei nº 12.667, que beneficia especialmente mulheres e jovens da zona rural paraibana.

De acordo com o gerente-executivo de Projetos Especiais da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento do Semiárido (SEAFDS), Jailson Lopes, a conclusão da primeira fase do programa está prevista para o mês de agosto.

Os recursos para a segunda fase já estão aprovados pelo Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza no Estado da Paraíba (Funcep). Com isso, cerca de 2.140 famílias de 107 municípios devem passar a ser atendidas pelo programa. Além disso, segundo Jailson Lopes, o governador já está providenciando um ajuste do valor para equiparação em nível federal, o que poderá elevar o benefício a R\$ 4.600 por família.

O gerente-executivo explica que os projetos são escritos por meio de um diagnóstico que envolve o planejamento institucional em conjunto com a participação das famílias. “O Programa Incluir é um marco pós-pandemia, com a retomada de crescimento e fomento para ações produtivas. Sabemos que o estímulo para mulheres e jovens no meio rural é muito escasso e geralmente esses são os primeiros a migrarem diante da falta de oportunidades. Então, o programa é muito mais do que apenas o envio do recurso: é um processo educativo e de emancipação desse público”, diz Jailson.

O Incluir Paraíba é coordenado pela Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento do Semiárido e executado pela Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer). Atualmente, o programa atende a 14



Foto: Divulgação/Secom-PB

Programa do governo estadual beneficia, especialmente, mulheres e jovens da zona rural



Foto: Pixabay

Avicultura, produção de ovos e cultivo de hortaliças estão entre atividades contempladas

das 15 Gerências Regionais da Empaer no Estado, prestando assistência técnica continuada a 1.040 famílias agricultoras em 52 municípios.

A partir dessa iniciativa, o protagonismo na agricultura familiar tem sido cada vez mais comum na Paraíba. Com o Incluir Paraíba, o Governo do Estado resgata a dignidade dos pequenos agricultores da Zona Rural, em mais uma ação de inclusão social e em prol da redução das desigualdades sociais.

### Público-alvo

De acordo com a Lei Estadual nº 12.667, de 12 de junho de 2023, o Incluir Paraíba tem como objetivo a ascensão social e econômica de famílias agricultoras. O programa se destina à implantação de projetos produtivos, com especial

atenção a atividades desenvolvidas por mulheres e jovens da zona rural.

O Incluir Paraíba está articulado com outras políticas públicas, tais como a Medida Provisória nº 1.164/2023 — que instituiu o Programa Bolsa Família —, o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) — incluído no art. 6º da Constituição Federal — e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, instituída pelo Decreto Federal nº 7.794/2012.

Podem ser beneficiados pelo programa os agricultores familiares e beneficiários enquadrados na Lei nº 11.326/2006, além de outros grupos definidos como prioritários pelo Poder Executivo.

As famílias agricultoras interessadas em participar devem satisfazer os seguintes re-

quisitos: achar-se em situação de extrema pobreza; estar inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico); e possuir Declaração de Aptidão ao Pronaf (Dap) ativa e/ou ter inscrição no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) ativo. Enquadra-se na situação de extrema pobreza, para os efeitos da lei, a família agricultora com renda per capita mensal de até R\$ 168.

Os beneficiários recebem os recursos do Incluir Paraíba em caráter temporário. O Estado é autorizado a transferir até R\$ 2.500 diretamente à família beneficiária. O valor é pago preferencialmente à mulher responsável pela unidade familiar. Há, ainda, a possibilidade de acréscimo de R\$ 1.000 para atividades realizadas por mulheres ou jovens rurais.

meira fase do Incluir Paraíba já foi concluída. Conforme o extensionista da Gerência Operacional da Empaer, Flávio Marcílio Domingos, 15 famílias foram beneficiadas com a aplicação de R\$ 52.500 no município. Elas desenvolveram projetos de avicultura de corte, produção de ovos, suinocultura, apicultura e cultivo de hortaliças.

peranças de vender os excedentes de sua produção para o comércio local e para programas institucionais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

### Investimentos

Em São Francisco, a pri-

## UN Informe

DA REDAÇÃO

### INICIATIVAS PARA IMPULSIONAR O TURISMO ATINGEM CERCA DE 75 MIL PESSOAS NESTE ANO

O Governo da Paraíba, por meio da PBTur e da Setde, vem promovendo uma série de ações para divulgar o estado em nível nacional e internacional. Com um investimento total de mais de R\$ 1,1 milhão, foram realizados 20 eventos em sete estados brasileiros, 13 cidades e Portugal, alcançando cerca de 75 mil pessoas entre fevereiro e abril. Destacam-se os Famtours e fampress, que levaram agentes de viagens e profissionais de comunicação a conhecer os atrativos paraibanos, ampliando a visibilidade dos destinos turísticos. Além disso, a Central Móvel de Informações Turísticas ofereceu suporte aos visitantes em diversas localidades. Para Ferdinando Luceña, presidente da PBTur (foto), investir no turismo é gerar oportunidades de trabalho e preservar a cultura local. A secretária Rosália Lucas reforça

que as ações buscam fortalecer o turismo, impulsionar a economia e preservar a identidade paraibana, contribuindo para um desenvolvimento sustentável do estado.



Foto: Divulgação

### ISENÇÃO FISCAL

A Secretaria da Receita da Prefeitura de João Pessoa já concedeu mais de 450 isenções, desde janeiro deste ano, para empresários que desejam investir no centro da capital por meio do programa Viva o Centro. Na última semana, a Prefeitura, em parceria com o Governo do Estado e a Câmara Municipal, realizou a Feira de Negócios Viva o Centro para orientar empresários e a população que deseja investir ou morar na região.

### CONCURSO DO BNDES

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) confirmou que vai promover um concurso público para preencher ao menos 150 vagas de nível superior. Esse será o primeiro processo seletivo da instituição após 12 anos. Os candidatos admitidos ingressarão em um novo “Plano de Cargos e Salários”. Para o cargo de analista, o salário inicial será de R\$ 20,9 mil.

### RECURSOS PARA A CULTURA

A Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) reuniu, na última quinta-feira (2), os integrantes do Conselho Municipal de Política Cultural, para analisar e aprovar o Plano Anual de Aplicação de Recursos (PAAR), da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), que vai destinar à capital paraibana mais de R\$ 5,9 milhões para o fomento à cultura.

### TELEVISÃO DIGITAL

Mais de 82 mil famílias na Paraíba já estão utilizando a nova parabólica digital, instalada pelo Siga Antenado, entidade responsável pela substituição gratuita dos equipamentos antigos nos lares de baixa renda. A previsão é atender 92 mil moradias no estado. Os agendamentos estão abertos em 83 municípios, mas em 29 deles o percentual de instalação está abaixo do esperado.

### COMO TER ACESSO

Os pré-requisitos para receber o benefício é estar inscrito em algum programa social do Governo Federal (CadÚnico) e ter uma parabólica tradicional em pleno funcionamento. Para conferir se tem direito e fazer o agendamento, basta acessar o site [www.sigaantenado.com.br](http://www.sigaantenado.com.br) ou ligar para 0800 729 2404. O equipamento garante o uso da TV com sinal digital, que tem melhor qualidade de som e imagem.

### CRISE DE SAÚDE MENTAL NO BRASIL

Uma pesquisa realizada pela plataforma Neurotech Sapien Labs, em 71 países, revelou que o Brasil está em quarto lugar no ranking das piores taxas de saúde mental. O levantamento deixa evidente uma situação grave e que impacta a saúde pública, a segurança e até a produção econômica brasileira. Entre 2018 e 2022, as intervenções psiquiátricas deram um salto de 131%, passando de 794 para 2,1 mil. É o sinal de alerta: precisamos voltar atenções para a crise de saúde mental no país.

## Projeto transforma vida de famílias no Sertão

A agricultora Aurineide Batista, do município de São Francisco, no Alto Sertão do estado, foi contemplada com R\$ 3.500 pelo programa. Com o recurso, ela investiu em um quintal produtivo onde realiza atividades de avicultura, produção de ovos e cultivo de frutíferas, como manga e acerola, além de plantas medicinais.

Construindo um aviário, adquirindo 50 pintinhos e garantindo a ração dos animais, Aurineide disse estar muito contente com o programa. “O projeto me ajudou bastante, pois pude aumentar a minha pequena criação de galinhas e melhorar as condições de vida da minha família”, conta.

A agricultora já tem es-

Foto: Roberto Guedes



## Júnior Caroé

Secretário Executivo de Estado do Orçamento Democrático do Governo da Paraíba

# “O cidadão precisa fazer parte do dia a dia do Estado”

Em entrevista ao *Jornal A União*, o secretário executivo convoca a população para participar das audiências do ODE

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Começou neste fim de semana mais uma rodada de audiências públicas para a composição do Orçamento Democrático Estadual (ODE), uma iniciativa do Governo da Paraíba que busca ampliar a participação da população na administração pública. Por trás desse importante mecanismo, está Júnior Caroé, secretário executivo do ODE, que desde abril de 2022 se dedica à gestão e articulação do processo participativo, garantindo que a voz de todos os paraibanos, independentemente de onde eles estejam, seja plenamente ouvida pelo Poder Público. Natural de João Pessoa, o secretário é especialista em Gestão Pública e acumula passagens em diversos setores do Estado, desenvolvendo atividades de assessoria técnica e participação social. Nesta entrevista exclusiva ao *Jornal A União*, Caroé aborda a relevância do ODE como instrumento essencial para o planejamento de políticas públicas e destaca seu poder agregador, ao colocar a população no papel de protagonista.

## Entrevista

■ Como você descreveria o conceito de orçamento participativo e quais são seus principais objetivos?

Sempre dizemos aqui na secretaria que existem duas definições do Orçamento Democrático: uma para dentro do governo e outra para a sociedade. Internamente, o Orçamento Democrático é um instrumento auxiliar de planejamento das políticas públicas. Por isso que somos lotados na Secretaria de Planejamento, que trata de orçamento e gestão. A partir do momento em que colocamos a participação popular, por meio de uma decisão política, para ser um método de governo, uma decisão que aconteceu através do governador João Azevêdo, fazemos com que todos os outros secretários e órgãos comecem a ver a vontade da população com outros olhos. Sabemos que existem muitos gestores que querem ver a coisa mudar e fazer acontecer, mas que em alguns momentos não têm essa preocupação, ou possibilidade, de conversar com quem está sendo servido pela política pública. Por exemplo, eu sei que existem muitas demandas com o secretário de Educação, e ele não tem condições de ir em 600 escolas para escutar os alunos, assim como o secretário de Saúde, que também não teria como visitar mais de 30 hospitais regionais para escutar a população que está sendo atendida. Então, precisamos ter um ponto focado dentro do governo que faça essa ponte com a população para podermos planejar melhor a política pública. Somos, então, o braço auxiliar do planejamento das outras secretarias, mas sem disputar espaço com elas.

■ De que forma o orçamento participativo impacta a vida dos cidadãos?

A definição do ODE para a sociedade nada mais é do que um convite para a população participar do cotidiano da administração pública. Muita gente desapareceu e perdeu a vida para que o povo brasileiro tivesse a oportunidade de se colocar na adminis-

tração pública. E na Constituição de 1988 isso foi positivado, dizendo que é direito do cidadão participar do cotidiano da administração pública. Uma conquista que consta em 24 dispositivos diferentes, da Educação à Execução Orçamentária. Porém, de 1988 para cá, passaram quase 40 anos, percebemos ainda que a participação popular, por mais que esteja na lei, só acontece por vontade política. Muitas vezes, as pessoas miram na participação, mas só acertam no processo eleitoral, achando que a população só deve participar na hora de depositar seu voto na urna. E não é isso. O cidadão precisa fazer parte do dia a dia do Estado, porque é a política que define tudo na vida da gente, do preço do feijão à passagem do ônibus. Vejo o Orçamento Democrático como um convite diário e genuíno à população da Paraíba para participar ativamente do cotidiano do governo, mostrando que ela também tem o poder de decidir o destino dos nossos recursos.

■ Como a secretaria aborda e gerencia demandas mais cotidianas, que seriam de responsabilidade das prefeituras?

Existe muito diálogo com as prefeituras. Todos os anos, tentamos separar tudo aquilo que é demanda de responsabilidade do Estado daquilo que envolve as prefeituras. Além da Seplag (Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão), onde o ODE está inserido, temos uma secretaria orientadora que interage com os municípios, que é a Sedam (Secretaria de Estado do Desenvolvimento e da Articulação Municipal). Dessa forma, as demandas que são de cunho municipal não se perdem e são direcionadas para as prefeituras. Além disso, algumas delas também têm instrumentos ou organismos de participação, então, nesses casos, o diálogo é mais direto. É o que acontece nos municípios de Patos, Sapé e João Pessoa. Hoje, temos 54 municípios que têm políticas próprias de participação social. Nesses diálogos damos os caminhos para que possam prepa-

rar e apresentar projetos ao governo, de olho até na construção de um convênio. Se não temos como executar diretamente, podemos subsidiar para que as prefeituras possam achar o melhor caminho. No Cariri paraibano, por três anos, a população demandou a construção de um hospital veterinário que beneficiaria 18 municípios da região. Porém, o governo não poderia fazê-lo, porque toda a verba de vigilância em saúde vai diretamente para os municípios. Então, o governador conversou com o presidente do consórcio de saúde da região para que apresentasse um projeto para o estado. Aí eu tenho como estudar a melhor forma de fazer acontecer, desde que o consórcio se comprometa a mantê-lo. Isso tudo é muito importante, porque senão essas demandas se perderiam. Para você ter ideia, só no ano passado, foram apresentadas 95.234 demandas em 16 audiências com a participação de quase 93 mil pessoas presencialmente, que fizeram questão de sair de suas casas numa sexta-feira à noite, ou no sábado até, para dialogar com o Poder Público.

■ Quais são as novidades do ciclo 2024 do Orçamento Democrático?

Nossa expectativa quanto à participação da população é bem maior em relação ao ano passado. Neste ano, a diferença é que teremos a presença dos nossos conselheiros nas audiências. Em 2023, durante os 16 encontros que promovemos no estado, também fizemos em paralelo a eleição para 14 conselhos regionais, um para cada região administrativa do estado. São homens e mulheres sem relação alguma com o governo e que realizam um trabalho totalmente voluntário. Foram eleitos 453 conselheiros de 192 dos 223 municípios da Paraíba, com mandato de dois anos. Então, a partir de agora, teremos uma mobilização prévia, anterior às audiências, para mobilizar os municípios. Nessas reuniões preparatórias, a nossa equipe poderá visitar a prefeitura, a igreja, o sindicato rural e escutar as demandas diretamente do povo. Esse processo de mobilização qualifica a audiência. Então, acredito que neste ano teremos audiências muito mais qualificadas do ponto de vista da educação cívica. Além disso, teremos um ciclo muito especial para que as mulheres sejam muito mais ouvidas. A participação popular paraibana é eminentemente feminina. Por isso, estamos estimulando essas mulheres a virem para a linha de frente, liderando e criando um Estado mais seguro, sólido e igualitário. Só vamos conseguir isso dando voz para as mulheres. Nossa principal campanha é valorizar a participação feminina, então agora elas participam e falam por si mesmas.

■ Além de mobilizar, o que mais os conselheiros fazem?

A mobilização envolve o acompanhamento das ações do governo,

mas acredito que o principal papel dos nossos conselheiros é refinar as prioridades. No ano passado, contabilizamos 95.234 demandas, mas ainda não tínhamos os conselheiros para filtrá-las. Então, tivemos que fazer uma peneira muito grande, observando aquilo que havia sido demandado oralmente e, também, em nosso sistema de votação digital. Ao final, equilibramos o que foi mais demandado e encaminhamos 142 propostas. Agora, com os conselheiros atuando nesse processo, são eles que irão dizer o que é prioridade para determinada região, até porque eles sabem apontar o que é mais urgente. Não quer dizer que uma demanda que não foi incluída no orçamento não possa ser atendida no ano seguinte. Mas, agora, a diferença é que teremos a própria população priorizando as demandas. Para ser um conselheiro, você precisa viver, morar na cidade e ter 18 anos [ou mais]. Também pedimos para que tenha alguma atuação social, seja numa associação ou cooperativa. Esse envolvimento é importante, porque assim formamos esse conselheiro, e ele também terá condições de formar outras pessoas. É um movimento em cascata que impulsiona a criação de espaços mais democráticos. Em vez da tutela, queremos priorizar a autonomia do povo paraibano.

■ O Orçamento Democrático abrange os 223 municípios do estado. Como são distribuídas as audiências no território paraibano?

Cada região tem um município-sede, que geralmente é a maior cidade daquele território. Normalmente, esses são os municípios prioritários para receberem as nossas audiências. Na primeira macrorregião, é João Pessoa; na segunda, a audiência acontece em Guarabira; na terceira, é no município de Campina Grande; e por aí vai. Porém, como a região de Campina é enorme, com 39 municípios, vamos fazer duas audiências neste ano: uma em Campina e outra em Juazeirinho. Porém, no ano passado, nós conseguimos combinar com o governador João Azevêdo para que outros municípios também tivessem a oportunidade de sediar as audiências. Quando eu centralizo em um município, acabo limitando a participação. Além disso, a maioria das demandas é apoiada e escolhida pelo maior município, de forma natural; então, as solicitações do menor acabam sendo menos priorizadas. Em 2023, fizemos uma experiência: descentralizamos as 16 audiências, que historicamente aconteciam nos grandes centros urbanos. Então, pela primeira vez, tivemos uma audiência em São José de Piranhas, em vez de Cajazeiras. No lugar de Patos, realizamos em Santa Luzia. O município de Mamanguape foi substituído por Rio Tinto. No Curimataú, fizemos em Cubati, que foi a audiência mais emblemática, considerando que o município tem 7,2 mil habitantes,

e contabilizamos oito mil pessoas na audiência. Quando mudamos a geografia, começamos a dar mais voz aos municípios menores em relação aos maiores. Os municípios maiores garantem uma mobilização significativa, o que resulta em uma grande votação para suas demandas.

■ Aumentar o número de audiências seria uma forma de ampliar o alcance do ODE?

Aumentar o número de audiências não parece ser interessante; em vez disso, considero importante descentralizar esse rodízio. A experiência do ano passado foi maravilhosa, especialmente em termos de participação. Porém, neste próximo ano, faremos apenas audiências nas sedes, para podermos comparar e decidir o que faremos a partir do ano seguinte – se descentralizamos completamente ou se fazemos rodízios anuais. Inclusive, acredito que 16 audiências é um bom número, algo que nem é praticado em nenhum canto deste país. Para você ter noção, nós tivemos mais público do que a junção das 27 audiências nacionais do Plano Plurianual, do Governo Federal. Isso, inclusive, é motivo de orgulho para a Paraíba. Só no ano passado, foram quase 8 km de chão rodados, durante três meses. O que estamos amadurecendo aqui é a criação de espaços setoriais, ou seja, a realização de audiências direcionadas. Inclusive, já elencamos algumas grandes áreas de interesse: proteção às mulheres, população LGBT, PCD, racismo, juventude, meio ambiente, cultura, população quilombola, povos tradicionais e agricultura familiar. Neste ano, por conta do calendário eleitoral que aperta todo mundo, não temos como colocar essa estratégia em prática. As nossas audiências vão acabar na primeira quinzena de julho, depois entramos no processo de planejamento democrático, que é o refinamento das demandas, e temos até 31 de agosto para enviar o Projeto de Lei Orçamentária para a Assembleia Legislativa.

■ Como o cidadão pode participar e indicar suas prioridades orçamentárias?

A rodada de audiências deste ano começa no dia 3 de maio, no Curimataú, e acaba em 13 de julho, em João Pessoa, sempre com a presença de todos os secretários e do governador, afinal trata-se aqui de uma atividade do governo – praticamente um chamamento interno, uma convocação do governador. Lembrando que a população também pode participar virtualmente desse processo, por meio do site votacaoode.pb.gov.br, a partir do dia 3. A pessoa pode fazer propostas e votar nas mais prioritárias. No ano passado, tivemos 92.460 interações em nosso sistema. Já presencialmente, de 2019 a 2023, a participação do povo paraibano praticamente dobrou, passando de 46 mil participantes para mais de 92 mil.



Maria Bernadete, 67 anos, foi vítima de uma fraude praticada por telefone e transferiu para os criminosos a quantia de R\$ 6.700

COM IDOSOS

# Golpes financeiros registram queda

De janeiro a abril deste ano, foram cerca de três ocorrências mensais e, no ano passado, o número chegou a nove

João Pedro Ramalho  
joaopramalho@gmail.com

João Pessoa registrou, nos primeiros quatro meses do ano, uma tendência na redução dos golpes financeiros contra pessoas idosas. De acordo com a Delegacia Especializada no Atendimento ao Idoso, foram instaurados 13 inquéritos de estelionato e fraude eletrônica contra idosos no período, uma média de 3,3 registros por mês. Em todo o ano passado, o número mensal foi quase três vezes maior (9,1), com 109 casos investigados pela Polícia Civil. Em 2023, aliás, o prejuízo financeiro total causado às vítimas foi, de aproximadamente, R\$ 500 mil.

Segundo o titular da Delegacia Especializada no Atendimento ao Idoso, Francisco Marinho, a Polícia Civil consegue indiciar, geralmente, 95% dos investigados. O delegado também traça um perfil das vítimas mais recorrentes, bem como da origem dos golpistas. “De modo geral, as vítimas mais vulneráveis são as pessoas do sexo feminino, independentemente de renda. Geralmente, também são aposentados com pouca integração às tecnologias digitais. Quanto às pessoas que cometem os crimes, existem casos envolvendo familiares, mas a grande maioria é de quadrilhas organizadas que atuam em todo território nacional”, relata.

### Modalidades

De acordo com o delegado Francisco Marinho, a modalidade de estelionato mais comum é feita por WhatsApp. “É a chamada ‘mão fantasma’, quando o criminoso liga para o idoso, como se fosse de uma central telefônica do banco da vítima, e, de forma ardilosa, se apodera dos dados bancários”, explica. O advogado criminalista e professor de Direito Penal da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Rômulo Braga, explica que os idosos são vítimas frequentes de golpes financeiros por terem maior vulnerabilidade. “Às vezes, a pessoa idosa não tem um conhecimento dos avanços na informática e torna-se vítima com mais facilidade. Outras vezes, o idoso vai até uma

agência bancária para fazer um saque e alguém se apresenta para ajudar, mas termina subtraindo a senha daquela vítima”, afirma o especialista, que também é docente no Centro Universitário de João Pessoa (Unipê).

Outro caminho que os criminosos podem seguir é o emocional. Foi assim que a aposentada Maria Bernadete Trajano da Silva, de 67 anos, tornou-se vítima de uma fraude e perdeu, ao todo, R\$ 6.700. Ela estava em sua casa, em Santa Rita, quando recebeu a ligação de um criminoso, fingindo ser o seu sobrinho Vamberto Fernandes, que morava em Franca-SP. Segundo a história contada pelos golpistas, ele estaria viajando para a Paraíba, mas precisava de dinheiro para consertar seu carro.

Durante a chamada, ouvia-se ainda o choro de uma criança, que a aposentada pensou ser a filha recém-nascida do sobrinho. A cena armada não gerou desconfiância em Maria Bernadete. “Eles conversam de uma forma que você não vai perceber nunca que você vai cair. E quando você é muito apegada e protege sua família, em qualquer novidade de carência da pessoa que está precisando, você acha que é verdade”, afirma.

Nervosa e com medo de os familiares estarem em perigo, Maria Bernadete dirigiu-se à agência bancária e transferiu o dinheiro solicitado, em três depósitos diferentes, nos valores de R\$ 500, R\$ 1.200 e R\$ 5.000. Ela só se deu conta do golpe quando chegou a sua casa. Segundo a aposentada, apesar do baque financeiro, os efeitos psicológicos após o golpe foram maiores. Hoje, porém, ela considera o episódio superado. “Eu fiquei com medo e não consegui dormir à noite, mais ou menos, por três a quatro meses. Parecia que eu estava escutando a voz do golpista no meu ouvido. Mas eu não acho que perdi. Eu ganhei. Eu estou viva e não me arrependi em nenhum momento de ter feito o que fiz, porque fiz por inocência. Tenho certeza absoluta que Deus já me restituiu, já me deu tudo de bom na minha vida”, declara Maria Bernadete.

## Lei na Paraíba obriga a assinatura física em operação de crédito nas agências bancárias

Na Paraíba, um instrumento legal que ajuda a evitar abusos e golpes financeiros contra idosos é a Lei nº 12.027. Aprovada em 2021 pela Assembleia Legislativa e considerada constitucional pelo Supremo Tribunal Federal no ano passado, ela torna obrigatória a assinatura física em qualquer contrato de operação de crédito envolvendo idosos, mesmo quando o acordo for firmado por meios eletrônicos ou por telefone.

O advogado Rômulo Braga avalia positivamente a criação e aplicação da norma. “É uma lei muito acertada. A obrigação de compare-

cer à instituição financeira dá uma segurança maior ao idoso, porque ele vai ser indagado de uma forma assertiva pelo profissional se é aquilo mesmo que ele deseja. Isso termina não só dificultando como, em algumas situações, inibindo a prática de fraudes envolvendo pessoas mais vulneráveis”, esclarece.

De fato, a atuação do profissional da instituição financeira é importante na prevenção a esses crimes. Isso pôde ser percebido em um caso de repercussão nacional, quando funcionários da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro impediram a dona de casa Érika

Souza de contratar um empréstimo em nome do seu tio Paulo, que estava morto. Segundo o presidente do Sindicato dos Bancários da Paraíba, Lindonjhonson Almeida, o funcionário do banco é capacitado para reconhecer se o cliente tem condições de realizar uma operação de crédito. “Não é qualquer pessoa que vai chegar a um bancário e fazer a prova de vida, um empréstimo ou um consignado. O profissional vai lá e vai ver a pessoa, porque na hora que a gente está liberando um financiamento, mesmo já pré-aprovado, a gente tem que ver como é que é a pessoa está”, relata.

## Idoso que sofrer estelionato ou fraude eletrônica tem de procurar delegacia



Às vezes, a pessoa idosa não tem um conhecimento dos avanços na informática e torna-se vítima com mais facilidade ou vai até uma agência bancária e alguém termina subtraindo a senha da vítima

Rômulo Braga

O idoso que sofrer estelionato ou fraude eletrônica precisa comunicar o crime às autoridades. Em João Pessoa, a denúncia deve ser feita na Delegacia Especializada no Atendimento ao Idoso, localizada na Avenida Francisca Moura, nº 36, no Centro. O advogado Rômulo Braga orienta que, durante o Boletim de Ocorrência, seja feita uma representação criminal, por meio da qual a vítima expressa o desejo de que o autor do crime seja processado e julgado. Isso é necessário porque, quando o denunciante tem menos de 70 anos, o sistema público só pode dar início a uma ação penal após essa representação. No caso de idosos a partir de 70 anos, porém, a denúncia basta, já que a ação penal pública pode ser feita independentemente da vontade da parte lesada.

O advogado criminalista reforça ainda a necessidade da denúncia para prevenir novas ocorrências do crime. “É importante que cada vítima sempre procure a autoridade policial para fazer o registro, porque, às vezes, pode ser o mesmo grupo pra-

ticando esse tipo de golpe com várias pessoas, o que evita que outras vítimas sejam atingidas”, alerta Rômulo Braga.

### Como evitar golpes

Para evitar ser vítima de um golpe, um cuidado básico é não compartilhar dados pessoais, como senhas, por telefone, atentando-se ao fato de que nenhum banco solicita as informações do cliente em uma ligação feita pela própria instituição. Em nota enviada à reportagem, o Banco do Brasil compartilhou outras instruções. São elas: -Verificar a autenticidade dos links e sites, antes de acessá-los, e a procedência de ofertas e anúncios. -Desconfiar de solicitações pedindo dinheiro e, caso seja uma pessoa conhecida, fazer uma ligação para confirmar, mas nunca pelo WhatsApp. -Ao fazer um Pix, acessar somente os canais oficiais, conferindo, antes, se os dados do destinatário correspondem ao da pessoa para quem o dinheiro deve ser destinado.

NA PARAÍBA

# Quedas envolvendo crianças têm alta

Número de acidentes por mês com meninos e meninas saiu de 766 em 2023 para 809 neste ano, até março

Anderson Lima  
andersonls51@hotmail.com

Samantha Pimentel  
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Nos lares paraibanos, são comuns histórias com crianças que tenham sofrido algum tipo de machucado, como fraturas ou cortes, enquanto brincam com parentes, amigos ou mesmo sozinhas. O alerta é que esses acidentes vêm aumentando. Na Paraíba, o número de quedas envolvendo crianças teve alta no primeiro trimestre deste ano. De janeiro a março, ocorreram 2.427 registros dessa natureza no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, e no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande. O número representa 809 quedas em crianças por mês, ou cerca de 27 acidentes infantis por dia. Já em todo o ano de 2023, os dois hospitais registraram 9.190 ocorrências, o que representa, aproximadamente, 766 quedas com crianças todo mês ou 25,5 registros diariamente (veja quadro ao lado).

Esses números mostram a importâncias de se manter cuidados preventivos e ficar atento às crianças, sobretudo em atividades como subir e descer escadas, uso de beliches ou brincadeiras em parques e *playgrounds*, que devem ser supervisionadas por um adulto, reduzindo o risco de acidentes. Segundo o médico ortopedista Sérgio Paredes, que trabalha na área de medicina da dor, os casos de quedas em crianças vêm se tornando mais frequentes também devido ao comportamento social atual, onde elas costumam ficar mais reclusas, e isso pode prejudicar o desenvolvimento neuromuscular.



Entre as dicas para evitar machucados mais graves, está o uso de equipamentos de segurança, caso a criança goste de praticar atividade como skate e bicicleta

“As crianças ficam menos expostas a atividade física e, quanto mais reclusão social ou domiciliar, menos elas treinam os controles neuromusculares das partes motoras, consequentemente você vai criando um maior índice de fragilidade. Ou seja, a criança tem uma maior propensão a desequilíbrios, quedas, e com isso ela vai ter uma maior possibilidade de sofrer acidentes. Isso é uma coisa perceptível ao longo do tempo, e isso eu acho que está muito relacionado com o padrão social que a gente vem adotando atualmente”, destacou o ortopedista.

O médico também alerta que, em casos de queda, é importante observar se há uma fratura evidente, se a região ficou inchada, se a criança está sentindo dor, e buscar avaliação médica, sobretudo

porque aquele trauma pode resultar em algum problema maior no futuro. “Todo trauma em criança é uma coisa preocupante, porque ele pode dar repercussões imediatas, como uma fratura, com grande desvio, em que a criança vai ter uma deformidade no membro, ou às vezes uma questão de mobilidade: não aguentar colocar o pé no chão ou mexer o braço. Então, podem ocorrer traumas ali naquele momento, como eles também podem gerar problemas mais tarde, ou seja, complicações a longo prazo”, afirmou o ortopedista.

### Medicação

Nesse sentido, Sérgio também aponta os riscos da medicação sem orientação profissional, onde pais e responsáveis, por conta própria, oferecem re-

médios para a criança e acabam piorando o quadro. O remédio pode levar a uma breve melhora e, com isso, a criança vai forçar em cima da região machucada, agravando o problema e tornando mais complexo o tratamento.

O médico também lembra que a criança ainda está em desenvolvimento, por isso os traumas nesse período também podem ser mais arriscados, sobretudo nos primeiros anos de vida: “A criança é um esqueleto ainda em desenvolvimento, então ele tem partes que estão calcificadas, mas tem partes ainda que não são calcificadas, e tem áreas com mais cartilagem, como a ponta do nariz e a orelha. Esses locais são mais fáceis de fraturar e são mais difíceis de ver nos exames de raio-x e nos exames de imagem”, destacou.

## Números

Veja mais detalhes sobre as ocorrências com quedas em crianças

No Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, no ano de 2023, foram 4.447 atendimentos de crianças de até 12 anos em razão de quedas, e no primeiro trimestre deste ano já são 1.041 atendimentos realizados.

Já o Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande, no ano passado, registrou 4.743 atendimentos. Entre as ocorrências, os maiores índices tratam de quedas da própria altura (2.829), quedas da cama (624), de altura (425), de bicicleta (265), do sofá (213) e da escada (124). Outros atendimentos tratam de quedas da rede, de cavalo, árvore ou de moto. Já neste ano de 2024, de janeiro a março, a unidade já realizou 1.386 atendimentos de crianças que sofreram algum tipo de queda.

## Mesmo adotando ações preventivas, mãe tomou susto com filho

Moradora do bairro de Tambaú, em João Pessoa, a *designer* gráfica Marcela Dantas tomou um susto no ano passado com o filho Pedro Dantas, de cinco anos – na época o menino tinha quatro. Ela contou que o filho se acidentou em um clube de piscina, em São Paulo, terra natal de Marcela.

“Meu filho estava se divertindo, pulando na piscina repetidas vezes. Preocupada com a agitação perto da escada, que estava lotada, pedi a ele para se afastar um pouco e não atrapalhar os outros. No momento em que falei com ele, Pedro já estava prestes a pular novamente. Virou-se para ou-

vir o que eu dizia, e nesse instante escorregou; seu pé já estava adiantado para o salto. Ele acabou deslizando e batendo o queixo na borda, causando um corte considerável”, explicou.

Marcela contou que manteve a calma, enquanto ele chorava bastante. “Estaquei o sangramento com uma toalha

e busquei ajuda no pronto-socorro do clube. A atendente sugeriu usar cola em vez de pontos, mas, como não tinham lá, meu pai, que é médico aposentado, recomendou aplicar um adesivo próprio para isso, que comprei na farmácia. Felizmente, meu filho adormeceu no caminho de volta para

casa, o que facilitou o procedimento. Meu pai conseguiu aplicar o adesivo com perfeição enquanto ele dormia, o que foi muito útil, e não precisei levá-lo até o hospital”.

A *designer* gráfica ainda contou que, quando o filho era mais novo, sempre teve os cuidados necessários em casa.

“Eu coloquei bastante proteção na casa. Principalmente nas quinas de mesas e de vidro, onde eu colocava borrachas para proteger, além das tampas nas tomadas. Também usava grade na cozinha, para ele não ter acesso ao fogão, à faca; ainda ficava atenta para que ele não caísse da cama”.

## Saiba Mais

### Confira como prevenir acidentes

- Evitar deixar em lugares mais altos objetos a que as crianças precisem ter acesso
- Ficar atento com escadas e janelas em casa
- Em casos de crianças maiores, buscar uma atividade física orientada que possa auxiliar no desenvolvimento locomotor, como judô ou jiu-jitsu
- Atentar para o uso de equipamentos de segurança caso a criança goste de praticar algumas atividades, como skate ou bicicleta
- Adotar calçados adequados durante a prática de futebol, brincadeiras de corrida e outras atividades esportivas, evitando sandálias e tamancos que podem escorregar dos pés facilmente
- Em caso de brinquedos como o pula-pula, é importante que crianças de idades, tamanhos e pesos muito diferentes não brinquem juntas



Pedro e a mãe Marcela; ela sempre se preocupou em usar itens de segurança para proteger o filho no dia a dia

INSTITUTO DOS CEGOS DA PB

# Centro é referência em reabilitação

Além de pacientes com deficiência visual, o ICPac atende pessoas com deficiência intelectual e apoia os familiares

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

O Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPac) completa 80 anos de fundação neste mês. Apesar do que sugere o nome, a organização filantrópica de referência no estado não se limita aos atendimentos a pessoas com deficiência visual. A unidade também oferta serviços para crianças com microcefalia e para pessoas com deficiência intelectual, a exemplo do transtorno do espectro autista.

A presidente do ICPac, Valéria Carvalho, explica que a organização se mantém por meio de parcerias junto ao Poder Público. “Essa é a única Instituição da Sociedade Civil habilitada pelo Ministério da Saúde como Centro Especializado em Reabilitação, um CER”, afirma. Segundo a presidente, recursos do Governo Federal são enviados à administração municipal de João Pessoa, que repassa para a instituição.

“O Instituto trabalha com cinco pilares: atendimento educacional especializado na área visual; reabilitação visual; reabilitação intelectual; paradesporto; e empregabilidade”, esclarece Valéria Carvalho.

O último pilar mencionado, a empregabilidade, é possível a partir de convênios específicos, como o firmado com o Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), que emprega 99 pessoas com deficiência encaminhadas pela ICPac. “Também contamos com emendas parlamentares, projetos e convênios com as redes estadual e municipal. É assim que a gente vem crescendo e buscando cada vez mais garantir um atendimento de qualidade à pessoa com deficiência”, expõe.



**Quando você trabalha a família, as perspectivas de avanço desse usuário são muito maiores**

Valéria Carvalho

### Atendimentos

Aproximadamente 230 crianças com deficiência intelectual - na maior parte, crianças com transtorno do espectro autista - são acompanhadas no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha e esperam novas demandas de atendimentos.

Já a média de pacientes com deficiência visual da instituição é de 360 em atendimentos constantes. Além disso, há usuários que são acompanhados a cada 15 dias ou uma vez por mês, a depender da necessidade individual de passar por consulta com oftalmologista, por exemplo.

A presidente reforça que o atendimento ofertado na unidade é plural. “Atendemos não só às crianças, mas também às famílias. A gente entende que a família é uma extensão desse usuário. Quando você trabalha a família, as perspectivas de

avanço desse usuário são muito maiores”, avalia.

### Qualidade

Todas as manhãs, é comum encontrar no pátio de atendimento várias mulheres acompanhando os filhos ou filhas em tratamento. É o caso da agricultora Isabel Cristina. Para ela, os serviços prestados pelo instituto foram determinantes para melhorar a qualidade de vida do filho. “Ele faz estimulação visual e terapia ocupacional há sete anos. De lá para cá, meu filho já melhorou muito, e eu gosto muito do atendimento”, conta.

Thais Gama é cuidadora e faz o acompanhamento de uma criança com microcefalia e paralisia cerebral atendida na unidade. Para ela, que vivencia de perto o dia a dia na instituição, a unidade desempenha um papel fundamental para os

avanços da criança. “Acho muito importante o serviço que é prestado. Para ele, que tem microcefalia, é necessário. Ele faz terapia com fono [audiólogo], faz estimulação visual e terapia de música”, relata.

A dona de casa Ana Maria é moradora de Lagoa de Dentro. O filho dela tem glaucoma e, desde os três meses, faz acompanhamento na unidade, com estimulação visual. Para ela, a infraestrutura do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, faz diferença. “Tudo aqui é maravilhoso. O atendimento, conforto, alimentação. Aqui eles dão lanche, almoço para quem for passar o dia todo. Como sou do interior, muitas vezes eu chego umas seis horas da manhã e não dá tempo de tomar café em casa, e aqui eles disponibilizam. Além de pensarem no serviço de saúde, eles cuidam das mães”, diz.



**Além de pensarem nos serviços de saúde, eles também cuidam das mães**

Ana Maria

## Centro incentiva o paradesporto aos pacientes com habilidades



Instituto disponibiliza acompanhamento multidisciplinar e atividades motoras

São vários setores envolvidos com a reabilitação: setor de triagem e diagnóstico, com equipe multidisciplinar envolvendo psiquiatras, fonoaudiólogos, psicólogos, assistente social, neuro-oftalmo, especialista em glaucoma. Essa equipe é responsável pelo diagnóstico, ou seja, a afirmativa ou não de que a pessoa possui uma deficiência. O fechamento desse diagnóstico é multidisciplinar e só depois o paciente vai para a reabilitação.

O instituto também disponibiliza aulas de música e atividades motoras, com uma equipe para atender às áreas visual e intelectual. Além de tudo isso, temos o paradesporto, que vai da iniciação, trabalhando a atividade física, até o atendimento a adolescentes e jovens que já se apresentam com habilidades em alguma modalidade de paradesporto.

“Não há limite de idade. Tenho bebezinho com menos de um ano de idade. Na área intelectual não temos atendimento para pes-

## Auditório

**Convênio com o Governo do Estado garantiu um repasse de R\$ 584,2 mil e viabilizou a construção do espaço usado para diversas atividades**

soas mais velhas; o limite é de até 15 anos”, acrescentou Valéria.

### Auditório e ginásio

A construção do auditório, que tem capacidade para acomodar 100 pessoas, foi viabilizada por recursos repassados pelo Governo do Estado, com um convê-

nio de R\$ 584,2 mil. O espaço foi inaugurado em 16 de maio do ano passado e é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de atividades, tanto em nível de planejamento, com reuniões técnicas, reuniões com as famílias ou rodas de conversa.

Já o ginásio do instituto foi inaugurado em 16 de maio de 2021. André Barbosa, diretor administrativo do ICPac, contou que a seleção brasileira vem utilizando o ginásio como espaço de treinamento para as paraolimpíadas de Paris: “A equipe resolveu ficar permanentemente por aqui e está treinando frequentemente no ginásio”, contou.

Segundo a presidente, Valéria Carvalho, a acessibilidade no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha está garantida. “Hoje nós estamos com um espaço acessível, com piso tátil, placas em braille. O instituto todo está acessível, e tudo isso é recurso de emendas parlamentares”, concluiu.

BOA VENTURA

# A Princesinha do Vale está cada vez mais encantada

*Município, que já foi até república, se destaca na região do rio Piancó com eventos marcados pelo esmero visual*

Sara Gomes  
saragomesreporterauniao@gmail.com

A cidade de Boa Ventura, localizada no Vale do Piancó, foi batizada em homenagem à réplica do santo italiano de nome homônimo, doada à primeira capela local, enquanto o município ainda era um povoado. Mas, certamente, o fato mais curioso da história boaventurense é que, após perder as eleições locais em 1903, o coronel José Cavalcante Estrela de Lacerda, liderança conhecida no combate aos cangaceiros e figura importante para o desenvolvimento urbano e político da região, decidiu se rebelar contra os poderes públicos estaduais e municipais, decretando, em Boa Ventura, a República da Estrela, e, assim, elevando a localidade ao nível de federação indepen-

dente por três dias. Até o início da década de 1960, porém, Boa Ventura se manteve como distrito de Itaporanga (cidade que, à época, chamava-se Misericórdia), conforme sua criação em 27 de julho de 1901. Situado a 371 km de João Pessoa, o município se emancipou politicamente em 1º de dezembro de 1961, tendo, atualmente, uma população de 5.207 habitantes em uma área territorial de 168.664 km², segundo dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No passado, a economia da cidade se baseava no cultivo de cana-de-açúcar para a produção de rapadura. Dos muitos engenhos que lá existiam, o único que permanece em operação, contudo, é o Engenho Sítio Castelo. Hoje, as principais atividades

Rebeldia de liderança derrotada em eleições locais alçou Boa Ventura, por três dias, ao nível de federação independente

econômicas de Boa Ventura são provenientes não apenas da agricultura, mas também do comércio. Somadas a isso, parcerias com entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) ajudam a movimentar a economia local, estimulando o empreendedorismo e o agronegócio.



A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, ao fundo, homenageia a padroeira de Boa Ventura, Imaculada Conceição

## Festividades juninas e natalinas fascinem moradores e turistas

Boa Ventura também é conhecida pela alcunha de Princesinha do Vale, por se destacar regionalmente em seus eventos festivos, a exemplo do São João e do Natal Luz, que atraem muitos visitantes das proximidades. Com três dias de duração, as festividades juninas da cidade são, de fato, muito tradicionais e populares no Vale do Piancó, com todos os detalhes da decoração sendo planejados e confeccionados pela gestão municipal e os próprios filhos da terra. Além de oferecer as comidas regionais típicas do período, o São João de Boa Ventura promove apresentações culturais de quadrilha e xaxado, em uma programação que também inclui o autêntico forró pé de serra e atrações musicais populares de todo o Nordeste. Segundo a secretária de Finanças do município,

Daniela Lucena, o evento tem grande importância para o aquecimento da economia local. “Como o forte de Itaporanga é o São Pedro, o São João em Boa Ventura é bastante conhecido. As cidades vizinhas vêm prestigiar a nossa festa, e os filhos de Boa Ventura que moram em outros lugares aproveitam a oportunidade para visitar seus familiares nesse período”, destaca Daniela. Por sua vez, o Natal Luz tem encantado, há 10 anos, moradores e turistas com a beleza da ornamentação natalina da cidade. É possível sentir a magia da época em cada detalhe do cenário: o presépio, a casa do Papai Noel, árvores de Natal e animais realistas, que demonstram a busca pela perfeição na representação dos principais símbolos da festividade. A abertura do Natal Luz acontece no dia 1º de dezembro e a estru-

ra comemorativa segue enfrentando o município até o fim do ano. De acordo com o secretário de Assistência Social de Boa Ventura, Anastácio Cassimiro dos Santos, a prefeitura tem buscado desenvolver ainda mais o evento e suas atrações relacionadas, reconhecendo seu impacto sobre o turismo. “O mês de dezembro é bem movimentado na cidade. A cada ano, procuramos inovar na decoração, como também nas apresentações culturais, surpreendendo os visitantes para transformar o Natal Luz em um produto turístico na região”, revela. Outra tradição que releva o calendário religioso de Boa Ventura é a malhação do Judas, costume católico típico da Semana Santa que deixou de ser praticado em todo o Vale do Piancó, tanto na zona rural, como na urbana – com exceção da Princesinha.



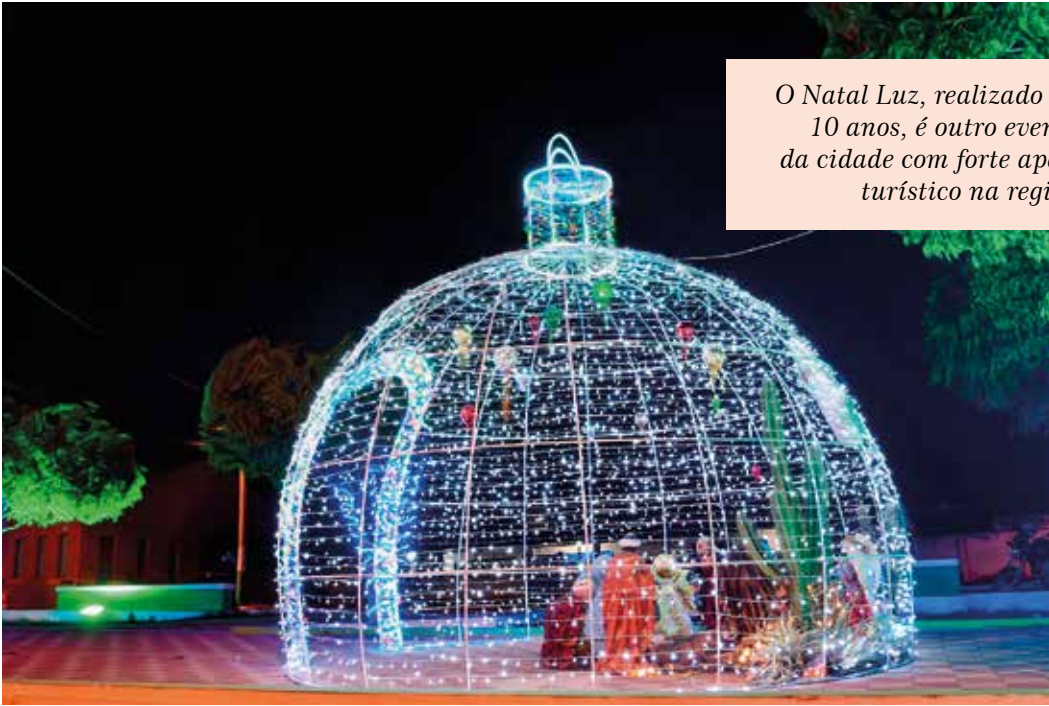
As festividades juninas da cidade mobilizam a gestão municipal e a população na decoração temática



Apresentando quadrilhas, forró pé de serra e artistas do Nordeste, o São João local atrai muitos turistas



Durante todo o mês de dezembro, Boa Ventura celebra o período natalino com ornamentação especial



O Natal Luz, realizado há 10 anos, é outro evento da cidade com forte apelo turístico na região

Foto: Myriam Villas Boas/Divulgação

## MÚSICA

## Disco à base de otimismo

*Dori Caymmi se inspira nos jogos de palavras do pai e busca brasilidade abrangente em seu novo trabalho*

Sheila Raposo  
sheilamraposo@gmail.com

“Carrapixo é mato, carrapato é bicho.” A expressão, uma brincadeira entre fonemas e significados, deslizava fácil na fala de Dorival Caymmi. E não era a única. Quer outro exemplo? “Entre por onde saiu e faça de conta que nunca me viu.” Familiares, amigos, parceiros de música — todos que com ele conviveram, em algum momento, ouviram-no dizer algo do tipo. Os seus filhos, Nana, Dori e Danilo, cresceram ouvindo os gracejos do pai.

Que o diga o filho do meio, o cantor, compositor, músico, arranjador e produtor musical Dori Caymmi, que traz essas recordações à tona ao falar sobre o que o inspirou a gravar *Prosa e Papo* (Biscoito fino), álbum de inéditas que lançou recentemente nas plataformas digitais. “Eram coisas que ele falava muito, desde que a gente era criança. Aí pedi ao Paulinho [Paulo César Pinheiro] pra utilizar essas frases, e ele me trouxe duas músicas lindas”, conta. As canções a que ele se refere são “Prosa e papo”, faixa-título, e “Chato”.

Arranjos esmerados e melodias precisas azeitam as 11 canções do novo álbum de Dori, das quais nove foram compostas com Paulo César Pinheiro, parceiro dele há mais de 50 anos, e duas foram feitas em coautoria com Roberto Didio. Do total, oito são inéditas — as outras três são do disco que lançou com Mônica Salmaso, *Canto Sedutor* (2022). Além da voz grave e firme de Dori, que está em plena forma vocal, o álbum conta com várias participações especiais: Zé Renato, Joyce Moreno, MPB4, Renato Braz, João

Cavalcanti e a própria Mônica Salmaso. “Pessoas muito talentosas e muito queridas”, derrete-se o músico.

Considerado, pelo próprio Dori, um disco otimista, *Prosa e Papo* seria uma resposta solar aos tempos urgentes e de mudanças profundas pelos quais o mundo passa. Esse tom esperançoso pode ser percebido em faixas como “Evoé, nação!”, dele e Didio — que faz referência a grandes nomes da música, do futebol e das artes plásticas, entre outros, para celebrar o Brasil —, e “Um carioca vive morrendo de amor”, da parceria com PC Pinheiro. Sobre esta última, ele conta: “Falei pro Paulinho: ‘Vamos fazer uma música mais otimista, porque a gente tem falado do Rio de Janeiro sempre com muita tristeza, então vamos fazer algo pra tentar mudar esse clima’. É muita pretensão da minha parte, mas a música ficou uma beleza”, diz, entre risos.

*Prosa e Papo* é, também, um disco nostálgico — às vezes, até melancólico. A instrumentação e os afetos gotejados nas letras das canções inspiram saudades indefinidas, independentemente de o gênero ser um xote, uma ciranda ou um samba. De certa forma, o álbum é um retrato acústico da carreira do cantor, que se compreende como parte de uma época e de uma geração para quem a música é quase uma entidade, e não apenas um meio de ganhar dinheiro.

## Mestres

As gravações de *Prosa e Papo* começaram em 2022. A ideia é que ele fosse lançado para celebrar os 80 anos de Dori Caymmi, em agosto passado, mas o lançamento acabou ficando para este ano. Nele, o músico

carioca reforça a sua admiração pelos compositores de sua geração e por todos os mestres que pavimentaram o sólido terreno da música brasileira, até aqui. “Meus heróis são Noel Rosa, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Braguinha, Ary Barroso, Pixinguinha, Newton Mendonça, Dolores Duran, Carlos Lyra...”, elenca.

Quando a geração “roquerol” começou a dar as cartas, no Brasil dos anos 1980, Dori viu que a sua música começava a perder espaço. Defensor ferrenho da tradição musical brasileira, ele recebeu — e aceitou — um convite para trabalhar na gravadora de Quincy Jones, nos Estados Unidos. Ficou 25 anos por lá, tocando e cantando o seu país. Logo que voltou, mostrou-se desencantado com os rumos da produção musical nacional — e o seu quinto disco inteiramente autoral, *Voz de Mágua* (Acari Records, 2016), refletiu esse momento.

Hoje, três álbuns depois, ele avalia essas mudanças de forma ainda crítica, mas esperançosa. “Chico Buarque disse, certa vez, que a música como a gente conhecia estava se acabando, e ele tinha razão. A internet trouxe essa velocidade, cada um quer aparecer e ter o seu espaço, e eu não condeno. Que essas pessoas façam sucesso, fiquem ricas e sejam felizes. Mas é preciso ser mais brasileiro, sabe? Menos regionalista. O Brasil é muito grande e muito bonito para se concentrar em apenas um gênero”, argumenta.

Quando perguntado se havia se imaginado chegando aos 80 anos lançando um disco de inéditas, ele brinca. “Na verdade, não imaginei que envelheceria tão depressa. Até ontem,

“

**É na música e na arte que a gente deve encontrar esperanças. Música é isso, é paixão**

Dori Caymmi

eu estava conversando com o meu pai, com a minha mãe, com o Antônio Carlos Jobim, com o João Gilberto... Tudo passa muito rápido”, reflete. “Mas tô lúcido, graças a Deus. Enquanto eu puder compor, orquestrar, cantar, enfim, não vou parar. É na música e na arte que a gente deve encontrar esperanças. Música é isso, é paixão”, acrescenta.

## Trajetória

Nascido no Rio de Janeiro, no dia 26 de agosto de 1943, Dori Caymmi se destacou na música brasileira tanto por seus trabalhos autorais quanto pela produção musical de álbuns de grandes artistas. Sua maneira de tocar violão, com afinações pouco convencionais, e suas harmonias criativas o projetaram internacionalmente.

No final da década de 1980, passou a morar em Los Angeles (EUA), onde teve alguns discos produzidos pela empresa Quest Records, de Quincy Jones. Entre os EUA, a Europa e o Brasil, participou de vários projetos e realizou shows com grandes nomes da música, inclusive com seus dois irmãos

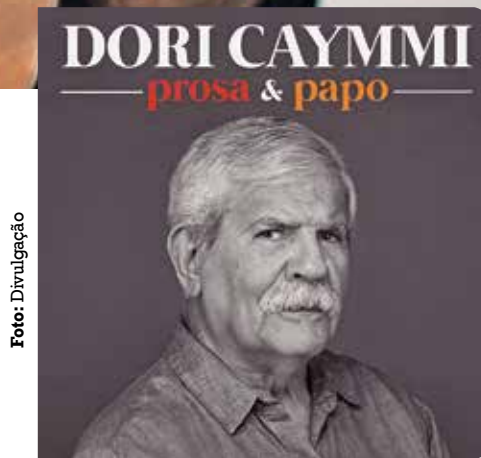


Foto: Divulgação

Dori Caymmi é um defensor ferrenho da tradição musical brasileira e isso norteia seu novo álbum

— o trio atua como curador da obra de Dorival Caymmi.

De volta ao Brasil, Dori teve 11 nomeações ao Grammy Latino (divididos entre melhor álbum, melhor música e melhor produtor), nas quais teve duas conquistas: melhor CD de samba, com *Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo: 90 Anos* (2004), e melhor canção brasileira, por “Saudade de amar” (2002), em parceria com Paulo César Pinheiro.

## Turnê

Na última quarta-feira, quando se completaram 110 anos do nascimento de Dorival Caymmi, Dori fez um show apenas com músicas do pai, para celebrar a data. Com a participação de Renato Braz, a apresentação aconteceu em São Paulo, estado onde fará uma série de shows, em agosto.

Sobre a realização de uma turnê do disco recém-lançado, ele dá a cantada: “Desde que me chamem e me contratem, eu vou. Só preciso chegar um dia ou dois antes, pra descansar. São 80 anos, né?”, diz, gargalhando. E acrescenta: “Nunca fui à Paraíba, seria a oportunidade”.

Está, portanto, lançado o desafio: quem traria Dori Caymmi para uma apresentação em João Pessoa?



Através do QR Code acima, ouça o disco de Dori Caymmi

# Artigo

Jello Biafra, cantor e compositor da lendária banda norte-americana Dead Kennedys, concorreu na eleição para prefeito de São Francisco em 1979. Entre as propostas de campanha, a criação de uma lei que obrigasse os políticos a usar nariz de palhaço – como se tratava de um candidato do meio artístico, creio que estivesse preocupado com a caracterização desses personagens. Ironia à parte, Biafra também defendia ideias sérias e radicais: “Se eleito tentarei mudar a forma de ingresso dos policiais (...) serão escolhidos pelos cidadãos através de votação direta”. Como sabemos, ele não foi eleito – obteve 6 mil votos e a quarta posição –, tampouco os policiais da cidade passaram a ser escolhidos por meio do voto popular.

É praticamente impossível pensar o Estado moderno sem a instituição policial e o poder de normatização jurídica. Tal instituição é caracterizada pela posse do monopólio legítimo do uso da violência. Daí cabe a seguinte interrogação: se o Estado controla a polícia e, consequentemente, o emprego legítimo da força bruta, quem controla o Estado? Esse é um problema crucial para a teoria política.

Dominique Monjardet criou uma metáfora bastante ilustrativa: “A polícia é um martelo”. Sua função seria definida pelo uso e interesse de quem o manuseia – ape-

## Estado policial

sar de sua essencialidade coercitiva. Em outras palavras, um martelo poder ser utilizado num eventual acidente, em que as portas de um carro estejam emperradas e que tenhamos que quebrar os vidros para sair. Como picareta, ele ajuda alpinistas a escalar montanhas. Permite que marceneiros encaixem com facilidade pregos em móveis de madeira. E se transforma em arma poderosa quando decidimos rachar a cabeça de outra pessoa. Monjardet diz que “seguramente, não é a soma infinita das possíveis utilidades do martelo que pode defini-lo, mas a dimensão comum a todos os seus usos, que é aplicar a força sobre um objeto”.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset via com espanto a crescente “policialização” das sociedades modernas. É absurdo o fato de que cada vez mais os indivíduos das grandes cidades precisem de policiais que controlem a circulação, garantindo os deslocamentos de pessoas e mercadorias. Essa necessidade, aliada ao aumento do contingente policial, implicaria num preço alto a ser pago, dizia o filósofo. Só as pessoas ingênuas acreditam que as “forças de ordem pública” se limitariam a impor a ordem que os cidadãos esperam. Seu argumento é que em algum momento essas forças, inevitavelmente, agirão de acordo com seus

próprios interesses.

Ortega y Gasset, então, recomenda que façamos uma comparação entre franceses e ingleses, suas reações diante do aumento da criminalidade produzida pela Revolução Industrial. Na primeira década, por volta de 1800, a França começou a criar uma polícia numerosa para atacar esse problema. Em 1810 os ingleses se depararam com o mesmo problema, mas com o detalhe de que não possuíam polícia. Os conservadores ingleses estão no poder. Teriam criado uma polícia grande como os franceses? Não. Preferiram deixar um espaço para a criminalidade a ter que sacrificar a própria liberdade. O filósofo espanhol reforça seu argumento com as declarações do professor de história da Universidade Princenton, John William Ward: “Em Paris há uma polícia admirável, mas suas vantagens têm um preço muito alto. Prefiro que a cada três ou quatro anos degole-se meia dúzia de homens em Radcliffe e Road a me ver submetido às visitas domiciliares, à espionagem, e a toda maquinaria da Fouché”.

Ortega y Gasset conclui o raciocínio dizendo: “São duas ideias distintas de Estado. O inglês quer que o Estado tenha limites”.

Jello Biafra queria que tais limites fossem impostos pelos cidadãos.

Estevam Dedalus

Sociólogo | colaborador

# Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Eternos são os mortos

Na década de 1980 estive várias vezes no Cemitério da Boa Sentença, fazendo as tomadas para o curta *Os Mortos Mandam Lembranças*, acompanhado da equipe do Nudoc da UFPB. Um filme que mostra a nudez dos mortos, que dediquei a meu pai, que faleceu naquela década.

Voltei ao Boa Sentença para filmar novamente, desta vez, cenas curtas para o Projeto K, que venho fazendo desde novembro passado. Cheguei cedo, às 7 horas, para não acordar os mortos.

Existem mundos e fundos no Boa Sentença – fui filmar o túmulo de Antenor Navarro, que tem um anjo caído no topo, uma beleza estupenda. Hoje, 40 anos depois, o Boa Sentença abriga moradores nos túmulos, os mortos-vivos, na geografia de mundos esgazeados.

Vastos e eternos, os mortos sempre se destacaram entre os vivos. E já tinham me avisado: “Cuidado, tem umas gangues atuando no mercado dos mortos”. Ué, o que circundaria essa gente pequena entre as catacumbas? Eu posso chamar de catacumbas, Nelson Barros?

Passei pelo túmulo da menina Maria de Lourdes, que agora tem uma placa luminosa – “é proibido acender velas” – a menina, conta a história, veio dos confins da Paraíba, para trabalhar numa casa como empregada, até que uma joia some e ela levou a culpa. Naquele tempo existia a polícia mirim da capital: bateram nela até a morte. Não é fácil confessar um roubo quando o ladrão é outro.

Fiquei a vigiar os vivos, na divisão dos túmulos, os mais ricos e as gavetas, numa ilusão inigualável de que não estava certo o que se dizia no Sertão – “pra que tanto orgulho, se o destino é a morte?”. A frase era um refrão popularesco – os poderosos sempre ostentavam os túmulos dos seus mortos.

O choro de antigas culturas, gente esculhambado com Deus, por ter levado o pai ou mãe, não ascende o fogo entrecortado, as mãos calejadas, porque hoje a morte está estampada nas redes sociais – nunca vi tanta morte anunciada.

Cresce o reflexo nesse nexo que fiz ao Boa Sentença, as cenas (in)conscientes, gente vendendo espetinho, menino mamando, mulher lendo mão e sobre os túmulos objetos cruzados, que se fazem atrativos para o roubo escancarado. Jesus aparece em todos os cantos, até com as pernas amputadas.

Um tédio na saída, um modo a alcançar a simplicidade que nos faz tremer diante de nós próprios, e não há espelho nesse reflexo. Quem sairia de casa, às 7 horas da manhã para ir filmar o Boa Sentença?

Não há espelho que copie a eternidade dos mortos, talvez fotografias, que conservam os vivos e suas flores do mal.

O mesmo brilho que se crava na pupila, a mesma cena seja de noite ou de dia, o túmulo do Padre Zé Coutinho, a festa do sol, até o ritmo mais antigo de licantropos tagarelas.

Nada além, tudo se converte em ossos e ofícios, e eu a me perguntar - os mortos ainda mandam lembranças?

### Kapetadas

1 - Madonna, Ivone Lara é mais.

2 - “Olho por olho, dengue por dengue!” – disse o operador da máquina de fumacê.

Foto: Divulgação



O anjo caído do túmulo de Antenor Navarro, no Boa Sentença

Colunista colaborador

# Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Crises de identidades

A identidade é construída, não é algo inato. Alguns indivíduos surgem de contextos sociais de invisibilidade, como as comunidades indígenas e as tipologias femininas. Stuart Hall (1932 - 2014), sociólogo britânico-jamaicano, em suas obras *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais* (2005) e *A Identidade Cultural na Era Pós-Moderna* (1992), aponta para uma crise das “antigas identidades”. De acordo com o autor, essas identidades estão em declínio, acompanhando as mudanças na estrutura e nos processos das sociedades contemporâneas, sendo deslocadas ou fragmentadas. Esse movimento duplo é impulsionado pela descentralização dos indivíduos de seus papéis na sociedade e cultura, assim como de si mesmos. Numa obra citada, ele afirma: [...] para aqueles teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, [...] tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século 20. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento [...] constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2005, p. 9).

Grande parte das crises de identidade tem sua origem nas transformações provocadas pela globalização e pela migração, principalmente envolvendo os países e ideologias das décadas de 1970 e 1980, que causaram instabilidade e criaram lacunas no sentimento de pertencimento. Como consequência, surgiram novas reivindicações étnicas, religiosas e nacionais que resultaram em conflitos. Atualmente, observa-se uma competição entre diferentes pontos de vista críticos, intensificando a tensão de uma crise global neste século.

Boaventura de Sousa Santos, nascido em 1940 em Portugal e ocupante de uma cadeira de professor na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, versa em suas obras publicadas temas como globalização, sociologia do direito, epistemologia, democra-



Foto: Reprodução

Stuart Hall escreveu ‘Identidade e Diferença’, publicado em 2005

cia e direitos humanos. Ele argumenta que a crise de identidade atual foi gerada pelo modelo de racionalidade da ciência moderna, que teve início na revolução científica do século 16 e se estendeu ao longo dos séculos seguintes com a supremacia das ciências naturais sobre as demais áreas do conhecimento. Boaventura considera que a racionalidade, o determinismo e o instrumentalismo científico têm contribuído para reduzir as ambiguidades sociais, econômicas, ecológicas e existenciais, minimizando as incertezas de várias interpretações teóricas. Suas principais obras abordam conceitos como a sociologia das ausências, a sociologia das emergências, ecologia de saberes, o pensamento superficial e sua superação, o epistemicídio, a interlegalidade, o Estado heterogêneo, a razão indolente, a razão metonímica e o fascismo social.

A ciência atual dispõe de princípios teóricos e metodológicos que permitem investigar questões relacionadas à cultura, etnia e nação, considerando a complexidade das crises de identidade. Por exemplo, o senso de identificação de gênero e os impactos dos deslocamentos culturais. Os efeitos desumanos da globalização devem ser examinados com ênfase na tolerância e no respeito à diversidade e à equidade, isto é, dar às pessoas o que elas precisam para que todos tenham acesso às mesmas oportunidades para construir a própria dignidade.

A globalização e seus impactos na produção de conhecimento nas Ciênci-

cias Sociais apresentam o desafio de lidar com a excessiva individualização, a qual é resultado da falsa noção de identidade e anestesiada liberdade individual. Esses fenômenos são controlados pela alienação provocada por uma força que busca diminuir o outro. As ideias de um mundo global surgiram de forma mais intensa a partir da década de 1980. Sua primeira expressão pode ser encontrada na obra *Guerra e Paz na Aldeia Global* (1968), escrita pelo filósofo e teórico canadense da comunicação Herbert Marshall McLuhan (1911-1980). Ele antecipou o impacto da Internet na vida de todos os cidadãos, mesmo antes de sua invenção, e criou o termo “aldeia global”. Por sua vez, o livro *A Revolução Tecnocrônica* (1968), escrito pelo cientista político, geopolítico e estadista polonês Zbigniew Brzezinski (1928-2017), aborda as transformações que ocorrem na sociedade por meio da ciência, tecnologia e inovação, impactando os métodos de produção, comunicação, transporte, consumo e cultura de um determinado período.

A globalização surge como um fenômeno amplificado e radicalizado nestas últimas décadas. Os impactos sobre as identidades tradicionais e as culturas são expressivos e destrutivos. Como agente influente nas identidades, a globalização é frequentemente encarada como impulsionadora de reavaliações metodológicas e teóricas acerca da identidade. Diante desse cenário, as Ciências Sociais se empenham em elaborar uma teoria que reflita sobre as manifestações e as tendências da sociedade nacional, especialmente aquelas ligadas à unidade do Estado-nação, frente à ascensão da sociedade global. A sociedade nacional mantém sua relevância, porém se vê contraditoriamente imersa nos desdobramentos e nas dinâmicas da globalização.

Sinta-se convidado à audição do 468º. *Domingo Sinfônico*, deste dia 5, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo [www.radiotabajara.pb.gov.br](http://www.radiotabajara.pb.gov.br). Comentarei os impactos para cultura e as identidades de um povo em algumas peças do pianista e compositor russo Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882 - 1971). Através de seu método, ele contribuiu para superar desafios nos métodos da arte e das ciências.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## “Nucleando” o cinema paraibano há 45 anos

Cinema paraibano, pelo que a história já anotou e vem acompanhando, sempre teve presença importante na cultura do nosso estado. E quando setembro vier (não o clássico hollywoodiano de 1961, dirigido por Robert Mulligan, com os atores Rock Hudson e Gina Lollobrigida), o nosso Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da Universidade Federal da Paraíba completará 45 anos de relevante existência.

Durante o final do reitorado de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque na UFPB, quando de sua saída à Brasília, para assumir a Diretoria-Executiva da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica Industrial (Abipti), a portaria deixada por ele (R/GR-024/79, de 13 de setembro de 1979), firmada logo depois pelo seu vice-reitor professor Serafim Rodrigues Martinez, nos dava amplas faculdades para a criação de um novo núcleo de cinema na instituição universitária.

Sob a presidência de João Maurício Lima Neves, então pró-reitor para Assuntos Comunitários (Prac), servidores da instituição e os professores Alex Santos, Jurandy Moura, Pedro Santos e Manuel Clemente formávamos a comissão dos primeiros trabalhos de criação do Nudoc. Atribuição que nos desafiava a criar mecanismos formais e estruturais, para que o núcleo de cinema funcionasse legitimamente e acontecesse, realmente.

Representando aspirações das gerações 1960/1970, inclusive de fora da UFPB (o já reconhecido “cinema independente”), também sob a influência do documentário *Aruanda*, de Lin-



Foto: Arquivo pessoal

“Que os valores materiais e humanos de qualidade continuem sendo bem vindos ao Nudoc”

duarte Noronha e dos cursos já existentes de Fotografia e Cinema do CCHLA, o novo Nudoc, então, se fez realidade. A perspectiva inicial seria a de que, agora criado, ele continuasse com produções em 35mm e 16mm, bitolas filmicas muito comuns naquela época, com as quais já vínhamos realizando nossos documentários, com boa aceitação social, sobretudo da crítica especializada. Depois, o Super-8 viria agregar experiências, sob uma outra área de visão criativa e contingencial.

Ao longo desses anos, o Núcleo de Documentação Cinematográfica vem somando mudanças, tanto estruturais como de finalidade. Desabonadas por uns, de quando em vez, mas prestigiado por grande maioria de estudantes e realizadores, sob uma nova ótica digitalizada. E hoje, sendo nossa Academia Paraibana de Cinema (APC) presidida por um dos integrantes da UFPB, o professor João de

Lima Gomes, exige-se por parte do Nudoc um maior e constante entrosamento protocolar entre as duas instituições. Diria até, de uma afinidade prática mais verdadeira e efetiva, buscando agregar valores ao tradicional segmento cinematográfico paraibano.

Muito ainda existe para se entender melhor o Núcleo de Documentação Cinematográfica, como parte da história da própria Universidade Federal da Paraíba. Que os valores materiais e humanos de qualidade continuem sendo bem-vindos ao Nudoc, ratificando aquilo que foi o nosso maior propósito, a partir da sua criação: núcleo vivo, dinâmico e representativo dos que enxergam o cinema não só como um módulo de diversão, mas de formação profissional e expressões artísticas, e formulador de novas proposituras em razão do cinema paraibano. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).



## APC: convocação

Academia Paraibana de Cinema convoca todos os integrantes de sua diretoria, também o conselho fiscal da instituição, para a reunião do mês de maio, que deverá acontecer na próxima quarta-feira (08), às 9h30 da manhã, nas dependências do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, nesta capital. Dentre as pautas a serem discutidas, uma sobre o que foi aprovado durante o encontro promovido pela Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba, cujo tema foi Lei Aldir Blanc. Encontro que teve como convidado e debatedor o professor João de Lima Gomes, presidente da APC.

## Em cartaz

### ESTREIAS

**THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS – PARTE 2** (*The Chosen – Part 2*). EUA, 2024. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Elizabeth Tabish, Shahrar Isaac. Drama/ religioso. Compilação dos episódios 3 e 4 da quarta temporada da série que reconta a vida de Jesus. 2h07. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h45; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 21h10.

**O DUBLÊ** (*The Fall Guy*). EUA, 2024. Dir.: David Leitch. Elenco: Ryan Gosling, Emily Blunt, Aaron Taylor-Johnson. Aventura/ comédia/ ação. Dublê precisa encontrar o astro desaparecido do filme blockbuster dirigido por sua ex-namorada. Adaptação da série *Duro na Queda* (1981-1986). 2h06. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 15h15, 18h; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dom.: dub.: 13h15, 19h; leg.: 16h15, 21h45; seg. a qua.: leg.: 16h15, 21h45; dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 17h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h30, 17h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 4: 16h20, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 16h20, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 16h50, 19h; leg.: 21h15 seg. e qua.: dub.: 16h50, 19h, 21h15; ter.: dub.: 16h50, 19h; leg.: 21h15. MULTICINE PATOS 1: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: dom.: 14h10, 16h30, 18h55, 21h20; seg. a qua.: 16h30, 18h55, 21h20.

**FÉRIAS TROCADAS.** Brasil, 2024. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Edmilson Filho, Carol Castro, Klara Castanho. Comédia. Dois homens com a mesma aparência e o mesmo nome, mas de classe social diferente, levam suas famílias para férias na Espanha, mas têm os destinos trocados. 1h39. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h15, 17h20, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h, 18h20, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 15h, 17h15, 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 4: 14h35, 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 14h35, 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: 15h, 19h. MULTICINE PATOS 3: dom.: 14h30, 19h05; seg. a qua.: 16h, 19h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dom.: 14h45, 19h10; seg. a qua.: 19h10.

**GARFIELD – FORA DE CASA** (*The Garfield Music*). Reino Unido/ EUA/ Hong Kong, 2024. Dir.: Mark Dindal. Comédia/ aventura/ animação. O gato Garfield reencontra o pai e acaba metido em um arriscado assalto. 1h41. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: dom.: 13h30, 15h45, 18h; seg. a qua.: 15h45, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 3D: dub.: 14h, 16h30, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 2D: 14h, 16h30, 19h; 3D: 21h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 3D: 14h; 2D: 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 2D: 16h, 18h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom.: 3D: 14h; 2D: 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 2D: 16h, 18h, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h, 19h; 2D: 17h, 20h50. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 3D: 14h15, 19h25; 2D: 16h55; seg. a qua.: 3D: 15h30, 19h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h, 18h10; 2D: 16h05, 20h20; seg. a qua.: 3D: 16h05, 20h20; 2D: 18h10.

**GUADALUPE, MÃE DA HUMANIDADE** (*Guadalupe, Madre de la Humanidad*). Espanha, 2024. Dir.: Andrés Garrigó e Pablo Moreno. Elenco: Mario Alberto, Karyme Lozano. Drama/ religioso/ documentário. A história de Nossa Senhora de Guadalupe, que, pela tradição católica, há 500 anos fez uma aparição para um indígena mexicano. 1h42. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg.: 19h15.

**A TEIA** (*Sleeping Dogs*). Austrália/ EUA, 2024. Dir.: Adam Cooper. Elenco: Russell Crowe, Karen Gillan, Marton Csokas. Policial/ mistério. Ex-policial que sofre de Alzheimer precisa refazer a investigação do passado. 1h50. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom., ter. e qua.: dub.: 14h15, 19h15; leg.: 16h45, 21h40; seg.: dub.: 14h15; leg.: 16h45, 21h40. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h10, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h05, 20h45.

### CONTINUAÇÃO

**GHOSTBUSTERS – APOCALIPSE DE GELO** (*Ghostbusters – Frozen Empire*). EUA/ Canadá/ Reino Unido, 2024. Dir.: Gil Kenan. Elenco: Paul Rudd, Carrie Coon, Mackenna Grace, Finn Wolfhard, Bill Murray, Dan Aykroyd, Ernie Hudson, Annie Potts. Comédia/ aventura. Duas gerações de Caça-Fantamas lutam para evitar uma segunda

era do gelo depois que um artefato antigo é encontrado. 1h55. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 15h45.

**GODZILLA E KONG – O NOVO IMPÉRIO** (*Godzilla x Kong – The New Empire*). EUA, 2024. Dir.: Adam Wingard. Elenco: Rebecca Hall, Brian Tyree Henry, Dan Stevens. Aventura/ ação. Dois monstros gigantescos se unem para combater uma ameaça à humanidade. 1h55. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: 3D: dub.: dom.: 16h35.

**GUERRA CIVIL** (*Civil War*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Alex Garland. Elenco: Kirsten Dunst, Wagner Moura, Nick Offerman. Guerra/ drama/ aventura. Jornalistas de guerra registram a escalada de violência quando uma guerra civil se instaura nos EUA. 1h49. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h30, 18h15, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h50. MULTICINE PATOS 3: dub.: 21h10. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 16h50.

**KUNG FU PANDA 4** (*Kung Fu Panda 4*). EUA/ China, 2024. Dir.: Mike Mitchell. Vozes na dublagem brasileira: Lúcio Mauro Filho, Danni Suzuki, Taís Araújo, Leonardo Camillo. Comédia/ aventura/ animação. Antes de se tornar um líder espiritual, panda precisa encontrar o novo dragão guerreiro e enfrentar de novo antigos vilões. 1h34. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: dom.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10.

**RIVALS** (*Challengers*). EUA, 2024. Dir.: Luca Guadagnino. Elenco: Zendaya, Mike Faist, Josh O'Connor. Drama/ romance. Treinadora de tênis e seu marido jogador encontram num torneio um rival além das quadras: é o ex-namorado dela e ex-melhor amigo dele. 2h11. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 18h10.

## Letra Lúdica

Hildeberto  
Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Hélder Moura

O escritor e imortal Hélder Moura acaba de publicar *A Insana Lucidez do Ser: uma Fábula* (João Pessoa: Ideia, 2024). Segundo o professor e ensaísta Chico Viana, que assina o prefácio, seu texto “é forte, denso e carregado de curiosas referências literárias e musicais”. “Nele”, acrescenta, no mesmo parágrafo, “há também espaço para especulações filosóficas quanto ao sentido da vida e a nosso propósito no mundo”.

Diria que a essas especulações filosóficas se somam considerações de ordem psicológicas, metalinguísticas e cinematográficas, formatando o tecido verbal e fabulatório com leves, porém, pertinentes digressões reflexivas.

Dividida em seis capítulos (seis dias), um “Juízo final” e uma glosa conclusiva, “Eternidade”, a narrativa possui de fábula a atmosfera insólita e fantástica, na medida em que o mundo ordinário, com a lógica rotineira das coisas cotidianas, é como que invadido pelo o estranho, o inusitado, o absurdo.

De repente, Cilgin, o protagonista, acorda e se descobre sozinho dentro de uma realidade vazia. Durante os seis dias nos quais se desenrola a ação, o personagem se vê isolado dentro de um retábulo feito de sonhos e pesadelos. Como Gregor Samsa, o anti-herói kafkiano, de *A Metamorfose*, o impacto da nova situação vivenciada, ao mesmo tempo em que o demarca como um ser em crise (qual o ser que não está em crise?), abre as comportas para uma meditação dilacerada acerca do sentido da vida.

O sentimento de culpa, a sensação do desamparo, a presença da solidão, as heranças traumáticas, as experiências suicidas, tudo converge para o final, em seu imperativo trágico. Cilgin se suicida, como a ratificar o postulado heideggeriano de que “somos seres para a morte”.

Se observados minuciosamente os sinais significantes do chamado “aparelho formal da enunciação”, com suas instâncias sinalizadoras, é possível detectar certa previsibilidade no que concerne ao desfecho. Atentemos para as referências pontuais aos suicídios de alguns escritores, a exemplo, entre outros, de Hemingway, Horácio Quiroga, Sylvia Plath e Florbela Espanca.

Tal dispositivo não chega a comprometer o equilíbrio estético do texto, principalmente porque as notações especulativas, as alusões intertextuais, o procedimento mesmo da composição fraseológica e o próprio relevo do episódio central, no seu estranhamento semântico, garantem os efeitos artísticos de uma narrativa literária.

Cilgin tem muito de cada um de nós, analisada a sua condição existencial. Ele me parece representar a clivagem profunda que secciona o ser humano na sua relação com a realidade. Sujeito em crise, apartado do mundo, atravessado pelas lâminas do vazio, interior e exterior, não consegue superar o legado traumático de que foi vítima na infância.

Evocando a lembrança do pai e, particularmente a sua atitude de omissão face à violência de que foi vítima o personagem, quando criança, o narrador faz a seguinte ponderação: “[...] E, mesmo quando o pai morreu, essa sensação de que algo ficou para trás sem uma solução, permaneceu. E, muitas vezes, imaginava como, ao longo da vida, essas coisas acontecem e vão formando as relações e os afetos, de uma maneira tal que o sujeito perde a noção de quem realmente é, lá em sua essência mais funda”.

Eis aí o cerne da trama dessa história trágica. Mais que contar um fato, mais que descrever um conflito, mais que simplesmente narrar, o narrador se deixa levar, acompanhando os dilemas interiores do personagem, pelo fluxo de uma meditação que põe em cena a perseguição do ser diante dos enigmas da vida. Embutidas, portanto, nessa meditação que se alonga e se adensa página a página, como as colunas vertebrais do texto, estão as dolorosas indagações de sempre. Se há algo de kafkiano nesta narrativa, também ecoam, aqui, certos sons e certos ruídos dostoiévskianos. Às manchas opressivas da realidade se junta a agonia psicológica do personagem, configurando um clima fechado, escuro, distófico.

Autor culto e de visão cognitiva maturada, Hélder Moura alia o viés do ensaísta ao apelo ficcional que rege o andamento das ações. Ações interiores mais que exteriores. Disciplina verbal na elaboração da linguagem, riqueza alusiva no que diz respeito aos movimentos dialógicos do texto, poder de persuasão no tatear climas e atmosferas e o mergulho profundo nas cavernas escusas da alma humana, tudo me garante que estou diante de uma peça literária em que o mistério da experiência humana se converte no produto objetivo de uma realização estética.

Num dos contos de Rubem Fonseca, um personagem assegura que quando um escritor vira imortal, recebe homenagens, títulos e comendas, é porque está morto. Será mesmo? Penso que não. Hélder Moura me parece um exemplo vivo.

Jornalista combativo, em especial no campo do jornalismo político; autor de um romance singular, *O Incrível Testamento de Dom Agápito*; estudioso da obra de Guimarães Rosa, a partir das matrizes psicanalíticas e literárias; um dos coordenadores do Pôr do Sol Literário, e ora dando a lume mais um livro, Hélder Moura, sem dúvida, contradiz a referida, suposta e irônica regra. Isto, porque está na efervescência de seu labor criativo.

*Colunista colaborador*

MÚSICA E TV

# Próximos capítulos de Juzé e Lukete

Artistas paraibanos voltam como dupla na novela “No Rancho Fundo” e lançaram o EP “Visse & Verso”

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Até o início dos anos 1990, quando o episódio de uma novela terminava, entravam as cenas dos próximos capítulos, antes dos créditos de encerramento. Na novela *Mar do Sertão* (2022), os artistas paraibanos Juzé e Lukete foram convocados para estreiar na TV, fazendo essa função em formato de repente. A dupla está repetindo a dose no atual cartaz das 18h na TV Globo, *No Rancho Fundo*, espécie de continuação de *Mar do Sertão*.

Hoje, é o Jornal **A União** que anuncia as cenas dos próximos capítulos de Juzé e Lukete: depois de lançarem no último mês o compacto *Visse & Verso*, com cinco músicas autorais, eles se preparam para lançar trabalhos solo ainda em 2024. Embalada ainda pelo clima das festas juninas, a dupla sairá no mês de junho em turnê, com shows temáticos. Juzé também tem apresentações marcadas pelo Nordeste com Os Gonzagas, banda da qual faz parte desde 2017.

“Meu próximo lançamento será agora em maio, e se chama “Mei sargaço, mei mato”, uma canção que tem poesia, devaneio de inspiração, confissão”, divulga Juzé. “Jerimum” será o novo single solo de Lukete, que estreará antes do seu novo álbum, *Lukete-Me*, com nove faixas. “Para breve também pla-

nejo lançar um livro, reunindo todas as minhas poesias. Há outras parcerias musicais pintando, incluindo uma com Seu Pereira”, adianta o artista.

O *Visse & Verso*, lançado no mês passado, retoma a parceria musical da dupla trazendo músicas com sonoridades diversas, indo do piseiro à MPB, mesclando estilos diferentes numa mesma faixa. “Telengotengo”, por exemplo, começa com um chiado de agulha sob disco de vinil e segue com arranjo no estilo “banquinho e violão”, ao mesmo tempo que a letra evoca canções tipicamente nordestinas. Responsável pelo *design* da capa, um colega de *No Rancho Fundo*: Welder Rodrigues, intérprete do trabiqueiro Sabá Bodó.

### Carnaval e igreja

A dupla nasceu pessoense, mas, apesar do entrosamento digno de amigos de infância, as trajetórias dos dois, nos primeiros anos de vida, seguiram por caminhos diferentes. “Minhas primeiras experiências com teatro e música foram na escola. Estudei teatro lá muito novinho e tive meus primeiros contatos com a dança também. Mas tudo começou para valer aos 14 anos, quando ingressei para a produção do bloco Muriçocas do Miramar”, evoca Juzé. Já Lukete, revela que seus primeiros contatos com a arte foram em grupos de igreja, aos 12



Lukete e Juzé dedicaram-se a trabalhos solo em 2023, mas voltaram como dupla na TV e no EP

anos. “Com 27, entro no curso de teatro do Espaço Cultural e dali emendo quatro espetáculos profissionais. Na música, começo a compor nos movimentos da Igreja Católica também”, destaca.

É Juzé quem conta como conheceu o colega: foi por meio do bar que os pais de Lukete, Nathalia e Ferro, mantinham na capital. Ele se apresentou algumas vezes no local, cantando e tocando violão, sendo sua estreia em apresentações profissionais. “Um dia a gente se cruzou, e Lukete disse que gostava muito do meu trabalho, gostava das minhas poesias

e até recitou um poema meu. A gente sabia músicas parecidas, porque era o universo do bar, dos pais dele, então a gente já tinha muito conhecimento um do outro”, rememora Juzé.

“Deixa a gente fazer?”

Lukete nos fala que o convite para integrar o elenco de *Mar do Sertão* surgiu depois de participar de um evento da novela, no Rio de Janeiro, recitando poesia em homenagem a Jes-sier Quirino. Os diretores do projeto se aproximaram do artista e pediram que ele fizesse um cadastro no banco de atores da Globo. Um mês depois,

ele foi chamado para interpretar Casimiro, o tipógrafo da *Gazeta de Santa Pedra*, cidade fictícia da trama.

“Já no corpo da novela, de contrato assinado, pelos bares do Rio de Janeiro, eu e Juzé encontramos o diretor da novela, Allan Fiterman, e ele nos informou que tinha a ideia de utilizar repentes no fim da novela. Juzé indagou: ‘Nos dê o texto pra gente escrever!’”, recorda Lukete. Para Juzé, estar na Globo, próximo de atores conhecidos, é uma experiência fascinante: “Acompanhei novelas com músicos atuando, a exemplo do grandessíssimo

Almir Sater em *O Rei do Gado*. Isso sempre mexeu muito comigo e acabou ficando no meu inconsciente. Receber esse convite para fazer poesia nordestina, com o nosso sotaque, foi mágico”, revela.

Depois que *Mar do Sertão* acabou, a dupla chegou a lançar um compacto com sete canções e a fazer shows juntos, mas optaram por se descolar, voltando-se aos trabalhos solo durante o ano de 2023; esse período, distantes, foi positivo, como avalia Juzé. “Eu acho que uma separação é importante para dar um respiro na arte de cada um, né? Reconectar-se com as suas próprias energias, até para voltarmos mais leve e fazer um trabalho em dupla”, justifica.

O afastamento não durou muito: no final do ano passado, eles e outros artistas que trabalharam em *Mar do Sertão* foram chamados para reprisar seus papéis em *No Rancho Fundo*, novela escrita por Mário Teixeira que dá continuidade às tramas de seu trabalho anterior. “O diretor nos mandou mensagem perguntando se tínhamos interesse. Dissemos que ‘sim’ e pronto. Foi simples”, relembra Lukete, rindo. A dupla segue diariamente no ar, com a mesma função de antes. Para acompanhar todos os projetos futuros da dupla, o jeito é o mesmo: aguardar as cenas dos próximos capítulos...

Livraria

A UNIÃO

Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:

[www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc\\_livraria/loja/](http://www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/)

DIREITO À HERANÇA

# Senado analisa mudança em regras

*Proposta retira cônjuges e companheiros da lista de herdeiros necessários e privilegia filhos e pais da pessoa morta*

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Após oito meses de deliberação, o anteprojeto de reforma do Código Civil desembarcou no Senado Federal propondo alterações significativas ao documento, principalmente no âmbito do direito familiar. Além de ampliar o conceito de família e introduzir a possibilidade do divórcio unilateral sem a necessidade de ação judicial, entre outras novidades, a atualização também remodela a dinâmica sucessória ao remover os cônjuges da categoria de herdeiros necessários. A medida é vista como uma das mais polêmicas do projeto, já que impacta diretamente no planejamento patrimonial e nas relações entre os próprios familiares. Mas, afinal, qual será o peso desse “ajuste” na vida das pessoas?

A equipe de reportagem do Jornal A União conversou com os advogados Maurício Lucena Brito, que integra a Comissão de Direito de Família e Sucessões da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Paraíba; Andressa Fernandes Maia Falcão, membro da Comissão Nacional de Direito Sucessório do Conselho Federal da OAB; e Gabriel Honorato de Carvalho, da seccional paraibana do Instituto Brasileiro de Direito da Família (IBDFAM), para entender o significado prático dessa mudança.

### Novos tempos

Antes de tudo, os especialistas em Direito de Família e Sucessões reforçam que a atualização do Código Civil ainda está sendo construída e será alvo de muito debate até que seja consolidada. Entretanto, uma coisa é certa: a maioria dos juristas considera necessária a moderniza-



Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Foto: Arquivo Pessoal

Atualização do Código Civil ainda não foi consolidada e é alvo de discussões polêmicas

ção da legislação, embora alguns entendimentos ainda não sejam unânimes — o que é normal.

Apesar disso, o advogado Maurício Lucena Brito acredita que a reforma tem tudo para ser aprovada, tendo em vista seu caráter simplificador. Como ele explica, os cônjuges e companheiros passaram a figurar como herdeiros necessários a partir de 2002, porém, em vez de descomplicar a questão sucessória, isso fez com que as disputas judiciais só aumentassem. “O Código de 1916 não os incluía na cadeia de herdeiros necessários. Mas, na condição de herdeiro, eles passaram a ter direito aos bens que não se comunicam entre os cônjuges, o que também foi considerado polêmico em 2002”, relembra Maurício. “Em vez de pacificar, isso trouxe uma carga a mais. Por isso, eu digo que a atualização é para simplificar e mitigar os conflitos que já existem nas famílias. Hoje temos dois ou mais núcleos familiares que se interrelacionam pelo patrimônio do cônjuge”, completa.

Se a partilha ficou mais complexa, a sociedade também passou por transforma-

ções significativas nos últimos 20 anos, como aponta a advogada Andressa Fernandes Maia. “As mudanças quanto aos vínculos amorosos têm sido constantes, acarretando um panorama totalmente diferente no que diz respeito à figura familiar em comparação à época em que foi promulgado o código anterior”, observa. De lá para cá, muita coisa mudou no campo do direito, a exemplo da equiparação do cônjuge e do companheiro, a facilitação da realização do divórcio, a possibilidade de uniões homoafetivas, entre outras atualizações.

### Família, herança e direitos

Segundo Andressa, se a proposta for aprovada, a exclusão beneficiará os descendentes (filhos e netos), que se guem como prioritários na ordem sucessória, e os ascendentes (pais e avós), que viriam a seguir na ausência dos primeiros na lista. Até então, filhos e cônjuges corriam entre si ao direito a 50% do patrimônio herdado — uma herança que obrigatoriamente deveria ser dividida entre eles. Já com a mudança, a quota destinada aos descen-

dentes ficará maior, reduzindo o patrimônio que cônjuges e companheiros terão direito após o falecimento de seu parceiro afetivo.

Aqui vale uma ressalva: de acordo com Maurício Lucena, que integra a Comissão de Direito de Família e Sucessões da OAB-PB, o regime de bens aplicado e a existência, ou não, de testamento também entram nessa equação. Na comunhão parcial, o cônjuge sobrevivente continuará tendo direito à metade dos bens adquiridos durante o casamento — e nada muda com a reforma. “Nesse caso, ele fica protegido porque tem a meação dos bens. Metade para ele, metade para os filhos”, exemplifica. No entanto, em caso de separação total, ele não entrará mais na partilha, nem terá direito aos bens particulares do “falecido”, visto que não será mais um herdeiro necessário. Maurício reforça ainda que as regras valem de maneira igual tanto para casais heterossexuais quanto homossexuais. As condições são as mesmas para todos.

“A matéria é bastante polêmica”, complementa Andressa, citando as divergên-



**Sem dúvida, essa possível mudança demandará da família um planejamento patrimonial e sucessório para além do ‘evento morte’**

Andressa Falcão

cias geradas entre os juristas. “Alguns entendem ser necessária, já que o vínculo amoroso não repercute a mesma importância de outrora, sendo o sanguíneo mais permanente. Já outra parcela entende que a exclusão de cônjuges e companheiros pode trazer vulnerabilidade, especificamente à mulher, aumentando a desigualdade social”, pondera.

### Vulnerabilidade

A polêmica reside justa-

mente aí, por ser mais comum o falecimento do homem antes da mulher, o que aumenta a complexidade da situação. Além disso, muitas mulheres abandonam seus empregos para cuidar da casa e da família, e a exclusão como herdeiras pode resultar em redução de renda e patrimônio. “Sem dúvida, isso demandará da família um planejamento patrimonial e sucessório para além do ‘evento morte’, algo que vem, timidamente, sendo desperdiçado na população brasileira”, reflete Andressa.

Ao mesmo tempo, o empoderamento feminino é uma realidade que o Código Civil precisa refletir, como aponta o advogado Gabriel Honorato de Carvalho, do IBDFAM. “Estamos trazendo a possibilidade de uma mulher com patrimônio superior ao do homem ter a liberdade de proteger mais os filhos do que o marido no seu testamento”, reforça. Para ele, trata-se de uma perspectiva mais inclusiva em relação às mulheres, embora a sociedade ainda seja muito machista e patriarcal.

De qualquer forma, para evitar possíveis situações de vulnerabilidade, Gabriel cita um dispositivo importante para garantir a subsistência dos cônjuges caso fique comprovada a insuficiência de recursos. Nesse caso, o juiz poderá instituir usufruto sobre determinados bens da herança, sobretudo moradia, ou até uma pensão. “A gente chama de garantia existencial. A pessoa precisa ter um lugar para morar, algo para comer e renda para transporte e saúde”, explica. Pelo novo texto, a herança só será destinada a cônjuges ou companheiros na falta de descendentes e ascendentes, figurando em terceiro na ordem de sucessão hereditária — isso quando não houver testamento.

Além disso, o anteprojeto também retira o direito à reserva de um quarto da herança sobre os bens particulares do falecido nos casos em que o cônjuge também é ascendente do herdeiro. Para se ter ideia, pelo Código Civil em vigor, o cônjuge ou companheiro só não tem direito à herança em dois casos específicos: se for deserddado ou declarado indigno.

## Testamento é fundamental para o planejamento patrimonial

Contudo, se o anteprojeto passar, o testamento será o principal instrumento pelo qual os casais poderão expressar suas vontades. “Toda pessoa maior e capaz pode dispor de metade dos seus bens por meio de testamento, que na prática funciona como a possibilidade de dar, ‘para quem quiser’, metade dos seus bens”, explica Andressa Fernandes.

Desse modo, o esposo ou esposa, companheiro ou companheira, poderá nomear seu parceiro como

herdeiro testamentário e determinar, dentro dessa outra metade, a quota que seja doar. “Esta seria uma das alternativas possíveis para a proteção do cônjuge e do companheiro”, complementa Maurício, da Comissão de Direito de Família e Sucessões da OAB-PB, reforçando a importância desse documento sob o ponto de vista social. “Por meio do testamento, o cônjuge pode garantir ao seu companheiro vivo um percentual até maior sobre o patrimônio

do que ele teria apenas como herdeiro.”

### Novo Código

O novo Código Civil é resultado do trabalho conduzido por uma comissão de 38 juristas, sob a liderança do ministro Luis Felipe Salomão, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), como forma de trazer o Código Civil para os dias atuais. É o que destaca o advogado Gabriel Honorato, do IBDFAM. “A ideia é justamente essa: tentar dar qualidade e compreender me-

lhor as posições das pessoas nas suas dificuldades e angústias”, resume. Foram oito meses de deliberação até a apresentação da proposta ao Senado no dia 17 de abril. “Hoje temos um Código Civil com muitas raízes no documento de 1916. Ele foi chamado de novo, mas não deixa de ser velho”, crava.

Segundo Gabriel, o anteprojeto ainda será amplamente discutido no Senado antes de ir para a Câmara dos Deputados e, finalmente, chegar ao presidente da Re-

pública. “Temos um governo mais social, mas não sabemos se ele irá permitir, ou não, essa exclusão. Alguns governos mais sociais teriam essa visão de salvaguardar os direitos, mas precisamos aguardar.” Mas até lá é importante que a população participe do debate e não se deixe contaminar por informações falsas que circulam nas redes sociais. “São notícias sobre questões que não fazem parte do projeto”, finaliza o representante do IBDFAM na Paraíba.

## Análise

**Especialista destaca que texto será amplamente debatido e aponta possibilidade de o atual governo, por seu perfil mais social, não autorizar a retirada dos direitos**

Sebastião Leite

## Da montagem à diagramação, o caminho de um profissional dedicado

Minucioso e organizado, aprendeu as técnicas da profissão com colegas no jornal e se tornou referência em criatividade e no design para transformar a primeira página de cada edição em algo atraente e informativo ao leitor

Luiz Carlos Sousa  
lulsjp@gmail.com

A história de Sebastião de Souza Leite é mais uma daquelas que contam como um rapaz saiu do interior querendo estudar e teve que trabalhar para se sustentar na capital. Queria fazer Engenharia, acabou químico industrial, mas o pendor para a Matemática o levou a ser diagramador. Começou nas oficinas, trabalhando na montagem. Soube que um colega viajaria para assumir um emprego na região Norte e aceitou o desafio de cuidar dos projetos de primeira página. Sob a orientação de Agnaldo Almeida, passou a diagramar a capa. É mais um na unanimidade que reconhece **A União** como escola que “não vai acabar nunca”. Tião diz que só deixou amigos e que voltar para gravar este depoimento para o **Memórias A União**, acompanhado da filha, foi uma emoção, porque ela não conhecia a história dele a fundo como foi conversada aqui. Deixou o jornal 18 anos depois para seguir carreira no serviço público federal, onde está até hoje.

### Entrevista

■ *Como começou sua história com A União?*

Minha chegada n’**A União** foi em 1976, no dia 1º de maio, coincidindo com o Dia do Trabalhador. Eu tinha vindo do interior da Paraíba em busca de trabalho e de estudo, porque no interior era um pouco carente naquela época.

■ *Você é de que interior?*

De Teixeira. E aí expectativa e ansiedade. Meu irmão já morava aqui, estava no quartel e conheceu o Rosalvo.

■ *Da emenda, da montagem?*

Sim. Conversando com Rosalvo, informou que eu tinha vindo do Sertão com essa perspectiva de arranjar um trabalho para ganhar um dinheirinho, para me manter nos estudos, afinal de contas pais pobres não tinham condições de manter a gente aqui na capital. Naquele mesmo dia, Rosalvo disse: “Está surgindo uma oportunidade nas oficinas de **A União**”. E à noite eu comecei. Rosalvo, com aquela dedicação e profissionalismo que ele tinha, foi logo me ensinando. Eu novo, com a cabeça boa...

■ *Foi logo aprendendo?*

Aprendendo de imediato, na montagem. Era um trabalho quase artesanal. A gente tinha a equipe comandada por Lourival, na paginação, Carol, Ilka e a esposa de Rosalvo. No fotolito, Clodoaldo (Colô) e Benildo. A gente aprendeu aqueles mínimos detalhes, como fazer aquela montagem das fotos, tudo medido milimetricamente.

■ *Tudo retocado?*

No jornal não podia sair mancha, que a gente tirava com tinta guache, tudo bonitinho. E, quando a gente preparava aqueles filmes, casava as páginas: uma ímpar com uma par. Benildo gravava a chapa, que descia para a impressão, e rodava o jornal.

■ *Eu pensei que você tinha começado na diagramação...*

Naquela época era muito difícil. Falar da evolução para hoje... é uma diferenciação muito grande, porque o jornal tinha que seguir para as su-

cursais no interior, e o carro saía daqui da rodoviária velha três horas da manhã.

■ *Se não chegasse cedo ao interior, o leitor não queria mais saber de jornal, mesmo sem internet ainda?*

Para o leitor não fazia mais sentido. Tinha o rádio, mas o jornal era muito lido, muito procurado: você queria saber as informações do estado e do mundo no jornal, uma coisa fantástica. E era feito com muito zelo e muita dedicação, não podia errar. Lembro de um detalhe: José Souto tinha uma coluna, parece que era na terceira página, me parece que o nome era “Viaduto”. E aí ele escreveu certa vez uma matéria de teatro e, para ilustrar o conteúdo da coluna, tinha uma foto de um pessoal deitado e dormindo.

■ *Não me diga que vocês acordaram os personagens?*

Na montagem, recém-chegado, botei o povo tudo em pé, o pessoal dormindo em pé. No outro dia — ele chegava cedinho —, chamou Lourival e disse: “O que é isso aqui?”. Louro chegou, foi falar comigo e disse: “Fui chamado atenção hoje. Tenha um pouquinho mais de cuidado”.

■ *Como você chegou à redação para diagramar?*

Vencido ali um ano, dois anos surgiu uma vaga na redação. Um colega que era engenheiro recém-formado saiu. Fui aprender, e logo com Agnaldo Almeida, muito exigente, mas brincalhão: “Não vai dar tempo para aprender”, dizia ele. E eu andava com anotações para decorar aqueles códigos, para calcular as matérias.

■ *Sabia o espaço que ocuparia na página?*

É uma equação matemática, e ela é perfeita. Por quê? Porque você tem como calcular o peso para cada corpo, ou seja, o que da área é da matéria na página. Não tem como dar errado. Quem me ensinou isso foi o saudoso Agnaldo Almeida, que tinha o prazer de sentar à mesa e discutir esses assuntos.

■ *Ele, sobretudo, ouvia?*

Ele sabia que eu tinha conhecimento muito bom de matemática e gostava de discutir isso comigo.

■ *Acho engraçado e interessante o seguinte: hoje, a gente não usa régua, nem a calculadora para fazer nenhum cálculo desses. O computador calcula o espaço, você o manda apertar, manda abrir, mas o resultado continua o mesmo?*

Quando eu saí de **A União**, a empresa estava com a informatização pronta e o pessoal já estava diagramando no computador. Não tive esse privilégio de aprender. Aprendi só o modelo anterior, mas foi um modelo muito enriquecedor: a gente fazia com muita dedicação, com zelo, com proeza.

■ *Dos diagramadores, você era o mais organizado. A sua régua não tinha aqueles gomos?*

Não tinha e, se aparecesse, eu trocava logo. O que era que eu fazia? Eu ia lá na máquina, batia sete toques, cortava uma fitinha bem estreitinha e colava na régua. Quando o cara me dava a matéria para calcular, era só botar em cima: eu já sabia o número de toques. O editor não tinha paciência de esperar, tinha que ser rápido. Todo processo até a impressão era uma mão de obra grandiosa, mas aqui eu posso assegurar que sempre teve os melhores profissionais.

■ *Sempre dava certo?*

Tinha os melhores profissionais da praça, uma equipe muito organizada e bem encaixadinha, e tudo dava certinho.

■ *Interessante, Tião, é que a gente desenvolveu um tipo de relação de trabalho n’**A União** que era mais uma irmandade...*

Eu tenho uma saudade imensa. Da semana passada para cá, que a gente voltou a conversar e você falou da possibilidade da minha vin-



“Isso aqui foi meu começo, uma coisa que guardo na lembrança com muita emoção”



Fotos: Edison Matos

Tião revela que começou a diagramar sem dominar tecnicamente as nuances da especialidade para não perder a vaga na redação

da aqui pra gente conversar um pouco e gravar uma memória de minha trajetória, eu sonhei diagramando jornal.

■ *Com aquele diagrama?*

Do mesmo jeitinho, aquelas colunas acima e medindo aqui, medindo ali, tudo direitinho, no tamanho certo.

■ *Mas termine a história de como foi que você chegou à diagramação?*

Surgiu a vaga na redação. Soube aqui mesmo, mas não lembro quem foi que disse para mim ou se foi ele próprio, porque ele disse que estava para sair, que iria viajar. Uma vez ele chegou lá na oficina e perguntou: “Quem é o rapaz que quer aprender diagramação?”. Respon-di: “Sou eu”. E ele acrescentou: “Porque tem que ir para lá ficar todo dia, porque estou com viagem marcada”. Fui para lá, passou uma semana. Um dia de sábado, Agnaldo disse: “Fulano não veio mais, agora és tu e eu aqui”. Eu disse: “Rapaz, eu não aprendi tudo, mas a gente vai fazendo”. Porque Agnaldo fazia tudo dentro da redação, sabia tudo, inclusive diagramação.

■ *E, mesmo quando ele não sabia, ele tinha uma grande noção?*

Era uma pessoa de sensibilidade. Aprendi aquilo e facilitou muito minha vida. Como você disse, como era que eu ia conciliar o meu tempo de trabalho noturno e estudar? Porque eu fiz curso de Química Industrial, um curso quase de Engenharia, muito difícil. Eu chegava em casa muitas vezes de manhã. Como era que eu ia pegar um ônibus pra ir pra universidade? Voltava do ponto do ônibus porque não aguentava assistir aula.

■ *Mas você chegou à diagramação e já com um desafio?*

Primeira página. Eu passei mais

de 16 anos fazendo a primeira página do **Jornal A União**. Desde que entrei lá até a minha saída, eu fazia a primeira página.

■ *Todos os editores que passaram nesse período trabalharam com você?*

Muitos editores mesmo. Tenho uns documentos da época que a gente pediu enquadramento como Nível Superior e tem uma declaração de Josemar Pontes. Melhorou um pouco para mim porque quem chegava em casa três, quatro horas da manhã... Na redação terminava 10 horas, no mais tardar 11 horas. Eu chegava em casa meia-noite, dava para dormir e no outro dia veio ele chegou lá na oficina e perguntou: “Quem é o rapaz que quer aprender diagramação?”. Respon-di: “Sou eu”. E ele acrescentou: “Porque tem que ir para lá ficar todo dia, porque estou com viagem marcada”. Fui para lá, passou uma semana. Um dia de sábado, Agnaldo disse: “Fulano não veio mais, agora és tu e eu aqui”. Eu disse: “Rapaz, eu não aprendi tudo, mas a gente vai fazendo”. Porque Agnaldo fazia tudo dentro da redação, sabia tudo, inclusive diagramação.

■ *É uma unanimidade esse tipo de diagnóstico em relação ao jornal A União...*

É uma escola. Foi onde comecei minha vida como empregado público. A entre entrou como celetista e depois mudou para a Casa Civil, passando a estatutário. Tenho meus registros todos. E minha vida começou aqui, então é uma coisa que me engrandece, me deixa muito tranquilo e à vontade pra dizer pra qualquer um: isso aqui foi meu começo, uma coisa que guardo na lembrança com muita emoção tudo que a gente construiu aqui. Muitas coisas boas, muitos amigos, uns que já se foram, que a gente mantém na memória, os que aqui estão. Nós que estamos aqui, depois de, vamos dizer assim, uns 20 anos... eu tenho prazer de voltar a esta casa.

■ *Mas lembro que, além da primeira*

*página, você fazia “Últimas” e algumas páginas do Jornal de Domingo...*

A gente trabalhava no caderno de domingo quando encerrava a edição normal. Às vezes, o editor deixava quando tinha uma página pronta entregue pelo redator, e a gente ficava até concluir o trabalho e ia embora. Trabalho muito bonito, muito bom, um jornal muito bem feito.

■ *Sempre foi?*

Sempre foi. Eram reportagens inteiras por página. Um assunto só por página, bem ilustrado e bem arejado, para que facilitasse ali a leitura. Tinha o **Jornal da Terra**, o **Correio das Artes**, com Sérgio de Castro Pinto. A gente tinha o prazer de fazer, eu gostava muito.

■ *Qual o segredo de uma boa diagramação?*

Uma foto boa é o primeiro ponto para você ter uma página bem chamativa. E um bom texto também. Mas o que faz uma página mais chamativa é a forma como você vai distribuir o material. Hoje é tudo na internet, é na telinha, é fantástico, mas na época da gente era no papel, no espaço em branco. Um espaço em branco que você quebrava o texto todinho (irregular à direita e regular centralizado). Você que, às vezes, quebrava o título, porque o título principal é chamativo, aí vem um subtítulo que vem explicando aquela manchete, e a gente, com diagramador, e tem que ter a percepção de como vai distribuir aquilo para poder ficar uma página bem atrativa e bonita e bem distribuída.

■ *É sempre desafiador?*

Para mim sempre foi o segredo. E a gente, às vezes, pensava: “Devo usar essa foto aqui... Essa foto cá bem”. E eu mesmo gostava, imagine o leitor. Aí eu ia mudar a posição, encontrava a posição ade-

quada. Muitas vezes, as pessoas faziam correndo para ir embora. Eu não fazia isso, era uma pessoa com foco no zelo pelo meu trabalho, pelo que fazia, né? Se fizesse correndo, no outro dia alguém chegava e dizia que estava uma porcaria que você sabe fazer.

■ *E a redação diz mesmo?*

Dizia mesmo, e ainda hoje deve ser assim. Tem que primar por todos esses detalhes, essas qualidades, porque no produto final sai a beleza do produto. E é isto: quando o leitor bate o olho, ele enxerga. E aí gosta e reconhece.

■ *Qual é o procedimento do diagramador quando ele recebe o material e as orientações do editor para colocar o material na página em uma sequência lógica?*

Você disse muito bem. Tem que ter uma sequência, uma objetividade, porque o meio não pode estar no fim, o fim não pode estar no início, então a gente tinha cuidado, e muitas e muitas vezes o editor vem com o projeto e, quando senta na mesa, gosta de ouvir também, de pedir a minha opinião.

■ *Apesar de estar com o projeto na cabeça, o editor sempre ouve o diagramador para ver qual a direção e como a página deve ser feita para não ficar pesada?*

Eu lembro uma vez que nós estávamos fazendo uma edição e teve um assalto — não sei se o assalto envolveu gente grande —, e Agnaldo estava com umas 15 fotografias para publicar. Era gente da amizade de José Souto: “Essa não vai, essa não vai, essa não vai”. Sobrou uma. Agnaldo, então, disse: “Não vai nenhuma”. Vi também Nonato Guedes, na época que trabalhei com ele aqui, rasgar manchete do jornal, porque trabalhava numa linha de governo e ninguém podia falar do governo.



“É um trabalho que se eternizou, que vai continuar. É uma escola, é história e sempre vai ser”

■ *Quais eram os maiores choques que havia na diagramação com a redação propriamente dita, na hora de descer o material para a oficina, na hora de preparar o esquema da página e de colocar as matérias em seu devido lugar?*

Como eu fazia a primeira página, ela vinha mais refinada, chamadinha de 15 linhas, tudo prontinho. Agnaldo corrigia tudo ou outro editor. Não tinha muito essa disparidade, mas em outras páginas internas sempre acontecia. O maior entrave que eu tinha é que, às vezes, o redator vinha redigir a matéria e depois corrigia tudo e riscava a matéria, que ficava toda irregular, para a gente fazer um cálculo, e depois ia respingar lá na oficina. Quando estourava ou ficava pequena, Lourival vinha reclamar e dizia logo: “Mas, rapaz, como é que tu, com uma calculadora e uma régua, faz um cálculo todo errado?”.

■ *Olha o tanto de papel perdido...*

Ter que passar isso tudo aqui e pedir pra o filme ser feito de novo, cortar e emendar. E alguns diagramadores mais rigorosos gostavam de discutir, no bom sentido, dizer para o pessoal que a matéria não dava, “esse título vai estourar”. Agora tem o seguinte: quando o redator tentava enganar — na máquina de datilografia mesmo, tinha um negócio de impressar a letra —, os redatores, os editores de página, eles não gostavam.

■ *Você trabalhou em todas as redações de A União?*

Comecei aqui no Distrito. Daqui fui para João Amorim, depois para a biblioteca pública, na General Osório. Daqui caiu o teto, a gente desceu um pouquinho mais e foi para o prédio da antiga Saelpa. Dali a gente veio para perto do Centro Administrativo. Foi ali que Nonato assumiu a diretoria de jornal e trouxe pra cá.

■ *Você começou na offset, ainda teve um flerte com a linotipo, mas você também testemunhou a passagem da diagramação desse cálculo artesanal para o computador?*

Mas não cheguei a trabalhar. Sinto falta hoje porque não colaborei nessa diretoria, nesse segmento.

■ *Desse salto da tecnologia?*

Exatamente. Até o colega diagramador Fernando Maradona dizia para mim: “Tião, é a coisa mais fácil do mundo. Senta aqui”. Se tem uma rapaziada (para ajudar), sai facilmente. Mas vinha para cá de noite e fazia no papel. Foi exatamente naquele momento que eu me afastei. E aí não conseguiu trabalhar.

■ *Você chegou a trabalhar nos dois lugares, aqui e na Receita Federal, quando você passou no concurso?*

Eu passei no concurso em 1984. Fiz o concurso do Dasp, eu já trabalhava aqui. Em 86, fui nomeado para a Receita e fiquei trabalhando de 86 até 24 de julho de 97; quando

a comissão de acumulação cruzou os dados, me pegou. A Constituição não permite, é a mesma regrinha. Então o que está na norma, que está na lei — ninguém é superior à lei —, e a lei tem que ser cumprida mesmo. Fiz minha opção, me aquietei. Fiquei com a saudade da cachaça de redação, mas o bom é que hoje estamos aqui relatando todo um histórico, minha trajetória.

■ *Você chegou a escrever alguma coisa no jornal?*

Não. Hoje até que eu escreveria. Naquela época, tinha um cara nesses campos de pelada que era um sonhador, queria ser técnico de futebol. Conversando comigo, disse: “Rapaz, faz uma matéria minha lá”. Eu fiz uma matéria pequenininha, e Toinho Costa era o editor e publicou. Foi a única vez que eu escrevi uma matéria. Quando o cara viu, disse: “Rapaz, eu não queria que dissesse que eu estava pretendendo ser técnico. Era para dizer que eu sou técnico”.

■ *Você lembra algum fato curioso envolvendo, por exemplo, algum repórter?*

Lembro um entre José Carlos dos Santos e Agnaldo Almeida. Zé Carlos gostava de economia, mas houve um sábado, um cara cortando uma árvore, que caiu e matou o cidadão. Agnaldo perguntou: “Zé Carlos, tu topas fazer essa matéria?”. Ele se mandou todo empolgado. Só a primeira página aberta, e eu esperando. Zé Carlos chegou, fez a matéria, ouviu os familiares e já botou o título desse tipo de 12 toques, três linhas, em uma coluna que a gente usava. Eu nunca esqueci de tal matéria. Ele botou assim: “Árvore mata quem estava lhe matando”. Nunca esqueci disso. Às vezes, eu, sozinho, fico lembrando que ele levou o texto tão empolgado.

■ *Hoje houve um avanço tecnológico que tirou o barulho das máquinas de datilografia e levou para o computador a diagramação. Mas o princípio continua o mesmo: a partir de uma página em branco, se cria um projeto?*

Os aplicativos facilitam tudo. Você entra na internet, vai ponto a ponto e faz tranquilo. Agora o que é interessante? É que o princípio é o mesmo: precisa de criatividade para tirar do zero, precisa ter a perspectiva de criar, de inventar. Bater o olhar e verificar qual a distribuição melhor e que vai realmente apresentar bem para quem vai ler o jornal.

■ *Você pega uma foto, vai recortar, e o texto vai entrar na imagem... tem que ter exatamente uma ideia precisa do que vai fazer porque senão você vai estragar a fotografia e não vai conseguir o resultado que queria?*

Quando trabalhava na sistematização antiga, se usava guilhotina e cortava o papel com o maior cuidado para não estragar o foco principal da foto... Às vezes, você tem os personagens da foto, que,

se tirar um, perdeu o sentido.

■ *E as edições com a lista do vestibular?*

A gente colocava primeiro na rua. A gente nunca perdeu para nenhum jornal na Paraíba. **A União** era a primeira. Como era feito? A Comissão Executiva do Vestibular (Coperve) ia soltar o resultado do vestibular. Era uma lista grande. Soltava três pacotes para: O Norte, **Jornal Correio** e **Jornal A União**. Entregava tudo de uma vez. A Coperve teve um período que era na Epitácio Pessoa e, para o **Correio** e O Norte, era pertinho. A gente levava desvantagem, mas tinha uma equipe tão qualificada e eficiente, que a gente conseguia botar o jornal na rua em meia hora na cidade, tudo distribuído.

■ *Você já chegou a ir para a “boca da impressora”, como a gente chama a dobradeira, para ver o resultado de um trabalho que você tinha feito?*

Quase todos os dias. Quando eu saía daqui, o Caderno B já estava pronto, e a gente gostava muito de ver as questões de esporte. E, às vezes, a gente não fazia só o caderno, o primeiro caderno. Às vezes, ficava uma página para a noite, um jogo de futebol. O Botafogo venceu o Flamengo no Maracanã. E o bom é ver “na boca da impressora”. É muito gratificante.

■ *Ficou alguma amizade dessa época? Ficou uma lembrança, uma lição que você carrega até hoje?*

Um exemplo prático. Quando você me procurou, uma das pessoas que eu pensei foi o Carlinhos, a quem ensinei a diagramação. Orevisor Antônio Moraes até brincou, dizendo: “Não ensinou pulo do gato”. E eu disse que não ensinei porque eu vim aprender com ele hoje.

Então, essas lembranças são feitas permanentemente, não se apagam. Ficou uma ligação que realmente não separa. E mágoa não, nenhuma. Só boas lembranças.

■ *E sua avaliação de um projeto como A União, que chega aos 131 anos?*

É um trabalho que se eternizou, que vai continuar, ele não vai acabar. É tanto que outros por aí ficaram no meio do caminho, e **A União** vai chegar aos 200 anos e vai seguir. Não acredito que exista alguém que assuma o Estado e tenha capacidade de extinguir **A União**. É uma escola, é história e sempre vai ser.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



Oportunidade

# Dois certames municipais retificados

Entre as alterações anunciadas, concursos públicos em Mamanguape e Jacaraú estendem prazos de inscrição

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Atenção, concurseiros: ainda dá tempo de garantir sua participação nos concursos públicos da Prefeitura de Mamanguape e da Câmara de Jacaraú. Os certames tiveram seus editais retificados, dando uma nova oportunidade para os interessados. No caso de Mamanguape, as inscrições foram reabertas até o dia 24 de maio, oferecendo 269 vagas para cargos de níveis Fundamental, Médio/Técnico e Superior. A novidade é a disponibilização de mais três vagas para a função de odontólogo, cargo que também teve sua jornada de trabalho e remuneração alteradas. Já na Câmara de Jacaraú, além das seis oportunidades disponíveis, o período de inscrições foi estendido até o próximo dia 10.

Para a prefeitura

Em Mamanguape, os interessados devem realizar a inscrição por meio do site da Facet Concursos (<https://concursos.facetconcursos.com.br>), organizadora do processo seletivo. A taxa de inscrição varia de R\$ 85 a R\$ 115, e as vagas disponíveis contemplam cargos de diversos níveis de escolaridade, como agente de limpeza, pedreiro, merendeira, motorista, agente administrativo, agente comunitário de saúde, técnico em radiologia, odontólogo, fiscal de obras, assistente social, enfermeiro, professor e nutricionista, entre outros. Já os salários oferecidos variam de R\$ 1.412 a R\$ 3.642, referentes a jornadas de 20 a 40 horas semanais.

A avaliação compreende-

rá a realização de uma prova objetiva, contendo até 40 questões de múltipla escolha, aplicada a todos os candidatos. No conteúdo programático, constam Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Gerais, Conhecimentos Específicos, Informática e Didática. Haverá ainda uma segunda fase para os cargos de professor e motorista, que inclui, respectivamente, análise de títulos e prova prática. Com a retificação do edital, o cro-

Vagas

Em Mamanguape, outra novidade é o acréscimo de três vagas para odontólogo, que também teve jornada e remuneração alteradas

nograma também sofreu alterações importantes: a prova objetiva deverá acontecer no dia 7 de julho; já o resultado do certame será divulgado em 9 de agosto.

Em Jacaraú

Também sob a organização da Facet Concursos, o certame da Câmara de Jacaraú oferece, ao todo, seis oportunidades para os cargos de auxiliar de serviços gerais, cozinheiro, agente administrativo, agente de

portaria, auxiliar de arquivamento e assistente contábil. Para participar, é necessário efetuar o pagamento da taxa de inscrição, cujo valor varia entre R\$ 85 e R\$ 95, conforme a escolaridade do cargo pretendido. Conforme o edital, o salário-base é de R\$ 1.412, referente a 40 horas semanais de trabalho.

Os candidatos serão avaliados por meio de prova objetiva, composta por até 30 questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa,

Matemática, Conhecimentos Gerais e Conhecimentos Específicos (dependendo do cargo). Entretanto, em razão da prorrogação das inscrições, a data da avaliação também foi modificada, passando para 9 de junho. Os dias das demais etapas serão divulgados posteriormente. Para esclarecer dúvidas e obter outras informações sobre os concursos, acesse os respectivos editais no site da banca organizadora.

## Para além do sorriso, a profissão e as oportunidades do dentista

Já ouviu falar em odontologista e odontólogo? São termos técnicos utilizados para se referir ao profissional da área odontológica, o dentista. Para além da estética, é ele quem cuida da saúde bucal como um todo, não se limitando à extração de dentes

ou tratamento de cáries. Seu conhecimento técnico abrange todas as estruturas relacionadas à boca, como dentes, gengiva, língua, ossos da face, maxilar e mordida. Não por acaso, há diversas áreas de atuação em seu horizonte, a começar pela clínica geral,

que envolve prevenção, diagnóstico e tratamentos menos complexos, passando pela ortodontia (alinhamento dos dentes), endodontia (polpa dos dentes), periodontia (cuidados com a gengiva), implantodontia, harmonização orofacial e odontopediatria.

Com tantas especialidades possíveis, a área de Odontologia exige versatilidade e muito estudo desse profissional, ao demandar dele o entendimento técnico das diversas tecnologias que integram sua rotina. A palavra-chave é atualização. A cada dia, surgem instrumentos novos que transformam e descomplicam procedimentos mais complexos – isso sem falar em tratamentos inovadores que modificam a prática odontológica. Esse, sem dúvida, é um dos desafios que mais impactam o dia a dia do dentista, como bem aponta a doutora Nathália Paes, especialista em endodontia.

Por mais que a profissão seja uma das mais procuradas pelos vestibulandos, existe um longo caminho a ser percorrido – assim como acontece na Medicina. “Iniciar no mercado de trabalho, com certeza, é o maior desafio. Ser bem remunerado e reconhecido vem com os anos de dedicação aos estudos e aos pacientes. A matemática não é tão simples”, adverte a dentista.

Entre as atribuições desse profissional, estão a de consultar, prescrever e realizar atendimentos dentro do seu rol de especialidades. “Como sou especialista em canal (endodontista), o atendimento passa pelos processos de anamnese (conversa), procedimento e reabilitação do dente”, exemplifica. Segundo Nathália, além dos consultórios particulares, há muito espaço para atuação em clínicas populares e hospitais, assim como no Programa Saúde da Família (PSF) e nos Centros de Especialidades Odontológicas (CEOs) da cidade.

Vagas em Mamanguape

Na Prefeitura Municipal de Mamanguape, a remuneração oferecida ao odontólogo é de R\$ 3.642, além das gratificações, por uma jornada de 20 horas semanais. Com a retificação do edital, o concurso passou a ofertar 13 vagas ao todo, sendo 12 para ampla concorrência e uma reservada para PCD. As mudanças no certame foram motivadas por uma decisão liminar obti-

da pelo Conselho Regional de Odontologia (CRO).

Para participar do concurso, o candidato deve ter formação superior em Odontologia e registro no CRO. A prova para esse profissional será composta por 15 questões de Língua Portuguesa e outras 25 relacionadas à área. Serão avaliados conhecimentos específicos sobre doenças bucais, índices epidemiológicos, diagnóstico e tratamentos, semiologia bucal, exames, dentição, normas de controle de infecção, técnicas de anestesia, lesões, cistos e tumores, entre outros temas.

Com tantas especialidades possíveis, área exige estudo e versatilidade, incluindo entendimento técnico e atualização



Além do consultório particular, profissional pode atuar em clínicas, hospitais, CROs e no PSF

|                                                                |                                           |                                                                |                                                              |                                                               |                                                                                                                                                   |                                                         |
|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| <b>Selic</b><br>Fixado em 20 de março de 2024<br><b>10,75%</b> | <b>Salário mínimo</b><br><b>R\$ 1.412</b> | <b>Dólar \$ Comercial</b><br><b>-0,85%</b><br><b>R\$ 5,070</b> | <b>Euro € Comercial</b><br><b>-0,52%</b><br><b>R\$ 5,457</b> | <b>Libra £ Esterlina</b><br><b>-0,73%</b><br><b>R\$ 6,365</b> | <b>Inflação</b><br>IPCA do IBGE (em %)<br>Março/2024 0,16<br>Fevereiro/2024 0,83<br>Janeiro/2024 0,42<br>Dezembro/2023 0,56<br>Novembro/2023 0,28 | <b>Ibovespa</b><br><b>128.508 pts</b><br><b>+ 1,09%</b> |
|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|

VIVENCIANDO O PORTO DO CAPIM

Turismo resgata dignidade de ribeirinhos na capital

Roteiro procura criar alternativas sustentáveis e trazer inclusão à comunidade

Bárbara Wanderley  
babiwonderley@gmail.com

Desenvolver a economia, trazer a sensação de pertencimento, preservar a história e a dignidade. Estes são os principais resultados de um projeto de turismo, criado em 2016, que hoje envolve toda a comunidade do Porto do Capim, em João Pessoa. Com o nome “Vivenciando o Porto do Capim”, os passeios turísticos pela região, que custam a partir de R\$ 35, são conduzidos pelo coletivo de jovens Garças do Sanhauá.

“Podem acreditar no turismo que ele é transformador e vem transformando a história da comunidade do Porto do Capim”, afirma Rayssa Holanda, uma das líderes do coletivo, que idealizou o projeto junto com a irmã, Rossana Holanda.

Ela contou que, além dos jovens que organizam os passeios, o projeto envolve cerca de 10 comerciantes da região e acaba tendo impacto em toda a comunidade. Além de melhorar a renda das pessoas, ela acredita que a vivência também é uma forma de comunicar contra o preconceito que muitas pessoas têm, ao achar que o Porto do Capim é uma comunidade pobre e violenta, ignorando a riqueza histórica e cultural do ambiente e da população ribeirinha que vive ali.

“O turismo convencional só vem até lá em cima, não desce a ladeira, e pior ainda é passar a linha férrea”, afirmou se referindo à linha de trem que separa a comunidade do Centro Histórico de João Pessoa.

Para a gestora de Turismo e



Dona Lourdes vive no Porto do Capim desde os 15 anos de idade

Economia Criativa do Sebrae, Regina Amorim, o projeto é de grande importância para dar visibilidade e sustentabilidade ao lugar pela sua abrangência econômica, social, cultural e ambiental. “O empreendedorismo é uma alternativa para o desenvolvimento econômico e social de qualquer território”, comentou.

“A energia criativa dos jovens empreendedores pode fluir em direção à colaboração, participação, preservação e inclusão, gerando oportunidades de negócios e transformando vidas”, completou.

Turismo que empodera

Durante a vivência, guiada pelos jovens do coletivo, o visitante ouve não só sobre a importância histórica das ruas e prédios da área a partir dos quais a cidade de João Pessoa nasceu, em 1585, mas também um pouco sobre as histórias das famílias que ocupam o local há gerações.

Durante o passeio, há pausas estratégicas para que os visitantes possam experimentar cocadas, água saborizada, dindim e, dependendo do horário, também um almoço com opções de feijoada e marisco. Algumas das guloseimas precisam ser pagas na hora, enquanto outras estão incluídas no valor do passeio. O coletivo repassa os pagamentos para cada comerciante e fica com o excedente para manter as despesas da sede.

“Repare esses pés de coco. Fui eu que plantei. Olha a altura

que eles estão”. É apontando para os frutos do seu trabalho que a agricultora Maria de Lourdes Silva mede a passagem do tempo. Atualmente com 68 anos, ela chegou no Porto do Capim, em João Pessoa, aos 15, e desde então dedica-se à agricultura e pesca. “Foram 12 anos só na pesca. Pescava de noite e trabalhava de dia na agricultura, e assim eu comprei o terreno e fiz essa casa, aí fiquei indo pro sítio e vindo pra cá”.

O sítio citado por Dona Lourdes, na verdade, é uma pequena ilha no Rio Sanhauá, onde desenvolve seu trabalho com agricultura. Ela conta que começou plantando cana-de-açúcar e abastecia todos os vendedores de caldo de cana da região. “Aí a maré salgo a terra, a cana estava dando salgada, eu mudei para coqueiro”, disse.

A rotina diária de Dona Lourdes envolvia remar até a ilha, onde costumava passar mais tempo do que na própria casa, e trabalhar lavoura, mas um problema de saúde a forçou a desacelerar. “No começo do ano, adoeci do joelho, aí não trabalhei quase nada, está tudo lá e ainda nem fui colher”, contou.

Como uma fonte de renda alternativa, ela produz cocadas, com os cocos que ela mesma planta e colhe. Os doces são vendidos principalmente para turistas que participam do projeto Vivenciando o Porto do Capim, e lhe garantem uma renda extra entre R\$ 200 e R\$ 300 mensais.

“É um outro olhar, principalmente para mim. Como estudante de arquitetura a gente tem muita aula de campo aqui, pelo Centro Histórico e pelas ruas do Porto do Capim. Só que o nosso esquema normalmente

era passar pela rua e olhar os prédios. A gente não tinha essa perspectiva das pessoas, de saber quem mora aqui”, comentou a estudante Lara Siqueira. Os estudantes universitários, aliás, são uma parte significativa do público dos passeios, de acordo com Rayssa Holanda.

“Está sendo muito rico, principalmente pra quebrar esse estigma da comunidade que ela [Rayssa] tinha falado antes, de que não pode entrar, que é perigoso. Está sendo muito legal conhecer um pouco mais”, completou Lara.

Já a professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Viviane Costa, acompanhou um grupo de indígenas da comunidade Sagi Trabanda no passeio. À reportagem, ela explicou que a comunidade potiguar tem uma situação parecida, ficando marginalizada em uma área turística. “Por isso que é ‘trabanda’, é a outra banda do Sagi”, afirmou. Com a vivência, ela espera que a comunidade, na qual desenvolve um trabalho no IFRN, se inspire com algumas práticas para enriquecer o turismo da região.

Em 2023, o projeto Vivenciando o Porto do Capim ficou no Top 10 da Expo Favela Innovation Paraíba e atraiu para o Porto cerca de 1,2 mil turistas ao ano.

Serviço

As visitas ao Porto do Capim ocorrem por demanda e podem ser agendadas pelo WhatsApp (83) 98884-7660. O preço dos pacotes varia de acordo com os serviços oferecidos, sendo a partir de R\$ 35 para os passeios mais simples. Vivências que incluem almoço ou passeio de canoa custam mais.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca  
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa alcança novos patamares no mercado de trabalho

Um indicador crucial para avaliar a vitalidade econômica de uma região é a geração de empregos, e, felizmente, a capital paraibana vem se destacando ao apresentar consistentemente bons números. No último mês de março, João Pessoa alcançou um marco significativo no cenário do emprego formal, registrando seu melhor desempenho para este período desde 2020. Esse crescimento proporciona mais renda para as famílias, contribuindo diretamente para uma melhoria na qualidade de vida dos habitantes da cidade.

Com um incremento de +1.428 novos postos de trabalho com carteira assinada em março, representando um crescimento de 37,6% em comparação ao período anterior, João Pessoa ultrapassou a marca de 200 mil trabalhadores com registro formal. Esse resultado surpreendeu positivamente, uma vez que esperávamos alcançar essa marca somente até o fim do primeiro semestre. Esse feito é um reflexo da rapidez com que a cidade está gerando empregos.

Além disso, é importante ressaltar que a taxa de desocupação, até o quarto trimestre de 2023, registrou um percentual de 10,6%. Apesar do aumento de 1 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, essa métrica permanece em um patamar relativamente baixo e estável, sendo o menor desde 2018, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua).

Mais uma vez, João Pessoa se destaca como líder no crescimento do emprego formal, com um aumento de 0,71% em março, em comparação com 0,05% registrado no estado da Paraíba. No Nordeste, o crescimento foi de 0,21% e no Brasil de 0,53%. Esse desempenho coloca a cidade em evidência no cenário regional. Analisando o primeiro trimestre, João Pessoa também continua liderando o crescimento, com um aumento de 1,83%, superando os índices da Paraíba (0,10%), do Nordeste (0,49%) e do Brasil (1,58%).

Em março, todos os principais setores da economia apresentaram desempenho positivo. O setor de serviços liderou as contratações (+742), seguido pela construção (+372), comércio (+232) e indústria (+112). Em termos de crescimento na geração de empregos, a construção (+1,37%) liderou, seguida pela indústria (0,69%), serviços (0,67%) e comércio (0,51%).

No acumulado do primeiro trimestre, João Pessoa apresenta um saldo positivo de +3.650 novos postos de trabalho, demonstrando uma evolução significativa em relação ao período anterior, representando um salto de 270,6%. O setor de serviços é o principal responsável por esse crescimento, com um saldo de +2.860, seguido pela construção, com +1.010 novos empregos.

Analisando esses números e aprofundando a análise, observa-se que a cidade continua implementando políticas para estimular o empreendedorismo, atraindo novos investimentos e desenvolvendo setores-chave. Ao mesmo tempo, investimentos em infraestrutura impulsionaram o setor e aumentaram a demanda por mão de obra, enquanto a diversificação das atividades econômicas reduziu a dependência de setores tradicionais, como o comércio, que enfrenta desafios na era da economia digital. Além disso, fatores macroeconômicos favoráveis, como a redução da taxa de juros e menor ritmo de crescimento da inflação, também desempenham um papel significativo, contribuindo para um ambiente propício aos negócios e ao investimento na cidade.

A energia criativa dos jovens pode fluir para a colaboração, participação, preservação e inclusão

Regina Amorim



Rayssa e Rossana administram juntas o Garças do Sanhauá

SEGUNDO IBGE

# Indústria cresce 0,9% em março

Governo aposta que projetos como o Nova Indústria Brasil e o Acredita ajudem na retomada do crédito produtivo

Agência Gov

A produção industrial brasileira cresceu 0,9% na passagem de fevereiro para março. O ganho de ritmo acontece após a variação de 0,1% verificada no mês anterior. Em relação a março de 2023, a indústria teve retração de 2,8% na sua produção. No ano, acumula alta de 1,9% e, em 12 meses, variação positiva de 0,7%. Com esses resultados, a indústria se encontra 0,4% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020) e 16,3% aquém do ponto mais alto da série histórica, obtido em maio de 2011. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal (PIM - Brasil), divulgada na sexta-feira (3) pelo IBGE.

“O desempenho positivo da indústria nos dois últimos meses não elimina a queda observada em janeiro, mas é uma melhora de comportamento. Em março, o crescimento ficou concentrado em poucas atividades, com apenas cinco delas mostrando expansão. Houve, portanto, uma mudança em relação à dinâmica vista em janeiro e fevereiro, quando ocorreu predomínio de taxas positivas entre as atividades pesquisadas”, analisa o gerente da PIM, André Macedo. Ele também destaca o ganho de ritmo verificado ao fim do primeiro trimestre de 2024, uma vez que o último trimestre de 2023 registrou crescimento de 1,1%. De fevereiro para março, duas das quatro grandes categorias econômicas e somente cinco dos 25 ramos industriais pesquisados mostraram avanço na



Foto: José Fernando Ogura/Agência Gov

Responsável pelo maior impacto positivo no resultado deste mês, o setor de produtos alimentícios registrou o segundo mês seguido de expansão na produção

produção. As principais influências positivas vieram de produtos alimentícios (1,0%), produtos têxteis (4,5%), impressão e reprodução de gravações (8,2%) e indústrias extrativas (0,2%). A principal aposta do Governo Federal para o setor industrial é que projetos recentes, como o Nova Indústria Brasil, acompanhados de reflexos da reforma tributária e de programas como o Acredita, de retomada do crédito produtivo, preparem terreno para que os resultados positivos se ampliem entre o segundo semestre e os próximos dois anos e meio. Responsável pelo maior impacto positivo no resultado deste mês, o setor de produtos alimentícios registrou o segundo mês seguido de

expansão na produção, período no qual acumulou um ganho de 1,1%. “O comportamento do ramo de produtos alimentícios foi semelhante ao da indústria em geral, com queda no mês de janeiro, seguida de crescimento nos dois meses seguintes. É um segmento que está 7,3% acima do patamar pré-pandemia. Em março, o resultado pode ser explicado principalmente pela parte de complexo de carnes e do item ‘açúcar’”, explica André. O segmento de produtos têxteis (4,5%), por sua vez, também teve o segundo resultado positivo seguido, com crescimento acumulado de 8,9%. No entanto, o setor ainda está 11,0% distante do patamar pré-pandemia.

A atividade vinha de três resultados negativos em sequência (janeiro/2024, dezembro/2023 e novembro/2023). No caso de impressão e reprodução de gravações (8,2%), houve retomada de crescimento após recuo de 1,8% em fevereiro. Esse segmento tem como característica a alta volatilidade, estando 8,5% acima do nível pré-pandemia. Já o setor de indústrias extrativas (0,2%), depois de apresentar taxas negativas em janeiro e fevereiro, voltou a ter desempenho positivo em março. A maior extração de minério de ferro foi determinante para o resultado desse segmento. No sentido oposto, entre as 20 atividades que apre-

sentaram retração na produção, veículos automotores, reboques e carrocerias (-6,0%) e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-13,3%) exerceram os principais impactos em março de 2024, com ambas interrompendo três meses consecutivos de crescimento na produção, período em que acumularam avanços de 14,3% e 39,5%, respectivamente. Também houve recuos expressivos nos ramos de produtos químicos (-2,0%), metalurgia (-2,6%), celulose, papel e produtos de papel (-2,8%), produtos diversos (-9,7%), bebidas (-3,3%), couro, artigos para viagem e calçados (-6,0%), confecção de artigos do vestuário e acessórios (-4,5%), produ-

tos de minerais não metálicos (-3,2%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-0,6%) e produtos de metal (-2,6%). Em relação às grandes categorias econômicas, ainda na comparação com fevereiro, os setores de bens intermediários (1,2%) e bens de consumo semi e não duráveis (0,9%) mostraram taxas positivas. Já bens de consumo duráveis (-4,2%) e bens de capital (-2,8%) registraram reduções em março. Enquanto o primeiro interrompeu três meses seguidos de expansão, período em que acumulou ganho de 11,3%, o segundo eliminou parte do crescimento de 14,7%, acumulando em dois meses consecutivos de avanço na produção.

## PARCERIA COMERCIAL

# Encontro empresarial entre Brasil e Japão busca fortalecer trocas e construir acordo

Agência CNI

Organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em conjunto com o Japan External Trade Organization (Jetro), Federação das Empresas do Japão (Keidanren), ApexBrasil e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o Fórum Econômico Brasil-Japão reuniu autoridades governamentais e empresariais de ambos os países ontem

para discutir o fortalecimento da parceria comercial. Hoje os números são consideráveis, mas há potencial para crescimento:

- Em 2023, o Japão foi o 9º parceiro comercial do Brasil. Naquele ano, a corrente de comércio entre os dois países alcançou US\$ 11,7 bilhões.
- Foram US\$ 6,6 bilhões em exportações brasileiras para o Japão no ano passado, sendo 46% da indústria de transformação e US\$ 5,1 bi-

lhões em importações, com quase 100% também da indústria de transformação.

- O Japão foi o 7º investidor direto do Brasil em 2023.
- Na indústria brasileira, os setores automotivo, equipamentos industriais, aparelhos médicos e de borracha foram os que mais receberam anúncios de investimentos do Japão entre 2019 e 2023, com destaque para as empresas japonesas Toyota Motor, Hitachi, Nippro, Bridgestone e Ko-

matsu.

- Na economia japonesa, os setores de químicos e de serviços empresariais foram os com mais investimentos brasileiros, com destaque para a Novonor e a Pinheiro Neto Advogados.

Os dados são elaborados pela CNI com base em estatísticas do Banco Mundial, ComexStat, Banco Central, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e FDI Markets.

# Acordo entre Mercosul e Japão é fundamental

Um dos temas prioritários no fórum é a retomada da negociação do Acordo de Parceria Econômica entre o Mercosul, bloco do qual o Brasil faz parte, e o país asiático. O tratado é considerado fundamental para o incremento comercial entre os dois países e para a diversificação da pauta exportadora brasileira. A intenção é que o acordo contenha alguns estímulos, como regras aduaneiras para

aumentar a celeridade do comércio, abertura do mercado de compras governamentais, aumento dos investimentos bilaterais e do comércio bilateral de serviços e estímulo à cooperação e ao intercâmbio de tecnologia entre Brasil e Japão. O Japão é a quarta maior economia do mundo, fonte de significativos Investimentos Estrangeiros Direitos (IEDs) em diferentes regiões do mundo e um parceiro co-

mercial e de investimentos relevante para o Brasil. O Mercosul, por sua vez, é uma das maiores economias em desenvolvimento, composto por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e, mais recentemente, Bolívia, além de um potencial significativo de mercado para o Japão. Desde 2015, os setores empresariais de ambos os países têm trabalhado em conjunto em prol do acordo de parceria comercial.

■ Japão é a quarta maior economia do mundo, fonte de significativos Investimentos Estrangeiros Direitos

## MERCADO

# Bolsas de Nova York fecham em forte alta

As bolsas de Nova York fecharam em forte alta na última sexta-feira (3), após a desaceleração do mercado de trabalho e do setor de serviços nos Estados Unidos consolidar a aposta de que o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) cortará juros neste ano. O índice Dow Jones encerrou a sessão com valorização de 1,18%, aos 38.675,68 pontos; o S&P 500 avançou 1,26%, aos 5.127,79 pontos; e o Nasdaq se elevou 1,99%, aos 16.156,33 pontos. Na semana, houve ganhos de 1,14%, 0,55% e 1,43%, respectivamente. Em destaque, o papel da Apple saltou 5,97% após a fabricante do iPhone informar receita melhor que o esperado e ampliar a compra de ações a um nível recorde. Na esteira, Nvidia subiu 3,46% e Microsoft, 2,25%. O movimento foi amplificado pelo alívio nos juros dos *treasuries*, após uma bateria de dados nos EUA. O *payroll* mostrou geração de 175 mil empregos em

abril, abaixo do esperado, enquanto o avanço dos salários desacelerou. O mesmo mês testemunhou um esfriamento da atividade de serviços, conforme indicaram duas leituras de índices de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês). Após os indicadores, a curva futura firmou a precificação por corte de juros do Fed a partir de setembro, conforme sugere o monitoramento do CME Group. Investidores também voltaram a ver como mais provável um cenário de uma redução acumulada de 50 pontos-base em 2024.

**Taxa de juros**

Para o economista Thomas Simons, do Jefferies, a cúpula do Fed ficará aliada pelo *payroll* mais recente, mas ainda há informações insuficientes para subsidiar um corte de juros iminente. “Mantemos nossa previsão por apenas um corte nas taxas ainda neste ano, em novembro ou dezembro”, afirma.

INOVAÇÃO

# Paraíba apresenta 500 propostas

Etapa Nordeste da Conferência Regional aconteceu em Recife, na quinta-feira (2) e na sexta-feira (3)

O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secties), apresentou mais de 500 propostas para o Plano Nacional de Ciência e Tecnologia durante a etapa Nordeste da Conferência Regional de Ciência, Tecnologia e Inovação. O evento aconteceu na quinta-feira (2) e na sexta-feira (3), em Recife.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, enfatizou a importância de a Paraíba participar de forma ativa das políticas públicas que serão implementadas na região na ciência e tecnologia, nos próximos anos.

“Estamos representando a ciência paraibana, apresentando as propostas que foram discutidas durante a nossa conferência estadual, em Sousa, Campina Grande e João Pessoa. Nossa expectativa é produzir um documento que represente a pluralidade de toda a ciência e tecnologia da nossa região nas suas mais diversas vertentes. Queremos aglutinar força e mostrar o Nordeste forte do ponto de vista da Ciência. Tecnologia e inovação na conferência nacional, em Brasília”, disse Claudio Furtado.

A ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, ressaltou, durante o seu discurso no primeiro dia do evento, que o Brasil retomou as políticas públicas que tinham sido pre-

ca-  
rizadas ou canceladas, entre elas a ciência. Após 14 anos, o Governo Federal está realizando a 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia (CNCTI). De acordo com ela, essa é a edição com maior engajamento, principalmente por parte dos governos estaduais e secretarias de Ciência e Tecnologia.

“Houve uma maior com-

preensão nos governos dos estados e das secretarias estaduais para instalar e estabelecer políticas voltadas para a ciência, tecnologia e inovação. Esse é também um dos pilares do conceito que o presidente Lula tem sobre o que é fazer governo. Governar é ouvir a população”, disse.

Segundo a vice-presidente da Sociedade Brasileira de

Progresso da Ciência (SBPC), Francilene Garcia, o país vive um novo momento de reposicionar a ciência brasileira como um pilar fundamental para o desenvolvimento do país de forma justa e sustentável.

“A gente está vivendo um momento muito especial para o país: é a retomada do diálogo com a sociedade, na

sua diversidade, nas diferenças que a gente tem, nas diferentes regiões do país, nas diferentes capacidades e limitações que a gente inicia, mais uma celebração em conjunto de podermos discutir o futuro do país olhando para os desafios do século 21”, afirmou.

O encontro reuniu representantes dos nove estados do Nordeste (Bahia, Pernam-

buco, Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí, Paraíba, Alagoas e Sergipe); além da comunidade acadêmica de toda a região. O documento produzido com as propostas da região será apresentado durante a etapa nacional da 5ª CNCTI, que acontecerá de 4 a 6 de junho, no Espaço Brasil 21, em Brasília (DF).



Participante do evento, o secretário da Secties, Claudio Furtado, enfatizou a importância da Paraíba na participação ativa das políticas públicas

Fotos: Mateus de Medeiros/Divulgação

## Potencial do estado na criação de novas ferramentas é destaque

O secretário de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (Sedes), Inácio Arruda, do MCTI, ressaltou o potencial da Paraíba na contribuição científica do país. “Há um crescimento muito expressivo da produção científica no Nordeste brasileiro, e a Paraíba é um dos grandes destaques desse crescimento, seja na pesquisa aplicada, seja na pesquisa básica. Essa capacidade que está instalada no Nordeste brasileiro precisa ser olhada pelo Brasil”, comentou.

O coordenador do projeto de construção do radiotelescópio Bingo na Paraíba,

“

**Há um crescimento muito expressivo da produção científica no Nordeste brasileiro, e a Paraíba é um dos grandes destaques**

Inácio Arruda

professor doutor Amílcar Rabelo, participou de todas as etapas da Conferência no Estado e contribuiu com os grupos de trabalho realizados na etapa regional. De acordo com ele, as propostas levadas pela Paraíba têm feito a diferença na discussão e produção do relatório que será levado para Brasília.

“Eu acho que foi um sucesso a grande participação dessa comitiva paraibana, que foi grande, participou de todos os eixos, de todas as mesas, foi uma contribuição muito ativa, sempre teve todo mundo da Paraíba participando e dando

opinião, trazendo todas as propostas que a gente construiu”, disse o professor.

### Participação indígena

Além disso, a Secties articulou, em parceria com a Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid), a participação dos povos originários potiguaras da Baía da Traição, promovendo mais inclusão para as ações na área de ciência e tecnologia do Nordeste. Ao todo, 10 jovens estudantes indígenas participaram do evento e puderam levar as demandas e necessidades na área da ciência e tecnologia.

De acordo com o profes-

sor Neto Potiguará, da Escola Estadual Indígena Pedro Poti, o intuito é aproximar os jovens indígenas também das ciências. “É um bom momento para que os jovens possam aprender mais e estar interagindo com outras

pessoas, conhecendo outras realidades. Quando eu estudava no Ensino Médio, não tive essa oportunidade, então me sinto muito feliz e realizado em vê-los participando dessa forma da Conferência”, disse.

## Próxima Etapa

A 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (5ª CNCTI) está marcada para acontecer nos próximos dias 4, 5 e 6 de junho, em Brasília. O objetivo é analisar os programas, planos e resultados da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) 2016-2023, para propor recomendações para a elaboração da ENCTI 2024-2030.



Com intermediação da Secties, 10 jovens estudantes indígenas da Baía da Traição participaram do evento e puderam levar as demandas e necessidades na área da ciência e tecnologia

Ao contrário do que muita gente pensa, timbu não pertence ao grupo de roedores

EQUILÍBRIO AMBIENTAL

Timbu combate pragas urbanas

Animais se alimentam de invertebrados e pequenos vertebrados, como escorpiões e ratos

Anderson Lima  
Especial para A União

Animais muito importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico, os timbus são alvos de ações criminosas em João Pessoa. Um levantamento feito pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam) mostra que pelo menos 12 animais foram mortos propositalmente no bairro de Água Fria, Zona Sul da cidade, nos últimos anos. As vítimas eram adultos e filhotes, incluindo fêmeas puérperas. Além de Água Fria, os bairros de Mangabeira, Portal do Sol, Castelo Branco e Bessa são os que mais concentram aparições de timbus. A presença desses animais

Timbu ocupa vários habitats e desempenha um papel fundamental nos serviços ecossistêmicos

Claudio Almeida

no ambiente urbano se dá devido ao desmatamento e à expansão da cidade. Os timbus são bichos solitários e não for-

mam colônias. Por essa razão, não há relatos de aparições em massa. Ao contrário do que muita gente pensa, o timbu não é um roedor e, portanto, não tem parentesco com gabirus ou ratazanas. Na realidade, o animal é um marsupial silvestre, nativo do Brasil. Ele é um parente distante dos marsupiais australianos, como os cangurus e coala. Também conhecido como casaco, sarauê, sariguê, gambá-de-orelha-branca, o timbu tem cerca de 76 centímetros e, geralmente, pesa até um quilo. O biólogo Claudio Almeida explica que o animal possui hábitos terrestres e arbóricolas, isto é, vivem nas árvores. Segundo ele, o timbu consome uma grande variedade de alimentos, como invertebrados e

pequenos vertebrados, a exemplo de ratos e cobras, e é responsável pelo controle de algumas pragas urbanas, como escorpiões. Além disso, o timbu consome frutos, o que o torna um importante dispersor de sementes no plantio das florestas. “Ele se movimenta intensamente entre ambientes naturais e urbanos, ocupando vários habitats. O timbu é importante para a manutenção do equilíbrio ecológico de outras populações de animais e insetos. Além disso, ele desempenha um papel fundamental nos serviços ecossistêmicos. Ao consumir frutos de diversas espécies vegetais da Mata Atlântica, eles dispersam as sementes em outras áreas, atuando de maneira única na manutenção da cobertura florestal e na

recuperação de outras áreas degradadas. Esse trabalho, se fosse realizado pelo homem, teria altos custos, logística complexa e, no fim, os resultados não seriam os mesmos”, destaca o especialista.

Ilustrações: Luiza Fonseca

Comer carne do animal representa riscos à saúde humana e é crime

Antigamente, era comum o uso da carne do timbu para consumo humano. No entanto, matar animais silvestres é crime ambiental previsto na Lei Federal nº 9.605/1998. A legislação prevê pena de três meses a um ano de detenção e multa. O biólogo Claudio Almeida pontua que, além de cometer um ato ilícito, quem matar o animal para comer pode colocar a própria saúde em perigo. A ingestão expõe o ser humano a possíveis arboviroses e outros microrganismos que se relacionam ecologicamente com o timbu. De acordo com o especialista, o reservatório de organismos que está em equilíbrio natural ou harmônico com o bicho, sem provocar patologias ou danos

à saúde dele, pode ocasionar doenças graves nos humanos que consomem sua carne. Riscos para outros animais O contato com timbus também pode prejudicar a saúde de animais de estimação. Nas áreas urbanas, o timbu costuma consumir restos de alimentos e rações de espécies domésticas. Por esse motivo, recomenda-se não deixar vestígios de comida nas partes externas das residências, pois isso pode atrair os bichos silvestres e comprometer a saúde dos animais domésticos.

Alerta Contato com organismos que estão em equilíbrio com o bicho pode provocar doenças graves nos seres humanos e também em animais de estimação, como cães e gatos

Projeto de conscientização tentará proteger a espécie em João Pessoa

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam) preparou uma campanha para conscientizar a população sobre a importância do animal. Durante a ação, será possível conhecer melhor a espécie e sua interação com a área urbana pessoense. O projeto foi idealizado após timbus serem encontrados mortos nas proximidades do Centro Administrativo Municipal, no bairro de Água Fria. A iniciativa, que começará pelo Centro Administrativo, contará com fixação de cartazes educativos nas sedes das secretarias, além de conversas com funcionários, a fim de sensibilizar as pessoas que frequentam o local e os trabalhadores da prefeitura. O objetivo é fazer com que os grupos

se tornem multiplicadores da campanha contra agressões a esses animais. O chefe da Divisão de Fauna e Flora da Semam, o biólogo Claudio Almeida, explica que depois da avaliação do êxito da campanha, ela será estendida para outros espaços, através da equipe de Educação Ambiental da Semam. Datas e locais para realização das atividades ainda não foram definidos. Serviço A Semam orienta que a população evite manusear um timbu, caso se depare com um animal dessa espécie. O procedimento indicado é entrar em contato com a Diretoria de Estudos e Pesquisas (Diep) ou a Divisão de Fiscalização (Dif), pelos telefones 3213-7017 ou 3213-7015, respec-

tivamente. Para resgates e solturas do animal em áreas protegidas, deve-se acionar a Polícia Ambiental da Paraíba, por meio do telefone 190.

Ação vai começar pelo bairro de Água Fria, onde foram registradas mortes de timbus

Desmatamento e expansão das cidades são causas do aparecimento de timbus em ambientes urbanos

Foto: Cristiano Santos/Botafogo



No domingo passado, o Botafogo frustrou o seu torcedor ao empatar com o Caxias-RS, no Almeidão, e volta a atuar em seus domínios contra outro adversário na parte de baixo da tabela

BRASILEIRO DA SÉRIE C

# Belo encara o Remo, no Almeidão

Botafogo busca a sua primeira vitória em casa na edição de 2024 para se manter na zona de classificação

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo enfrenta o Remo-PA, hoje, em partida válida pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro da Série C. O confronto acontece no Estádio Almeidão, às 16h30. O Belo não perde para o clube paraense desde 2018 e busca sua primeira vitória na competição diante do seu torcedor. Na última rodada, apenas empatou com o Caxias-RS.

Evaristo Piza, técnico do Xerife do Nordeste, falou com a imprensa em entrevista co-

letiva e analisou a partida deste domingo (5) e o momento que o adversário vive. “Jogo difícil. O Remo, além de ter uma grande camisa e grande potencial para acesso, vindo de duas derrotas, a cobrança deve estar grande lá. Escutei uma entrevista do pessoal que comanda lá e vão encarar esse jogo como partida de vida ou morte. Não podem pensar em mais uma derrota porque o negócio vai ficar difícil para eles”, comentou o terinador.

Nos últimos cinco jogos entre o Belo e o time paraense, houve quatro empates por 0 a 0 e um triunfo do Bota-

fogo no duelo mais recente. Piza foi questionado sobre esse histórico e também sobre a importância de vencer em casa, após tropeço na rodada anterior. “Para nós, há o entendimento de que, além de um grande adversário, haja vista esse número de empates, este duelo sempre foi um jogo truncado. Mas temos que aproveitar essa necessidade de vitória deles, de precisar sair dessa situação”, afirmou o treinador.

“Temos que nos impor e fazer um jogo forte para conseguir o resultado. De uma somatória de seis pontos dentro de casa, num mínimo 60%

precisamos conquistar, se não é prejuízo. Infelizmente não conseguimos vencer o Caxias. Agora, com todo respeito ao Remo e ao momento que tem vivido, mas temos que buscar nosso momento também, dentro de casa, é fazer um grande jogo e melhorar nossa performance”, concluiu.

Remo

Após perder para o Volta Redonda-RJ na estreia e na última rodada para o Athletic-MG, o Remo busca uma reabilitação contra o Botafogo na partida de hoje. Se conquistar o triunfo, quebrará um tabu

que dura seis anos. A última vitória do Leão Azul sobre o Alvinegro da Estrela Vermelha ocorreu em junho de 2018. Naquele ano, o clube venceu por 3 a 1, desde então, marcou apenas um gol nos cinco encontros seguintes.

Um dos principais atletas do elenco do time paraense, o atacante Kelvin, com passagens pelo Porto-POR, Palmeiras, São Paulo, Fluminense e Vasco, falou sobre o momento do clube e como podem sair da situação. Segundo o jogador, o plantel do Remo tem trabalhado forte para sair da situação atual.

“Sabemos que é um cam-

peonato de jogo só de ida, então temos que ganhar o mais rápido possível. Tem que fechar a boca e trabalhar forte para que possamos reverter isso. Todo mundo sabe do potencial que o nosso elenco tem. É um elenco muito forte, a gente sabe disso”, destacou Kelvin ao portal Remo 100%.

Arbitragem

Rafael Traci (CBF-SC) será o árbitro do confronto deste domingo. Diogo Berndt (CBF-SC) e Luciane Rodrigues dos Santos (CBF-SC) são os assistentes. Douglas Magno de Melo Pereira (CBF-PB) é o quarto árbitro.

SÉRIE D

# Treze e Sousa se enfrentam pela quarta vez este ano

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

Treze e Sousa enfrentam-se, hoje, pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro Série C. A partida acontece no Estádio Amigão, em Campina Grande, às 16h. As duas equipes entram em campo em momentos distintos, enquanto o Galo busca mais uma vitória na competição, o Dino tenta conquistar seu primeiro triunfo no torneio.

O técnico Waguinho Dias teve a semana cheia para preparar a equipe que atuará neste domingo. Após estreiar com grande triunfo, fora de casa, contra o Santa Cruz-RN, o Treze busca embalar na Série C. Diante do Sousa, o treinador deve contar com Wallace Pernambucano, que foi a 13ª contratação do clube após o Estadual, o atleta, de 37 anos, vem para sua segunda passagem no Galo da Borborema.

Diferente do time de Campina Grande, o Sousa não pôde focar apenas na partida desta tarde, o clube atuou, na quarta-feira (1º), pela Copa do Brasil, quando empatou

por 1 a 1, contra o Bragantino-SP. O time deve ir a campo com algumas modificações em relação aos 11 iniciais do jogo da competição mata-mata, já que jogou por mais de 50 minutos com um atleta a menos e teve um grande desgaste físico. A principal baixa é o lateral-direito Iranilson, que teve constatado um estiramento no ligamento colateral medial do joelho direito

após lesão na partida contra o Iguatu-CE, na primeira rodada da Série D.

Confronto Estadual

O confronto de hoje é o quarto enfrentamento entre as equipes do Estado em 2024. Os outros duelos ocorreram pelo Campeonato Paraibano. Ainda na primeira fase, o Galo levou a melhor, fora de casa, venceu por 2 a 0, com

gols de Lucas Mineiro, que deixou o time após o Estadual.

Os clubes se encontrariam novamente nas semifinais do torneio, em duas partidas marcadas pelo equilíbrio, o Sousa garantiu a classificação à final, que venceria em seguida. No Marizão, o Dino conquistou um triunfo por 2 a 1, com Diego Ceará marcando duas vezes e Jackson, com gol contra, descontando

para os visitantes. No Amigão, na partida de volta, o time do Sertão seguiu o empate em 0 a 0.

Em 2023, os times decidiram o Campeonato Paraibano. O jogo não foi diferente dos encontros recentes, em que o vencedor foi quem menos errou. Naquela oportunidade, o Treze sairia campeão. O primeiro confronto foi no Estádio Amigão, em casa, o

Foto: Daniel Vierra/Treze



A última vez em que as equipes se enfrentaram no Amigão foi pelas semifinais do Paraibano 2024, com o Sousa eliminando o Galo

Galo saiu vitorioso, ganhando por 2 a 1. Na grande decisão, no Marizão, o Dino fez valer seu mando e triunfou por 1 a 0. Como o placar agregado ficou em 2 a 2, o título foi decidido nos pênaltis. A equipe de Campina Grande venceu por 4 a 2 e conquistou seu 17º troféu.

Ingressos

Crianças até 13 anos não pagam, bastando apresentar documentação que comprove sua idade nas entradas do estádio. Os ingressos estão sendo vendidos pelos seguintes valores, de acordo com o setor, geral: meia R\$ 25, inteira R\$ 50; visitante: meia R\$ 25, inteira R\$ 50; sombra: meia R\$ 40, inteira R\$ 80; e cadeiras: meia R\$ 80, inteira R\$ 160.

Arbitragem

Fagson Junior dos Santos Silva (CBF-SP) apita o confronto entre as duas equipes da Paraíba. Gleydson Francisco (CBF-PB) e Wladimir Cunha Mendes (CBF-PB) são os assistentes. Tiago Ramos de Oliveira (CBF-PB) é o quarto árbitro.

FUTEBOL DE CEGOS

# Brasil faz amistoso com a França

*Jogo acontece, hoje, no Centro Paralímpico em São Paulo como preparativo às Olimpíadas, com transmissão pela Globo*

A Seleção Brasileira de Futebol de Cegos, única campeã paralímpica da história, terá seu primeiro teste de 2024, neste domingo, 5, a partir das 10h. A adversária será a França, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, em jogo que terá transmissão ao vivo no Esporte Espetacular, da TV Globo. Além do técnico paraibano Fábio Vasconcelos, o time ainda tem os conterrâneos Matheus Costa (goleiro), Maicon (ala defensivo), Jardiel (pivô) e Jonathan (pivô). O amistoso fará parte das ações para celebrar o marco de 100 dias para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, que serão comemorados em 20 de maio. O megaevento na capital francesa acontecerá de 28 de agosto a 8 de setembro.

O duelo diante dos franceses, atuais campeões europeus, também marca o início da temporada para a Seleção Brasileira principal, que, desde janeiro deste ano, está concentrada em João Pessoa, Paraíba, em uma rotina de treinamentos. A preparação na capital paraibana faz parte do planejamento da comissão técnica para os Jogos de Paris. A partir de setembro – quando começarão os confrontos de futebol de cegos na capital francesa –, o Brasil defenderá sua hegemonia no megaevento e buscará o hexacampeonato invicto na competição.

A modalidade entrou no programa dos Jogos em Atenas 2004. Desde então, a Seleção Brasileira, pentacampeã paralímpica, sempre ficou no lugar mais alto do pódio e nunca perdeu nenhuma partida – foram 21 vitórias e seis empates em 27 confrontos.

“Vai ser um grande desafio. A França é uma equipe forte e muito bem treinada. Vem de uma reformulação. Temos um jogo-treino no sábado e o amistoso neste domingo. Vou colocar alguns jovens para jogar também e dar rodagem a eles. Será uma partida importante para realizarmos algumas experiências antes do Grand Prix, em maio, outra etapa da preparação para os Jogos Paralímpicos de Paris”, explicou o treinador da Seleção Brasileira de Futebol de Cegos, Fábio Vasconcelos.

O treinador convocou 12 atletas para o confronto, sendo dois goleiros e 10 atletas de linha. O conjunto brasileiro vem treinando de segunda a sábado, sempre em dois períodos, no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, um dos centros de referência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Além dos dois jogos, as equipes terão horários reservados para treinamentos separados no CT. O Brasil ainda vai disputar uma última competição na reta final da preparação aos Jogos: o Grand Prix da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, do inglês), que acontecerá em Schiltigheim (FRA), de 24 de maio a 2 de junho.



Foto: Alessandra Cabral/CPB

Jogadores da Seleção Brasileira durante a participação vitoriosa nos Jogos Pan-Americanos do ano passado, quando conquistaram a medalha de ouro

## MUNDIAL DE ATLETISMO

# São Paulo lidera lista de atletas no Mundial em Kobe

A Seleção Brasileira de Atletismo que vai participar do Mundial da modalidade, a partir do dia 17 até 25 de maio, em Kobe, no Japão, tem a maioria dos atletas nascidos no Estado de São Paulo. São 16 dos 50 convocados, ou 32% do total da equipe brasileira que disputará a competição. A Paraíba terá três representantes: Petrúcio Ferreira, Ariosvaldo Fernandes e Cícero Nobre.

O Mundial no Japão será realizado no mesmo ano dos Jogos Paralímpicos de Paris 2024 após o Comitê Organizador Local (LOC, na sigla em inglês) solicitar ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês) o adiamento do Mundial, que seria em 2021, devido à pandemia do coronavírus. Com isso, a cidade japonesa sediará o evento de atletismo no ano posterior ao Mundial de Paris 2023, quando o Brasil teve seu melhor desempenho na história em Mundiais. Foram 47 medalhas no total, sendo 14 ouros, 13 pratas e 20 bronzes.

Ao todo, 18 dos 26 estados do Brasil estarão representados na Seleção Brasileira que vai disputar o Mundial de Atletismo em Kobe.

Campeão mundial nos 400m no Mundial Paris 2023 e ouro na mesma prova no Parapan de Santiago 2023, o an-

dreense Samuel Conceição é um dos paulistas na delegação convocada. Ele compete pela classe T20 (deficiência visual) e tem 46s48 como o melhor tempo nos 400m do ranking compilado do CPB, que serviu como um dos critérios de classificação para o evento na cidade japonesa.

A arremessadora e lançadora Beth Gomes, da classe F53 (atletas que competem sentados), também é de São Paulo. Nascida na cidade de Santos, alcançou no último domingo, 28, a melhor marca do ano no lançamento de disco, prova em que é a atual campeã mundial e paralímpica (classe F52), faltando apenas 19 dias para o Mundial de Atletismo de Kobe, no Japão. Ela registrou a distância de 17,34m e superou seus

próprios 17,22m, feitos em fevereiro, durante o 1º Desafio CPB/CBAAt.

Estreantes em Mundiais, os paulistas Eduardo Pereira, do arremesso de peso F34 (paralisados cerebrais), e Giovanna Boscolo, do arremesso de peso e do lançamento de club F32 (paralisados cerebrais) também fazem parte do grupo dos atletas nascidos no estado de São Paulo.

Já os estados do Paraná e do Rio de Janeiro, com quatro atletas oriundos cada, contam com a segunda maior representatividade na Seleção Brasileira que competirá em Kobe.

O paranaense Vinícius Rodrigues, de Maringá, será o representante do país na prova dos 100m T63 (amputados de membros inferiores com próteses) no Japão. O carioca Washington Nascimento Júnior, por sua vez, é um dos cinco brasileiros que pertencem à classe T47 (amputados de braço). Ele disputará o seu terceiro Mundial na carreira.

Com três atletas cada, outros quatro estados também estão entre os locais com mais representantes na seleção: Acre, Paraíba, Rio Grande do Norte e Rondônia.

A maioria dos competidores acreanos, paraiba-

nos, potiguares e rondonienses compete em provas de pista, como Jerusa Geber (T11, deficiência visual), nascida em Rio Branco, Thalita Simplicio (T11, deficiência visual), de Natal, e Cícero Nobre (F57, que competem sentados), de Aguiar, entre outros.

Já Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Maranhão são os demais estados que têm mais de um convocado, com dois atletas cada.

Ao todo, o Brasil já conquistou 262 medalhas na história dos Mundiais de Atletismo – sem considerar a participação do país na edição de Birmingham 1998 por falta de dados do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês). Foram 88 ouros, 78 pratas e 96 bronzes.

Três meses depois, a temporada internacional de 2024 do atletismo paralímpico terá os Jogos Paralímpicos de Paris, de 28 de agosto a 8 de setembro.

O atletismo é também a modalidade mais vitoriosa do país na história dos Jogos Paralímpicos. Ao longo de todas as participações brasileiras, obteve a maior quantidade de medalhas para o país, com 170 pódios no total, sendo 48 ouros, 70 pratas e 52 bronzes.

A Seleção Brasileira de atletismo viajará de maneira escalonada em cinco voos para Kobe, estando o primeiro embarque agendado para o dia 9 de maio.



Foto: Daniel Zappe/CPB/MPFXY

Ariosvaldo Parré é um dos paraibanos que vai competir no Mundial de Atletismo, no Japão, juntamente com Petrúcio Ferreira e Cícero Nobre

BRASILEIRO FEMININO

# Belas voltam a jogar contra o União

*Jogo com a equipe do Rio Grande do Norte será na próxima terça-feira, no Almeidão, e a volta no dia 12, em Natal*

Danrley Pascoal  
danrleyp.e@gmail.com

As Belas do Botafogo se preparam para as oitavas de final do Campeonato Brasileiro Feminino da Série A3. Após eliminar o Mixto-PB, a equipe enfrenta o União-RN na terça-feira (7), no Estádio Almeidão, pelo jogo de ida, e no domingo (12), no Estádio Frasqueirão, em Natal, faz a partida de volta.

Em entrevista para o Jornal **A União**, a técnica Gleide Costa falou sobre o próximo adversário: “Vamos enfrentar uma equipe que vem investindo muito no futebol feminino. Eles têm uma grande técnica que é a Vallessa Silva, uma treinadora experiente e inteligente, que sem sombras de dúvidas é o maior reforço do time deles”, disse.

A treinadora aposta num trabalho que cada vez mais tem rendido frutos para continuar na competição: “Traçamos a meta de fortalecer nossa base, nos dois últimos anos fizemos isso e trabalhamos para que essa base fosse o sustentáculo da equipe. E conseguimos, tendo em vista que temos oito meninas da base no time principal e completamos o elenco com alguns reforços pontuais. E assim, estamos trabalhando pelo acesso”, explica Gleide.

“Sabemos das nossas condições e do trabalho que temos desenvolvido, além da vontade de cada atleta em querer vencer para seguir sonhando com nosso objetivo, que é o acesso à Série A2”, afirmou a comandante das Belas do Belo.

O último jogo

Após perder no jogo de ida por 1 a 0 para o Mixto-PB, o Botafogo entrou em campo com uma postura diferente. Com alguns reforços, o time foi ofensivo e teve mais

a bola durante os 90 minutos. Apesar das várias chances criadas, a primeira etapa acabou empatada em 0 a 0. As Belas voltaram do intervalo com maior ímpeto e foram premiadas logo no segundo minuto. Rayssa recebeu bom passe na área e tocou na saída da goleira para abrir o marcador. Após o gol, o Botafogo seguiu pressionando e marcou o segundo

aos 28 minutos, num chute cruzado da atacante Kaith, confirmando a classificação, com o 2 a 0.

VF4

Já na Série A2 do Campeonato Brasileiro, amanhã, o VF4 faz a sua quarta partida e a campanha até o momento é fraca com duas derrotas e uma vitória, a equipe está na sétima posição com três pontos entre

os oito times do Grupo B. O VF4 na estreia perdeu de 5 a 0 para o 3B Sport, na segunda conseguiu uma vitória de 2 a 0 sobre o UDA e na última levou de 7 a 0 do Fortaleza. O jogo desta segunda-feira será no Estádio Almeidão, a partir das 15h.

Mixto

O Mixto, atual campeão paraibano, após ser derrotado pelo Botafogo, agora, segue

seu planejamento para a disputa do Estadual. O campeonato está previsto para acontecer entre os meses de setembro e novembro, de acordo com o calendário divulgado pela Federação Paraibana de Futebol (FPF) em janeiro.

O presidente do Mixto, Marconi Silva, falou com o Jornal **A União** e explicou os motivos que levaram seu time a ser eliminado: “O Botafogo

foi muito superior. Mas antes do jogo, tivemos uma crise viral no alojamento e muitas atletas ficaram doentes, apresentaram sintomas como vômito, diarreia, febre e garganta inflamada. Nossa equipe não conseguiu jogar porque não teve forças. Não temos muito do que reclamar, mas o segundo jogo não condiz com o que apresentamos no primeiro”, afirmou.



Foto: Cristiano Santos

Na primeira fase eliminatória, as Belas do Belo conseguiram derrotar o Mixto pelo Brasileiro da Série A2 e agora vão para outro mata-mata

SALTOS ORNAMENTAIS

# Paraibana Luana Lira vai disputar competição na Rússia

O Brasil terá quatro atletas dos saltos ornamentais na edição 2024 do BRICS Sports Games, que ocorre entre os dias 12 e 23 de junho, em Kazan (Rússia). São eles: Anna Lúcia dos Santos, Luana Lira (paraibana), Luís Felipe Moura e Rafael Max, todos especialistas nas provas de trampolim 3m. Organizado desde 2017, o evento multiesportivo conta com a participação dos países-membros do grupo – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, além de nações convidadas. Esta será a primeira vez que os saltos integram o programa dos Jogos.

“O calendário reserva poucas competições neste primeiro semestre. Então, esta será uma excelente oportunidade para os nossos atletas se manterem em bom nível técnico. São quatro saltadores de muita qualidade, que já iniciam agora o ciclo de Los An-

geles 2028”, explica o presidente da Confederação Brasileira de Saltos Ornamentais, Ricardo Moreira. O número de inscritos por país foi estipulado pelo Comitê Organizador dos Jogos, que definiu ainda a primeira semana de maio como prazo-limite para cada entidade enviar sua lista de participantes.

## Kazan

**Em solo russo, a paraibana vai competir nas provas de trampolim de 3m ao lado de Ana Lúcia dos Santos, Luís Felipe Moura e ainda Rafael Max, entre 12 e 13 de junho**



Foto: Wikipédia

Tendo em vista que a data impossibilitou a realização de uma seletiva nacional, a Saltos Brasil selecionou os atletas de melhores resultados no Campeonato Brasileiro de 2023, em Fortaleza (CE).

O BRICS Sports Games reunirá 4.751 atletas, de 60 países, e terá 392 provas valendo medalhas. Integram o programa dos saltos ornamentais as seguintes provas: trampolim 3m individual feminino e masculino; trampolim 3m sincronizado misto; plataforma 10m individual feminino e masculino; e plataforma 10m sincronizado misto.

A paraibana Luana Lira não conseguiu a vaga para Paris, mas vai em busca de melhorar o seu desempenho no trampolim de 3m

BRASILEIRÃO

# Vasco encara o Atlético, no Paraná

Depois de ser goleado em casa pelo Criciúma, o time carioca busca a reabilitação jogando na Arena da Baixada

A rodada de número cinco do Campeonato Brasileiro da Série A programa para este domingo mais quatro jogos com destaque para Athletico-PR x Vasco, a partir das 16h, na Arena da Baixada. Três jogos desta rodada foram adiados, ainda sem data, pela CBF devido às fortes chuvas que caíram durante toda a semana no Rio Grande do Sul: Cruzeiro x Internacional, Juventude x Atlético de Goiás e Grêmio x Criciúma. Além do jogo no Paraná teremos ainda Cuiabá x Palmeiras, às 18h30, na Arena Pantanal; Vitória x São Paulo, às 16h, no Barradão; e Botafogo x Bahia, às 18h30, no Nilton Santos.

O Athletico, que foi surpreendido pelo Ypiranga no meio da semana pela Copa do Brasil, derrota de 2 a 1, depois de estar vencendo já no final da partida por 1 a 0, levou dois gols nos acréscimos, jogo em Erechim, no Rio Grande do Sul, pela terceira fase. Com isso, obriga o Rubro-Negro paranaense a entrar ainda mais ligado diante do Vasco que vem de um resultado heróico no Castelão, no Ceará, quando empatou sem gols com o Fortaleza pela mesma competição.

O Furacão continua liderando o ranking de melhor mandante do futebol brasileiro. E apesar do revés diante do Ypiranga, o Furacão tem tudo para manter a boa contagem dentro de casa.



Jogadores do Vasco fazem corrente de oração antes do jogo contra o Fortaleza na última quarta-feira, no Castelão

Este jogo será o encontro de um bom ataque quando joga em casa e uma defesa frágil, especialmente quando sai do Rio de Janeiro – se bem que foi em São Januário que o Vasco sofreu a sua grande goleada neste Campeonato Brasileiro, contra o Criciúma, por 4 a 0.

Além do bom desempenho ofensivo que o Athletico-PR tem dentro de casa, é importante destacar também que o time

de Cuca é muito sólido defensivamente quando joga na Ligga Arena. No recorte dos últimos cinco jogos disputados como mandante, o Furacão não levou gol em nenhum deles. O jogo será transmitido pela TNT (TV fechada), Cazé TV (YouTube) e Rede Furacão (Streaming).

Na Arena Pantanal, a partir das 17h30, o Cuiabá recebe o Palmeiras. Será o segundo jogo seguido do Dourado

como mandante no Brasileirão. Na estreia em casa, no sábado (27), acabou derrotado por 3 a 0 para o Atlético-MG. A equipe do Mato Grosso faz uma péssima campanha, ainda sem pontos e na lanterna da Série A – perdeu os três confrontos que fez, mas tem um jogo a menos em relação à maioria dos adversários. Contra o Palmeiras, busca a reabilitação também na temporada, já que não vence há cinco partidas.

O time comandado por Abel Ferreira empatou sem gols contra o São Paulo na segunda-feira (29) pelo Brasileirão e busca uma melhor posição na tabela já que soma apenas cinco pontos em quatro jogos (uma vitória, dois empates e uma derrota). Na quinta-feira, o Pal meiras venceu o Botafogo-SP por 2 a 1 pela Copa do Brasil, jogo de ida. O confronto deste domingo no Mato Grosso será mostrado pelos canais do Premiere.



## Botafogo e Bahia fazem o clássico deste domingo no Nilton Santos

A CBF escalou Rafael Rodrigo Klein, do quadro da Fifa e da Federação Gaúcha, para apitar Botafogo x Bahia, neste domingo, às 18h30, no Estádio Nilton Santos. pela quinta rodada do Campeonato Brasileiro-2024 e que será mostrado pelo SporTV e Premiere.

Kleinapitou apenas três jogos em competições da CBF em 2024: Red Bull Bragantino 1×0 Corinthians,

pelo Campeonato Brasileiro, e Vasco 3×3 Água Santa e Sousa 2×0 Cruzeiro pela Copa do Brasil.

O Botafogo vive um grande momento no Campeonato Brasileiro, principalmente depois de ter vencido o Flamengo, domingo passado, no Maracanã, por 2 a 0. Na última quinta-feira estreou na terceira fase da Copa do Brasil e derrotou o Vitória por 1 a 0, jogando também

no Nilton Santos. O segundo jogo entre as equipes será no Barradão, dia 21 de maio.

E por falar em Vitória, o Rubro-Negro baiano atua, hoje, em seu estádio diante do São Paulo, a partir das 16h, ao vivo pela Globo e SporTV. O time baiano perdeu do Cruzeiro por 3 a 1 na quarta rodada, enquanto o São Paulo empatou sem gols contra o Palmeiras.

# INFORMATIVO TABAJARA

9H • 10H • 16H • 17H

De segunda a sexta.  
Apresentação:  
Oscar Xavier e  
Reginaldo Venâncio.

COMUNICAÇÃO DIRETA  
E DINÂMICA COM VOCÊ!

RÁDIO  
Tabajara  
FM 105,5

EMPRESA  
PARAIBIANA DE  
COMUNICAÇÃO

## Jogos de hoje

■ **Brasileirão**

16h

Vitória x São Paulo - TV Globo e Premiere  
Athletico-PR x Vasco - Cazé TV, TNT e Rede Furacão

18h30

Botafogo x Bahia - SporTV e Premiere  
Cuiabá x Palmeiras- Premiere

Figueirense x Aparecidense  
Botafogo-PB x Remo

19h

Athletic Club x ABC  
Sampaio Corrêa x Caxias

20h

Londrina x CSA

■ **Série D**

16h

Treze x Sousa

17h

Potiguar (M) x Maracanã

18h

América-RN x Atlético-CE

## HISTÓRIA

# Paraíba dos engenhos

*Resguardar a atividade econômica é essencial para o entendimento da gênese da formação do Estado da Paraíba*

Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

Para entender a importância dos engenhos no estado, precisamos compreender a relevância da produção de cana-de-açúcar na época, pois esta foi a principal atividade econômica no Brasil Colônia, por ser o produto protagonista da exportação, por conta de seu grande valor agregado no mercado externo. Para o historiador Lúcio Vasconcelos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), “o açúcar é fundamental no processo de conquista da Paraíba porque, entre os séculos 16 e 18, é como pensarmos no petróleo do século 20 e 21”.

Para construir um engenho era necessário deter um grande capital, para compra de terras, animais, ferramentas e mão de obra escravizada. E nesse ponto, é fundamental perceber que toda a produção açucareira dessa época foi gerada por uma mão de obra escravizada, primeiramente indígena, e posteriormente, provenientes da diáspora africana.

“Muito provavelmente os primeiros escravizados que trabalharam nas produções dos engenhos eram indígenas. Então, os nossos tabajaras e os nossos potiguaras foram a principal força de mão de obra utilizada nesses engenhos mais antigos. A partir da segunda metade do século 17, começa a aumentar o fluxo de negros escravizados e, entre os séculos 18 e 19, vão ser cada vez mais negros escravizados nos engenhos e cada vez menos indígenas porque os nativos ou fogem para o interior ou simplesmente são exterminados”, destaca Helton Medeiros, especialista em gestão pública voltada à preservação patrimonial.

Segundo Vasconcelos, “os engenhos tinham que ficar próximos, inicialmente, ao Litoral porque tinha os car-

## Crucial

No processo de conquista da Paraíba, entre os séculos 16 e 18, o açúcar estava como o petróleo representa para o século 20 e 21

ros de boi que levavam esse açúcar e faziam a navegação pelo Rio Paraíba, pelo Rio Mamanguape, para chegar até o Litoral e ser exportado. Depois tem uma expansão para a região do Brejo paraibano, tendo em vista as questões climáticas”. Ainda segundo o historiador, foram implantados engenhos também no Sertão paraibano, mas assim como no restante do país, a ocupação dessa região foi feita, predominantemente, pela criação de gado.

Os engenhos eram grandes complexos agromanufatureiros formados por quatro elementos, basicamente, a casa grande, o engenho, a senzala e a capela. “Tinha a casa grande, onde morava o senhor [de engenho], tinha a unidade produtiva de açúcar, que é o engenho propriamente dito, ou seja, a fábrica onde se fabricava o açúcar, tinha ainda as senzalas, que eram onde os trabalhadores escravizados ficavam e também tinha a capela”, destaca Helton Medeiros.

Com o declínio da produção açucareira a estrutura dos engenhos vai sendo apropriada pelas usinas, abandonada ou, simplesmente, destruída. Para Medeiros, “é muito interessante perceber que, se a gente ainda for visitar essa região da Várzea, aqui do Rio Paraíba, adentrar ali nos canaviais de Santa Rita, de Cruz do Espírito Santo, ainda é muito comum encontrar capelas dos antigos engenhos ainda de pé, mas as casas grandes e as senzalas muito raramente vai encontrar”.



Engenho Gregório de Baixo, na região brejeira do estado: em plena atividade, sua fundação remonta ao século 19



## Preservação sem romantizar a época

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o tombamento dos engenhos é realizado pelo Poder Público, nos níveis federal, estadual ou municipal.

No âmbito federal, temos o antigo Engenho Marés, localizado em Bayeux. Já em nível estadual, o Instituto Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) existem três tombamentos relacionados às estruturas de antigos engenhos. É o caso do conjunto arquitetônico do Engenho Baixa Verde, localizado em Serriaria, Engenho Corredor, no município de Pilar e o antigo Engenho Paul, que se encontra na capital paraibana, ao lado do Parque Zoológico Arruda Câmara – a Bica.

No âmbito turístico, o estado conta com o roteiro “Caminho dos Engenhos”, que compreende os municípios do Brejo paraibano, com destaque para a cidade de Areia, tombada pelo Iphan, em 2006. Contudo, vale destacar que o tombamento realizado diz respeito ao núcleo urbano, deixando de lado os engenhos. Nas palavras do analista técnico do Sebrae-PB, Pablo Queiroz, “Areia, hoje, se destaca como um dos maiores produtores, sendo o terceiro em número de engenhos do Brasil e o primeiro do Nordeste”. Ainda segundo Queiroz, a média de visitantes no município gira em torno de 25 mil pessoas por ano.

Para Helton Medeiros, especialista em gestão pública voltada à preservação patrimonial, a preservação dos engenhos é essencial para o entendimento da história da Paraíba, devido à grande importância que a atividade teve, e tem ainda, no estado. “Preservar os engenhos é mais do que preservar uma atividade econômica, é preservar o entendimento da gênese da formação do estado da Paraíba. Você não entende o surgimento do estado da Paraíba, da antiga Capitania Real da Paraíba, na época da colônia, se você não entender a importância do engenho, que o açúcar tinha naquela época”, ressalta o especialista.

Contudo, é preciso ter cuidado ao não confundir preservação com romantização. Vale destacar que o contexto dos engenhos é, essencialmente, escravocrata. Se perdermos de vista essa dimensão, o olhar para essas ruínas, do que já foi engenho, passa a ser contemplativo, romântico.

“Você tem que ter consciência que mora no país em que mesmo a riqueza dos ditos brancos foi construída através do trabalho dos escravizados indígenas, no primeiro momento, e negros, no segundo momento. Preservar sem ter essa perspectiva, do lado difícil, doloroso, sofrido e perverso é romantizar. Então, as duas coisas fazem parte do processo que a gente não pode eliminar, porque isso que faz a complexidade, a real percepção da riqueza cultural”, conclui Helton Medeiros.

## Passeio pelos engenhos no Brejo da PB

Para ilustrar o atual universo da cachaça paraibana, a reportagem visitou quatro engenhos no Brejo paraibano, nos municípios de Alagoa Grande e Cruz do Espírito Santo. Passamos pelos engenhos das cachaças Gregório, Volúpia, Nobre e São Paulo.

Em Alagoa Grande, os dois engenhos visitados têm estrutura para visitação, o Gregório de Baixo, da cachaça Gregório, e Alagoa Verde, da cachaça Volúpia. A visita consiste em conhecer as dependências e sua história, além da degustação das cachaças. Segundo Ricardo Lemos, proprietário do engenho Gregório de Baixo, a fundação do engenho remonta ao século 19. “Eu sou a quinta geração da família na cachaça. Isso aqui foi do meu bisavô, a gente data que essa construção aqui foi de 1886 ou 87”, destacou Lemos.

Em Cruz do Espírito Santo estão os engenhos das cachaças Nobre e São Paulo. Ambos não tem visitação e são bem distintos. O primeiro chama atenção por não ter muito tempo de fundação e por ter sido erguido com técnicas de bioconstrução, mais especificamente hipercobes, onde sacos raschel são preenchidos com terra e através de compactação manual, as camadas se estabilizam em um material portante e seguro.

Já o engenho da cachaça São Paulo é um dos maiores do estado, com uma produção anual de seis milhões de litros. O nome foi por conta da tradição em utilizar nomes de santo para os engenhos. Conforme Múcio Fernandes, proprietário e presidente do Sindicato das Indústrias de Bebidas em Geral (SindBebidas), o uso de nomes

de santo era comum para o batismo de engenhos.

Atualmente, o estado tem a maior produção de cachaça de alambique do Nordeste, produzindo 25 milhões de litros, em 2023. “A cachaça passou muito tempo tratada como uma bebida marginalizada, uma bebida de péssima qualidade, mas a Paraíba tem se destacado e tem ganhado muitos prêmios, inclusive causando inveja no grande mercado produtor de cachaça que é Salinas, em Minas Gerais”, acrescentou André Amaral Filho, presidente da Associação de Produtores de Cachaça de Alambique (Aspeca).

### Usinas

A implantação das usinas no estado representa a industrialização dessa produção de cana-de-açúcar, feita anteriormente pelos

engenhos. Além do açúcar, outro derivado da cana é o etanol, biocombustível utilizado em motores de combustão interna com ignição por centelha. A sua produção resulta em dois tipos, o etanol anidro, usado na mistura para a gasolina C, e o etanol hidratado, comercializado no país como combustível acabado.

Em 1975, por conta de uma grande crise de petróleo, o Governo Federal implementou um programa de fomento à produção de bioenergia, o Programa Nacional do Alcool (Pró-Alcool).

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool do Estado da Paraíba (Sindalcohol-PB), Edmundo Barbosa, um dos principais pontos da produção de cana consiste na diminuição da emissão de CO2 na atmosfera.



Engenho da cachaça Nobre fica em Cruz do Espírito Santo

# Chico Mozart

## Um sinônimo de pioneirismo no campo publicitário da Paraíba



Nascido no município de Cantagalo (RJ), Mozart fez da Paraíba sua casa e “por aqui ficou para o resto de uma vida, tão comunicativa como seu ofício”

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

A inovação é um dos principais ingredientes da publicidade. Surpreender e sensibilizar o público envolvido tanto o conhecimento e os recursos técnicos quanto a habilidade criativa. Francisco Mozart de Paula, mais conhecido como Chico Mozart, marcou sua trajetória na publicidade paraibana por articular com maestria esses elementos.

Nasceu no município de Cantagalo (RJ), mas deixou a cidade logo cedo para viver com a família na cidade vizinha, Cordeiro (RJ). Trabalhou como produtor para campanhas publicitárias em televisão em Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) e Fortaleza (CE), onde conheceu a esposa Darcy de Paula, com quem teve dois filhos. Da capital cearense, mudaram-se para o Recife (PE), onde integrou a equipe da Agência Nove, uma das mais respeitadas e conhecidas do Nordeste.

Veio à Paraíba trazido pelo governador Tarcísio Buriti, em 1980, e ocupou a função de assessor de promoções e propaganda do Governo do Estado. Mozart fez da Paraíba sua casa e “por aqui ficou para o resto de uma vida, tão comunicativa como seu ofício”, narra o amigo Gonzaga Rodrigues, em uma de suas crônicas.

Na chegada à terra onde o sol nasce primeiro, Mozart trazia uma extensa e reconhecida bagagem de experiência no mercado publicitário, como demonstra a matéria da edição de 19 de agosto de 1980, do jornal **A União**, que relata a participação do profissional numa conferência sobre a Comunicação Publicitária, realizada para alunos e professores do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“Mozart, detentor de prêmios, inclusive internacionais, como o Clio, falará sobre a propaganda no Brasil,

utilização de veículos, etapas da formação do anúncio, mercado de publicidade etc.”, credencia-o o periódico. A notícia destaca ainda que a agência da qual Mozart fazia parte, no Recife, havia sido escolhida no ano anterior como a melhor pelo maior prêmio nacional da categoria, à época. Na conferência, realizada para a comunidade acadêmica, também foram exibidos filmes produzidos pelo publicitário.

O jornalista Martinho Moreira Franco, falecido em 2021, escreveu, em uma de suas memórias para o jornal **A União**, a história da gravação da mensagem natalina produzida no primeiro governo de Tarcísio Buriti. O então secretário de Estado da Comunicação, Carlos Roberto de Oliveira, havia encarregado o jornalista Gonzaga Rodrigues de escrever o texto e convocou Chico Mozart, autorizando-o a viajar ao Rio de Janeiro para gravar a mensagem com o apresentador do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, Cid Moreira.

“Dá pra imaginar o nível da gravação? Pois Mozart voltou do Rio, rodou a fita cassette com a voz do locutor da Globo e, movido por intensa emoção, disse ao secretário: ‘Quando terminou de ler o texto, Cid Moreira estava com os olhos cheios de lágrimas. Chico Nove, como era conhecido na Secom (Secretaria de Comunicação), devido à origem do seu trabalho no Recife, foi rebatizado na hora como Chico Dez’”, arrematou Martinho.

Em solo paraibano, Chico Mozart se destacou nas campanhas publicitárias políticas. “Montou a Mozart Produções, situada na Avenida Piauí, no Bairro dos Estados, de onde produzia e editava todo material de vídeo da campanha de Wilson Braga para o Senado e Marcondes Gadelha para o governo, em 1986”, relata o jornalista e apresentador Aldo Schueler, que veio do Rio de Janeiro especialmente para essa campanha e acabou também ficando por aqui.

Durante a gestão de Wilson Braga como governador da Paraíba (1983-1986), Mozart também esteve à frente da campanha publicitária do Projeto Canaã, que tinha por objetivo a construção de açudes de médio e grande porte para abastecer a população da região do Semiárido e estimular a produção de alimentos no estado. Também esteve na equipe de criação do primeiro vídeo publicitário que tinha como *slogan* a Paraíba como “lugar onde o sol nasce primeiro”.

O jornalista Luiz Carlos Sousa enfatiza a importante contribuição de Chico Mozart durante a implantação

da televisão em João Pessoa, de modo particular na contratação de profissionais para trabalhar, seja na área técnica ou em frente das câmeras. “Chico Mozart foi um profissional que sabia transformar histórias em vídeo. Chegou à Paraíba e trouxe a técnica de capturar e produzir filmes para TV. Antes, era obrigatório se recorrer a centros mais desenvolvidos na produção, como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo”, reconhece Sousa.

Apesar de ter convivido somente até os 12 anos com o pai, Pedro Veiga, o único dos sete filhos que enveredou pelo caminho da publicidade, recorda o cuidado de Chico Mozart com as produções que desenvolvia. O editor de vídeos publicitários também reconhece, seja pelas lembranças ou pelos relatos de pessoas que conheceram seu pai, o profissionalismo de Mozart. “Não era só chegar, apertar o *REC* na câmera ou fazer a pessoa falar de qualquer jeito, entende? Se a sombra estava errada, ele pedia: ‘Põe essa luz aqui, mais para cá! Vamos tirar essa sombra do rosto desse personagem’. É um preciosismo mesmo, do que um entende, de quem gosta, de quem tem cuidado”, explica Pedro, que toma essas lições também para seu exercício profissional.

Pedro Veiga ressalta, ainda, que o trato do pai com as pessoas e o trabalho de uma agência que também era produtora foram fundamentais para o sucesso que ele alcançou. “Quando ele pegava um cliente, por exemplo, ele escrevia o roteiro, ele dirigia o filme... dava um direcionamento de mercado, que eu acho que é o que falta nas agências hoje, inclusive. Ele dava toques de negócios: ‘Investe nisso aqui, faça aquilo lá!’, exemplifica. Esse mesmo espírito empreendedor fez Mozart deixar, aos poucos, o trabalho com o audiovisual porque acreditava que a indústria já tinha passado a fase áurea e estava falida.

O pioneirismo de Chico Mozart no campo publicitário foi também por compartilhar os segredos do ofício com seus pares. “Quando ele chegou a João Pessoa não tinha muita gente trabalhando com propaganda. Era uma geração



Mozart colecionou prêmios (inclusive fora do país) e se destacou nas campanhas publicitárias políticas

que não tinha muito essa formação. Então, ele abriu as portas para as pessoas, fez um trabalho maravilhoso”, aponta a companheira Darcy. “Ele se relacionava bem com todas as pessoas. Não era alguém que falava sem pensar e tinha um raciocínio muito bom”, completa.

Além da criatividade, Mozart estava sempre atento a tudo que de novo surgia no merca-

do e que pudesse auxiliar em seu trabalho na comunicação ou ser uma oportunidade de negócio. Tinha as melhores câmeras na sua produtora, explorou o serviço de telefonia móvel quando ainda nem se projetava o uso massivo do telefone celular que temos hoje. “Era daqueles telefones dentro do carro, como nos filmes dos anos 1980. Além de ser um comunicador,

## Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

## O “fracasso bem-sucedido” dos casos de assédio judicial

Silenciar a crítica pública, esconder malfeitos, inibir a atuação de jornalistas. Esses são alguns objetivos do chamado assédio judicial. O termo, cunhado pela advogada Tais Gasparian há mais de 15 anos, significa “o uso de medidas judiciais de efeitos intimidatórios contra o jornalista, em reação desproporcional à atuação jornalística lícita sobre temas de interesse público”.

No dia 24 de abril, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) lançou, em São Paulo, o Monitor de Assédio Judicial contra Jornalistas no Brasil. A ferramenta busca sistematizar as ações judiciais que visam intimidar, fragilizar e silenciar o trabalho jornalístico.

De 2008 a março de 2024, foram registrados 654 processos que tramitam em varas de todo o país, os quais representam 84 casos de assédio judicial. Para chegar a esse número, a Abraji realizou uma pesquisa que conceituou, mapeou e sistematizou os dados sobre o fenômeno do assédio judicial no Brasil.

Conforme o relatório, o assédio judicial se traduz em “processos movidos por pessoa física ou jurídica, em contexto de desequilíbrio entre as partes, em desfavor de pessoa jornalística, e que possam causar consequências judiciais intimidatórias à vítima”. Para ser considerada assédio judicial, é necessário que a ação seja evidentemente infundada ou que as estratégias processuais utilizadas sejam abusivas, causando exaustão à vítima e prejuízo no exercício de seu direito de defesa.



No dia 24 de abril, em São Paulo, lançamento da iniciativa Monitor de Assédio Judicial contra Jornalistas no Brasil pela Abraji

O Monitor registra que há quatro tipos de assédio que podem ser empregados como meio de intimidação à imprensa: 1) Processos que têm um mesmo jornalista como vítima de ações coordenadas; 2) Processos ajuizados por um mesmo autor litigante contumaz; 3) Processos com pedidos de indenização exorbitantes; 4) Processos que se valem do uso do sistema criminal. A partir da análise dos dados, o tipo de assédio mais frequente (450) foi o de processos que têm um mesmo jornalista como vítima de ações coordenadas.

Um dos casos de assédio judicial citados durante o lançamento do Monitor, foi o da jornalista Elvira Lobato, vítima de ataques por

parte de pastores da Igreja Universal do Reino de Deus. Então repórter da *Folha de S.Paulo*, ela venceu todos os processos impetrados por membros da igreja em diversos estados do país. Mas o caminho da jornalista não foi fácil. O assédio judicial dos pastores engessou por dois anos a agenda de Elvira e de sua advogada, Tais Gasparian. Ambas tiveram de percorrer diferentes partes do Brasil, para participar das audiências. Nessa situação, conforme relato da advogada, ficou evidente a intenção da igreja de importunar a jornalista e de inviabilizar seu trabalho.

Para a pesquisadora Bianca Villas Bôas (uma das responsáveis pelo projeto do Mo-

nitor ao lado do jurista e professor Rafael Mafei), tais processos estão fadados a um “fracasso bem-sucedido”, pois “o ataque à imprensa já está dado”. Ou seja, como citado no relatório da Abraji, o objetivo dessas ações não é a concessão judicial do seu pedido, mas o ônus que o simples fato de ser processado trará ao jornalista.

A iniciativa da Abraji é essencial para lançar luz sobre um problema que afeta o bolso e a saúde mental dos jornalistas, além de impactar a liberdade de imprensa. O relatório do Monitor de Assédio Judicial contra Jornalistas no Brasil está disponível na internet.

## Tocando em Frente

## Os Conjuntos Vocais – XV

Três Marias – Das Três Marias, nenhuma era Maria. A ideia de criação do grupo nasceu, em 1942, nos corredores da Rádio Nacional, sendo o seu arquiteto o radialista José Mauro, então diretor artístico daquela emissora carioca, com o objetivo de elas fazerem o *backing vocal* para acompanhar os intérpretes principais, tanto em programas radiofônicos da emissora como em gravações fonográficas. Faziam parte da primeira formação do conjunto Marília Batista, Bidu Reis e Salomé Cotelli.

A primeira aparição em disco aconteceu naquele mesmo ano, quando o trio acompanhou a já consagrada Linda Batista na gravação do disco 78 rpm, da RCA Victor, com os fonogramas “Bom dia” (Aldo Cabral/Herivelto Martins) e “Aula de Música” (Haroldo Barbosa/Herivelto Martins). No ano seguinte, acompanhadas por Zacarias e sua Orquestra, gravaram o samba “Morena boca de ouro” (Ary Barroso) e dois foxtrotes, hoje esquecidos, em versões interpretadas por Francisco Alves. Posteriormente, ainda gravaram, com Albertinho Fortuna, o ainda hoje lembrado samba “Ai que saudades da Amélia” (Ataulfo Alves), e o sucesso para o Carnaval de 1944: “Cai, cai” (batucada de Roberto Martins): “Cai cai, cai cai, eu não vou te levantar / cai cai, cai cai, oi, quem mandou escorregar / Cai a chuva no telhado, seu olhar caiu no meu / Cai a sombra do passado...”, sucesso também gravado, posteriormente, por Carmen Miranda, Wilson Simonal e Marlene.

O grupo participou de alguns filmes e, ao longo de sua existência de pouco mais de



Capa do LP do grupo pernambucano Os Garotos da Lua, lançado originalmente em 1956

uma década, passou por cinco formações diferentes, desfazendo-se em 1957.

**Os Garotos da Lua** – O grupo teve origem em Pernambuco, na primeira metade dos anos 40, mas, em seguida, fixou-se no Rio de

Janeiro. Seu estilo buscava inspiração nos vocais harmônicos de conjuntos anteriores, como o Bando da Lua e os Anjos do Inferno.

Integravam a sua formação original Jonas Silva (voz e violão), Antônio Botelho dos Santos, o Toninho (pandeiro), Álvaro Pinheiro de

ele era um grande vendedor e estava muito antenado com tudo”, revela Pedro.

O amigo e jornalista Luiz Carlos Sousa recorda que “Chico era um bom papo, sempre disposto a dar uma explicação e a se solidarizar com o próximo. Ouvia muito”. E frisa outra característica particular do publicitário: “Gostava de carros esportivos, com seus Puma e Miura, sempre a chamar a atenção pela agressividade do *design* e pelo ronco dos motores”. Apesar disso, mantinha um estilo despojado, especialmente no modo de se vestir. “Era um homem sem maiores vaidades, não usava paletó, nem mesmo sapatos fechados, só sandálias masculinas de couro, mesmo frequentando diariamente o Palácio da Redenção”, conta Gisa Veiga, jornalista com quem Mozart foi casado.

A relação de Mozart com a música não estava apenas no nome que recebera em homenagem ao famoso compositor austríaco. O publicitário tinha afinidade com o violão, e chegou a ser considerado um virtuose pelo companheiro de trabalho Martinho Moreira Franco: “Certa vez, deixou Tarcísio Buriti encantado com sua performance na execução de clássicos dos grandes mestres – o que não era pouca coisa, tratando-se o então governador de reconhecida autoridade em música erudita”.

Das memórias que o filho Pedro Veiga tem do pai, uma delas é de assistir às sessões de violão clássico na televisão. “A casa dele, assim como a casa da minha mãe, era uma casa que respirava cultura, música, filmes, quadros... Ao mesmo tempo, eu lembro a gente passar uma noite inteira assistindo *Jornada nas Estrelas - A Nova Geração*, com isso uma porrada de filme maluco, *cult*, desde os filmes hollywoodianos a filmes franceses e os *spaghetti* italianos. Ele era um cara que entendia muito de tudo relacionado à cultura, tanto de música como de cinema”, reforça o filho.

Chico Mozart faleceu aos 56 anos, em 21 de janeiro de 2002, vítima de infarto. Pavimentou o caminho da publicidade na Paraíba com sua inventividade e profissionalismo para que outros pudessem, hoje, também, percorrê-lo.

Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

Sená, o Alvinho (violão), Acyr Bastos Mello (afóxe) e Milton Alexandre Silva (violão).

A estreia em disco aconteceu em 1946, quando gravaram a rumba “Caravana” (“Caravan”, de Duke Ellington, com versão de Ernani Reis) e “In the Mood”, de J. Garland, versão de Inaldo Vilarim, em samba estilizado, em disco de 78 rpm (Continental). Entre 1947 e 1957, passaram a gravar alguns fonogramas pela Star, Sinter, Todamérica e RCA.

Em 1950, Alvinho, ouvindo uma apresentação de um garoto pela Rádio Sociedade da Bahia resolveu convidá-lo para substituir o vocalista Jonas que saíra do conjunto. Assim, João Gilberto, o garoto, ainda conhecido como Joãosinho, foi levado para o Rio, para integrar o grupo como *crooner* e violonista. Após cerca de um ano e meio participando dos Garotos da Lua, ele foi quase que “forçado” a desistir, pelo fato de que era averso aos horários e compromissos de ensaios e até de apresentações. Mesmo assim, ainda chegou a gravar dois fonogramas com os Garotos da Lua.

Um fato também notório aconteceu com relação ao divertido samba “O Pato” (Jaime Silva/Neuza Teixeira): a música fazia parte da *checklist* das apresentações do conjunto, no entanto nunca foi gravada por eles e teria permanecido inédita se o esperto *ex-crooner* não a houvesse “revestido” dentro do estilo que o consagrou na Bossa Nova. Daí, ele resolveu colocá-la no seu segundo álbum (LP) e, ainda hoje, representa o que de mais original ele gravou.

Mesmo assim, os Garotos da Lua ainda sobreviveram até 1957, deixando-nos um álbum (LP) gravado pela Sinter.

FUNÇÃO

Modo avião do celular:  
por que é preciso usar?

Entenda para que serve o recurso, principalmente nas fases críticas do voo

Henrique Sampaio

Agência Estado

Os celulares modernos emitem diversos tipos de ondas eletromagnéticas como Wi-Fi, Bluetooth, dados móveis, NFC (para comunicações por proximidade, como carteiras digitais) e GPS. Ao voar de avião, essas tecnologias podem emitir ondas que, se operarem nas mesmas faixas de frequências usadas pelos sistemas de navegação e comunicação da aeronave, podem causar interferências, especialmente nas fases críticas do voo, como pouso e decolagem.

É por isso que, durante uma viagem de avião, os passageiros devem configurar seus celulares para o modo avião, que desativa todas as transmissões e recepções de sinais sem fio do aparelho. Com o “modo avião” ativado, o celular fica completamente *off-line*.

Embora o modo avião limite a chegada de notificações *on-line*, ele não irá impedir seu celular de emitir alertas *off-line* programados por você, como seus alarmes. Portanto, em um cinema ou peça de teatro, além de ativar o modo avião, o ideal é que você também coloque o celular no modo silencioso.

Por desabilitar seus recursos de conectividade, o modo avião também acaba preservando a bateria do celular, sendo uma opção útil quando você precisa está longe de um carregador e precisa manter seu celular ligado.



Foto: Pexels

Sinal de celular só é liberado aos passageiros durante períodos de estabilidade da viagem

O que acontece se não ativar o modo avião durante um voo? Ao contrário da crença popular, você não corre o risco de derrubar o avião apenas por tirar seu celular do modo avião, mas isso poderá prejudicar a comunicação da aeronave com as torres de comando.

Há também preocupação de que a interferência causada por ondas eletromagnéticas de celulares possa causar a perda de informações importantes de voo, como velocidade e dados de navegação. Por isso é importante manter o dispositivo *off-line* durante o trajeto.

Wi-Fi durante o voo

Aviões conseguem oferecer Wi-Fi sem interferir nas comunicações de voo por meio de tecnologias projetadas para evitar tal interferência. Uma delas é por conexões via torres de transmissão terrestres. Quando o avião está sobre-

voando áreas com cobertura de torres de transmissão, ele utiliza antenas localizadas na parte inferior da fuselagem para captar o sinal de Wi-Fi dessas torres, de maneira similar à recepção de sinal por dispositivos em terra. Em áreas em que não há torres, como sobre oceanos, o avião pode utilizar satélites para preservar a conexão.

Uma regulação da Anac diz que as companhias aé-

reas são responsáveis por prover a segurança necessária para que o Wi-Fi oferecido durante o voo não interfira no funcionamento dos equipamentos do avião e em sua comunicação com as torres de comando.

De qualquer forma, o sinal só é liberado aos passageiros durante períodos de estabilidade e fora dos momentos críticos, como etapas de decolagem e pouso.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: dupla (1) = par + faixa etária (3) = idade. Solução: equilíbrio (4) = paridade. Charada de hoje: No contexto religioso, não sou a favor (1) de quem é enxerido (3) e não reconhece a vinda do que chamamos de Salvador (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Foto: Ludo Divulgação

Eita!!!!

# Animação de sucesso

Depois de *Peppa Pig* e *Mônica Toy*, o mais novo sucesso mundial vem da Austrália, a série de animação infantil *Bluey*. Voltada para os menores a partir dos seis anos, o projeto já foi vencedor do International Emmy Kids Awards, na categoria Crianças em Idade Pré-escolar. A animação foi criada por uma equipe de australianos da Ludo Produtora e tem repercutido ao redor do mundo, em países como Estados Unidos, Brasil e Portugal. O seriado conta a história de uma família de cachorros da raça boiadeiro-australiano, que vivem na Austrália. Bluey é a protagonista, com seis anos de idade, que tem uma irmã mais nova chamada Bingo, um pai conhecido como Bandit e uma mãe de nome Chilli.

# Filhas como inspiração

Bluey é uma menina extremamente curiosa e cheia de energia, como a maioria das crianças de sua idade, mas seu espírito incansável acaba causando alguns problemas e desentendimentos. Principalmente com sua irmãzinha, que é mais tímida e contida. Ao longo dos episódios, vemos Bluey aprender a equilibrar sua curiosidade e disposição com respeito e paciência, evoluindo ao longo de cada episódio. “A ideia de Bluey veio do (animador australiano) Joe Brumm e foi inspirada em sua experiência pessoal na criação de duas filhas. Joe estava procurando criar algo com apelo tanto para os pais quanto para as crianças. Uma série que exaltasse a importância de brincar e refletisse a vida familiar moderna”, explicou o roteirista, diretor e produtor Daley Pearson, cofundador da Ludo com o produtor Charlie Aspinwall.

# Também para adultos

Os personagens de *Bluey* convivem com desafios reais, fáceis de se identificar, tanto para crianças como para adultos. Enquanto as duas crianças lidam com aprendizados sobre convivência e autodescoberta, os dois pais precisam aprender a equilibrar sua carreira profissional e a criação das filhas. “Os pais podem se identificar com esses personagens, assim como as crianças fazem com os personagens infantis. Os pequenos irão entender que os adultos da série são como os adultos de sua vida, fazendo coisas que adultos realmente fazem”, contou Charlie Aspinwall.

# Onde assistir?

Cada episódio de sete minutos de *Bluey* leva quatro meses para ser produzido. Atualmente com três temporadas (2018-2022), a série pode ser vista em plataformas de *streaming* como Disney+ e YouTube (@blueyportuguesbrasil-canal) ou ainda no site oficial da animação no Brasil (www.brasil.bluey.tv). A classificação indicativa é livre.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – curativo; 2 – asa; 3 – perna dos óculos; 4 – bigode; 5 – nuvem; 6 – chave; 7 – fio; 8 – acento circunflexo na placa; 9 – cordão.